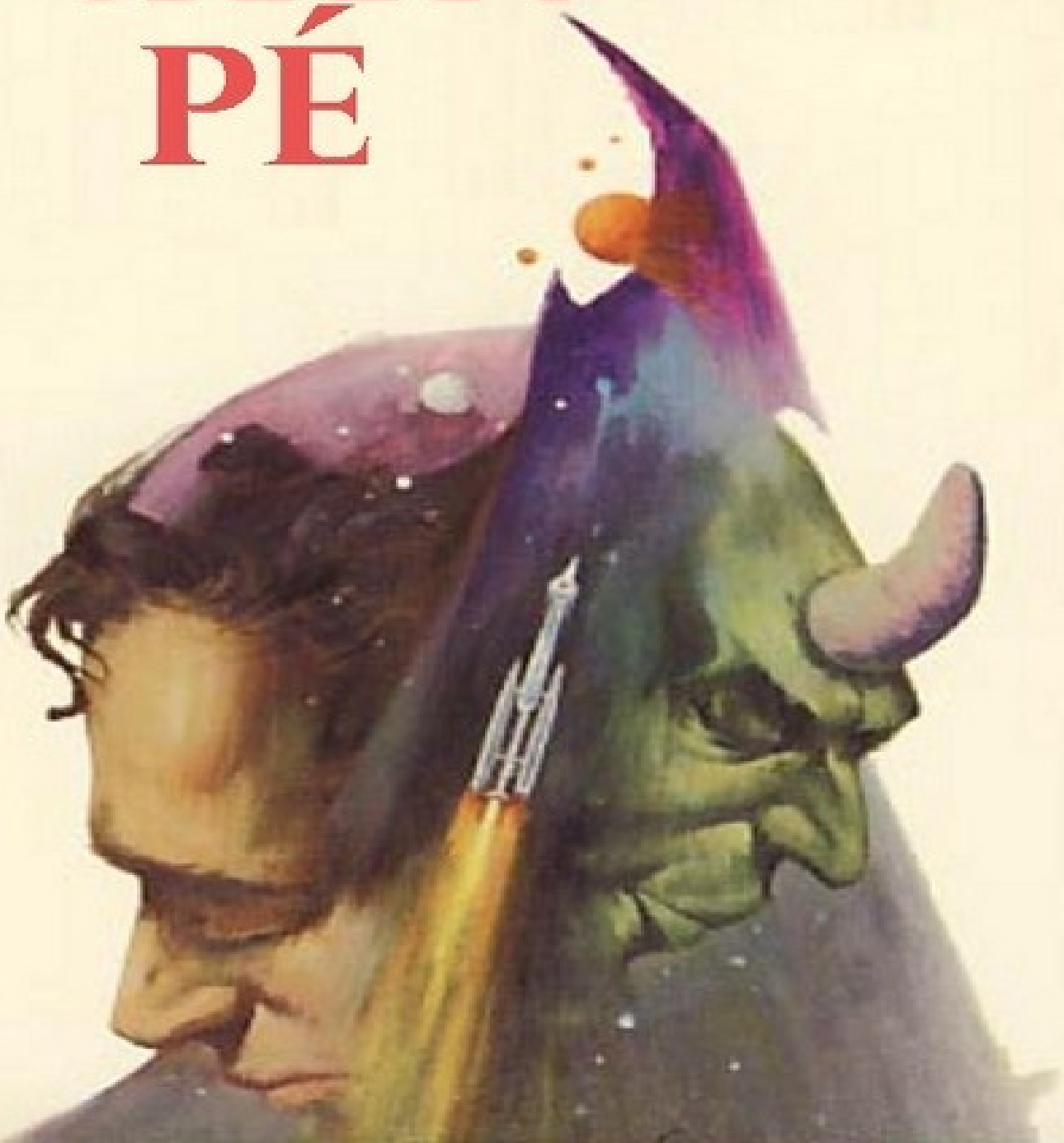
DAMON KNIGHT

O OUTRO PÉ



Damon Knight

O OUTRO PÉ

Tradução de ANTÔNIO AFONSO

José Olympio, 1974.

Título original: *The Other Foot*

COLEÇÃO ASTERÓIDE — 9
Direção de JOSÉ SANZ

EDIÇÕES SABIÁ pertence à Livraria José Olympio Editora S.A., que se reserva a propriedade dos direitos exclusivos para a língua portuguesa desta edição.

Copyright © 1955 by Damon Knight, por acordo com E. J. Carnell Literary Agency.

Todos os personagens desta obra são fictícios e qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas é mera coincidência.

FICHA CATALOGRÁFICA
(Preparada pelo Centro de Catalogação-na-fonte
do Sindicato Nacional dos Editores de Livros, GB)

Knight, Damon, 1922-
K770 O outro pé; tradução de Antônio Afonso. Rio de Janeiro,
José Olympio, 1974.

1. Ficção científica. I. Título. II. Série.

73-0202 CDD-813.0876

Sinopse

MARTIN NAUMCHICK, repórter do *Paris-Soir,* estava parado do lado de fora da espaçosa jaula que abrigava Fritz, o recém adquirido bípede do Planeta Brecht, quando o mundo deu uma sacudidela...

No momento seguinte, já não estava mais do lado de fora da jaula, olhando para dentro, mas dentro, olhando para fora. Não era mais Martin Naumchick. Era Fritz, o bípede, um alienígena estranho, vindo de um mundo distante.

Ao mesmo tempo, Fritz, que vivera a maior parte da sua vida no Jardim Zoológico de Hamburgo, também sentiu a sacudidela. E encontrou-se fora da sua jaula... olhando para o agitado bípede no interior, que estava esmurrando a parede de vidro com ambos os punhos . . .

O mundo de Fritz ficava a dezoito anos-luz de distância da Terra. O animal era ágil, tinha três dedos em cada mão e uma cabeça que era um misto de humana, de felina e de ave.

Fritz era tímido e obediente, feliz de passar sua vida numa jaula, até que surgiu o inesperado. O inesperado que o lançou num mundo de confusão e de incríveis acontecimentos, onde o homem se tornou monstro e o monstro transformou-se em homem. ..

Sobre o Autor

DAMON KNIGHT nasceu no Estado de Oregon, nos Estados Unidos, em 1922. Mudou-se para Nova Iorque em 1940. Imediatamente tornou-se membro da Futurian Society, um grupo informal de escritores da década de quarenta, entre os quais se destacam alguns nomes importantes da ficção científica: Isaac Asimov, James Blish, Virgínia Kidd, C. M. Kornbluth, Robert A. W. Lowndes, Judith Merril, Frederik Pohl, Larry Shaw, Richard Wilson e Donald A. Wollheim.

Até a chegada de Damon Knight ao mundo da ficção científica, o gênero não tinha ainda sido criticado como uma forma de literatura tão válida quanto qualquer outra. Havia apenas recensões nas revistas especializadas e eventualmente nos jornais de maior circulação. Damon Knight introduziu a crítica nas revistas especializadas e, pela seriedade dos seus escritos, abriu caminho para o gênero em outras publicações de caráter geral (hoje, por exemplo, há uma seção permanente de crítica de ficção científica no *The New York Times Book Review)*.

Mas Damon Knight não se limitou a criticar. Nos últimos trinta anos vem escrevendo contos e romances, editando antologias, ilustrando livros e revistas, e traduzindo. Em 1956 recebeu o Prêmio Hugo de melhor crítico do ano. Foi fundador e primeiro presidente da Associação de Escritores de Ficção Científica da América.

Vive atualmente em Milford, na Pensilvânia, onde — com sua mulher, a escritora Kate Wilhelm — dirige a *Milford Science Fiction Writer's Conference,* que recebe anualmente mais de trinta escritores para discutir os problemas do gênero literário que escolheram.

Romances publicados: *A For Anything, Beyond the Barrier, Hell's Pavement, The Other Foot* e *The Rithian Terror.*

Volumes de contos publicados: *Far Out, In Deep, Off Center, Turning On* e *Three Novéis.*

Damon Knight esteve no Brasil em 1969 participando de um simpósio sobre a literatura de ficção científica e o cinema, realizado durante o Segundo Festival Internacional do Filme do Rio de Janeiro.

I

QUANDO O CARRO da Flugbahn começou a se afastar da plataforma de pouso, o bípede Fritz crispou as mãos no assento e olhou nervoso através da parede de vidro.

Não estava habituado a viajar. Exceto o vôo da espaçonave até a Terra, do qual se lembrava vagamente, tinha passado a vida inteira no Zoológico de Hamburgo. Agora, apesar de estar certo de que aquele carro, todo de vidro, vagando no ar, não iria cair, precisou apoiar-se em algo para sentir-se seguro.

No assento ao lado, seu vigia, um homem estúpido chamado Alleks, folheava as enrugadas páginas de pergaminho do *Berliner Zeitung.* Respirava ruidosamente através das narinas peludas, enquanto passava os olhos bovinos, com ar distante, pelas manchetes do jornal. No corredor os outros passageiros olhavam curiosos para Fritz. Mas este, acostumado a ser observado, mal se dava conta dos olhares.

Abaixo, sob o sol da manhã, descortinava-se a cidade de Berlim, mais parecendo uma velha colcha de lã. Olhando para trás, quando o aparelho começou a acelerar, Fritz viu a alta plataforma onde o foguete-cóptero de Hamburgo havia pousado e os longos cabos tentaculares de outros Flugbahnen, irradiando para os quatro bairros da cidade.

O carro desceu, subiu, parando repentinamente na plataforma da estação. *As* portas se abriram e fecharam novamente e então continuaram a descida. Na segunda parada, Alleks dobrou o jornal e levantou-se.

— Venha — disse ele.

Fritz o seguiu pela plataforma. Entraram em um elevador, que começou a cair vertiginosamente, através de um tubo espiral transparente, enquanto as ruas ensolaradas flutuavam compactamente para cima. Alleks e o bípede saltaram no meio de uma multidão atônita e de um acre odor de substâncias químicas. Alleks, segurando com firmeza o braço do bípede, empurrou-o para a rua, através de uma grande porta aberta. Apanharam outro elevador e entraram, finalmente, em um escritório cheio de gente.

— Meu prezado jovem senhor — disse um homem gordo e vermelho, avançando alegremente. — Entre, entre. Permita-me apresentar-me: sou Herr Doktor Grück. — O senhor é o novo bípede? Seja bem-vindo, seja bem-vindo!

Pegou a mão de três dedos de Fritz e apertou-a calorosamente, não demonstrando repugnância pelo fato de a mão ser coberta por uma suave camada de espinhos, semelhantes a penugem.

Outras pessoas estavam se aglomerando ao redor, algumas assestando suas câmeras.

— Assine aqui — disse Alleks, estendendo um caderno meio desbeiçado.

O Dr. Grück apanhou-o, distraído, rabiscou algo e devolveu-o. Alleks voltou-se, indiferente, e se foi.

— Senhores e senhoras — disse Grück num sonoro tenor — tenho a honra de apresentar nossa mais recente aquisição, Fritz — nosso *segundo* bípede Brecht — e podem ver que é um macho.

O bípede lançou olhares nervosos em torno da sala revestida de carvalho, fixando as câmeras ruidosas, as estantes, o imenso candelabro, as pessoas de faces lisas e rosadas. Sentia o corpo leve e flexível, como o de um gato ou de um galo. Assemelhava-se a um cáctus, todo coberto de espinhos verde-acinzentados, exceto o sexo — as bolsas rosadas que pendiam entre as coxas. O formato da cabeça era singular, nem homem, nem felino ou ave, mas algo como os três. Sobre os olhos, no meio da testa abaulada, havia uma saliência arredondada, de cor roxa, sugerindo vagamente uma crista de galo, tendo mais a forma de uma fruta seca.

— Queremos ouvir o recém-chegado! — disse um dos que manejavam as câmeras.

Obedientemente, como lhe fora ensinado, o bípede recitou:

— Como estão, senhores e senhoras? Fritz, o bípede, às ordens. Estou satisfeito de ter vindo para cá e espero que venham me visitar freqüentemente no Zoológico de Berlim.

Terminou curvando-se ligeiramente. Três homens vestidos de branco avançaram. O primeiro inclinou-se, pegando a mão do bípede.

— Wenzl, guardião-chefe.

Era ossudo e pálido, com lábios finos e retilíneos.

O segundo adiantou-se, curvou-se e apresentou-se:

— Rausch, dietista.

Era mais louro e corado que Grück, com os cílios quase brancos no rosto redondo e sério. O terceiro:

— Prinzmetal, cirurgião-veterinário.

Era moreno e tinha as faces encovadas.

O Dr. Grück sorria, com o rosto tão repuxado e lustroso como se cozinhado em óleo. Sua cabeça redonda era quase calva, mas os cabelos louros, de corte ligeiramente longo, ainda se encaracolavam sobre as orelhas. Os olhos azuis, miúdos, espreitavam por trás dos óculos sem aros. Seu corpo, rotundo e firme como uma bola de borracha sob o largo paletó castanho e a corrente de ouro do relógio, irradiava alegria.

— Que espécime! — falou, segurando o maxilar do bípede com uma das mãos, para abrir-lhe a boca. — Vejam a dentição!

Toda a "dentadura" do bípede constituía-se somente de duas sólidas peças de tecido cartilaginoso, com as bordas de corte afiado. Fritz ficou nervoso por um momento, estalando os enormes maxilares e abanando a cabeça.

— Pare, Fritz! — disse Grück segurando-o e fazendo-o dar uma volta. — Vejam a musculatura: perfeita! O tegumento! A cor! Nunca, eu afirmo, nem mesmo no Planeta Brecht, vocês achariam um bípede como este. E já é sexualmente adulto — acrescentou Grück, sondando com a mão gorda entre as pernas de Fritz. — Perfeito! Você gostaria de encontrar um bípede fêmea, não Fritz?

O bípede piscou e disse pausadamente:

— Minha mãe era um bípede fêmea, digno senhor.

— Ha, ha! — riu Grück, cheio de bom humor. — Claro que era! Correto, Fritz! — Rausch sorriu; Prinzmetal sorriu; até Wenzl esboçou um sorriso. — Venha, então. Primeiro vamos mostrar-lhe suas dependências e depois... talvez uma surpresa!

Apanhando sua lustrosa mala nova, o bípede seguiu Grück e os outros para fora do escritório, seguindo por um longo corredor de paredes de vidro. Dali se podia ver o gramado, com jaulas por toda parte. As pessoas que passeavam por entre as aléias de cascalho olharam para cima e começaram a apontar, excitadas. Grück, à frente do grupo, curvou-se e acenou-lhes placidamente.

O grupo chegou, então, a um vestíbulo vazio. Wenzl tirou uma chave magnética para abrir uma pesada porta, que tinha uma pequena vidraça, reforçada com tela. Dentro, acharam-se em uma sala pequena, mas convenientemente arrumada, com paredes e o chão de concreto aparente, um sofá que tanto servia para sentar como para dormir, uma cadeira e uma mesa, alguns utensílios, um lavatório e privada.

— Aqui é o quarto — disse o Dr. Grück, com um gesto largo. — E aqui — indicou o caminho para uma porta entreaberta — sua sala de estar particular.

A parede externa era de vidro, através da qual via-se, por trás de uma grade de ferro, uma grande multidão. Esta sala era maior e mais bem mobiliada que a interna. O chão estava limpo e encerado. As paredes estavam pintadas. Havia

uma confortável espreguiçadeira, uma televisão, uma mesinha com revistas e jornais, um grande vaso de plantas e até uma estante repleta de livros.

— E agora, a surpresa! — gritou o Dr. Grück.

Empurrando os outros para o lado, atravessou novamente o quarto, até uma porta na parede do fundo. A sala seguinte era mais ampla, com chão de concreto, no qual, porém, haviam colocado capachos de borracha. Duas escrivaninhas, com máquinas de escrever, arquivos, telefones, um apontador de lápis, um transmissor pneumático e pilhas de documentos.

Do outro lado da sala, junto de um dos arquivos que tinha uma gaveta aberta, alguém se virou e olhou, espantado: um outro bípede, menor e menos colorido que Fritz.

Entre outras diferenças, a mais notável era o órgão no meio da testa, o qual, ao contrário do de Fritz, tinha se desenvolvido numa grande forma ovalada, como uma bola ou maçaneta, de cor vermelho-púrpura.

— Agora a surpresa! — gritou o Dr. Grück. — Fritz, aqui está Emma, sua jovem esposa!

Com um gritinho, o outro bípede colocou as mãos na cabeça e fugiu para fora da sala, provocando uma tempestade de papéis, que foram depositar-se no chão, por trás dela.

Oitocentos quilômetros ao sul, numa sala subterrânea do Instituto Popular de Praga, em Prásztó, o Dr. Egon Klementi gesticulou, com o braço musculoso, coberto de pêlos pretos.

— Lá estava eu, fora da arrebentação, no meu pequeno barco a motor — disse ele. — A cabina dava exatamente para mim, meu kanaka e aquele cão infernal da minha irmã. Dia excelente, vento soprando da praia... perfeito. O kanaka estava sentado aqui, o cão aqui e eu ali. Bem, meu kanaka dobrou-se para fora da embarcação, então... — Klementi fez um gesto, protegendo os olhos com a mão. — Ele disse: "Aqui há peixe, senhor." Como diabo conseguia ele vê-los no fundo da água! Mas, afinal de contas, meu anzol estava iscado... puxei a vara de pescar para trás... arremessei-a e *splash!* — Fez uma pausa dramática. Behrens, o dinamarquês, sorria vagamente, apoiado contra a parede ao lado do painel de comando. Sua cabeça maciça balançando sobre o peito. O pequeno Lewine, homem da Krupp-Farben, mordia as pontas do grosso bigode preto. Heinz Ek, o observador do Euratom, havia cruzado os braços sobre o peito magro e parecia meio adormecido.

— Um peixe? — perguntou Klementi. — Absolutamente! Nada disso! Era o danado do cachorro, que havia pulado para fora do barco como uma bala assim

que meu anzol atingiu a água. Acreditem, tive que enrolar a linha o mais depressa possível ou o cachorro teria engolido o anzol como um arenque!

Klementi deu uma risada alta.

— Lá se foi o meu dia de pescaria. Tivemos que levar o cão até a praia e entregá-lo a minha irmã. Já era então muito tarde para sair novamente. — Klementi riu meteu um longo charuto escuro entre os dentes e acendeu-o. — O senhor não pesca, Herr Ek?

— Eu? Não, não — disse o homem de rosto fino e pálido, abanando levemente as nuvens de fumaça que volteavam ao seu redor.

— O senhor deveria... deveria mesmo. Não há nada como aquilo... o sol... o ar...

Um dos suados homens de branco que estavam na sala, esbarrou em Klementi ao passar por ele.

— Perdão, Herr Professor.

Meteu a tomada do instrumento que carregava no painel de comando e fez a leitura, tomando notas numa prancheta.

— Tudo pronto? — perguntou Lewine pela quinta vez, olhando seu relógio de polegar.

— Paciência, paciência... veja como Behrens está tranqüilo. Eis porque deve pescar, para aprimorar a paciência.

Klementi tragou o charuto com sofreguidão. Apesar do ar condicionado, a sala, cheia de gente, estava nublada de fumaça, mas Klementi não parecia notar.

— É cansativo verificar cada circuito inúmeras vezes, admito, mas em pesquisa devemos acostumar-nos a esperar. É melhor do que arriscarmo-nos a uma explosão.

Lewine ficou visivelmente assustado.

— Explosão? — repetiu. Behrens ergueu-se.

— Não há perigo — disse, batendo no ombro de Lewine, gentilmente. — Klementi, pare de amedrontar nosso amigo. Não se preocupe, Herr Lewine, não haverá explosão.

— Exatamente — disse Klementi, mordendo o charuto, aborrecido. — O conversor é um modelo padrão, na realidade o usado aqui para demonstrações — há somente um milionésimo de grama de sódio nele — Ei, Rákosi! — voltou-se, acenando para um dos estudantes de uniforme branco.

— Sim, Herr Professor?

— Achou o defeito no mecanismo de segurança?

— Horvath está ligando um novo... Estamos quase prontos para testá-lo, Herr Professor.

— Muito bem, excelente.

Klementi virou-se, tirou o charuto da boca, num gesto largo, dando a impressão de que ia começar a falar.

— Mas, se é um modelo padrão, porque o colocaram num prédio abandonado, a meia milha de distância, se vamos permanecer aqui? — perguntou Lewine.

Seus lábios estavam sem cor, e gotas de suor cobriam-lhe a fronte.

— Bobagem — disse Klementi, franzindo a testa. — Um milionésimo de grama, mesmo com uma conversão total, só é suficiente para uma pequena explosão. De qualquer maneira, isto não vai acontecer — *schnapps* — você não trouxe uns *schnapps,* Behrens?

Dois dos rapazes de branco, correndo em diferentes direções, colidiram no meio da sala e seguiram, resmungando imprecações. Um monitor de televisão começou a funcionar sobre o painel de comando, reproduzindo a imagem de outra sala, repleta de jovens que ainda trabalhavam. Porém o que mais chamava a atenção naquela sala era uma máquina revestida de aço já gasto, montada sobre um bloco de concreto e circundada por um amontoado de instrumentos e cabos.

— Na verdade, — disse o gigantesco dinamarquês, aprumando-se vagarosamente — tenho uma garrafa guardada. Estava reservando-a para uma comemoração, mas...

Inclinou-se sobre a cabeça de Lewine, estendendo o longo braço para a porta de um armário atrás dele.

— Não, não — disse Lewine, irritado. — Estou bem, obrigado.

— Como vê, Herr Lewine — disse Klementi, aproximando-se — a idéia é de uma simplicidade realmente bela, mesmo dita por mim. O conversor está contido num campo gerador Hirsch-Revere, ou seja, um dispositivo que gera o chamado campo supressor...

— Assim sendo, não pode explodir — disse Lewine, acenando fracamente com a cabeça. — Eu entendo, mas...

— Ah! Sim, não poderá explodir se conseguirmos ligar o campo supressor primeiro ou simultaneamente. Mas — disse Klementi — que devemos fazer? Iniciamos o processo de conversão... a energia é liberada...

— Explosão! — murmurou Lewine.

— Não! De modo algum! Não haverá explosão! Porque antes que a cabeça da onda possa tocar a parede da câmara, a oitenta e cinco centímetros de distância nosso interruptor liga o campo supressor! Assim... esta energia não pode existir sob nenhuma forma de calor ou radiação, correto?

— Correto — disse Lewine e piscou com ar parvo para Klementi.

— Por causa do campo supressor. Mas a energia é conservada — ela não pode simplesmente desaparecer, correto? — deve reaparecer sob alguma forma!

Ek, o homem do Euratom, acrescentou:

— E seu argumento, Herr Professor, é que a única forma que ela pode tomar é a de energia-tempo.

— Exatamente isso — disse Klementi. Radiante, levou o charuto novamente aos lábios.

— E seus cálculos confirmam isso, Herr Behrens — disse Ek, voltando-se para o dinamarquês.

Behrens concordou e sorriu.

— Ainda não vejo que aplicações práticas pode ter — disse Lewine para si mesmo — Mesmo que...

Olhou outra vez para seu relógio de polegar e depois para o grande cronômetro do painel de instrumentos.

— Muito interessante — estava dizendo Ek. Klementi havia saído repentinamente e mantinha um diálogo em voz baixa com um dos estudantes. Ek aproximou-se de Behrens:

— Não me arvoro em entendedor da sua matemática, Herr Professor, mas tomei a liberdade de expô-la a um amigo na Universidade de Berlim... Klaus Ifshin. Talvez o senhor o conheça de nome.

— Ifshin? Conheço — disse Behrens, concordando com a cabeça maciça, mas sem sorrir.

— ... E ele pensa, Herr Professor, que o senhor desprezou as equações de campo einsteinianas, que mesmo que fosse possível converter outras formas de energia em quanta adicionais de tempo...

— Sei o que você está querendo dizer — interrompeu Behrens, sacudindo a cabeça. — Haveria deslocamentos através do continuum, porque a relação entre o espaço-tempo e a massa do universo seria perturbada e assim por diante... Acredite-me, Herr Ek, tudo isso está superado. Ninguém mais usa as equações de campo de Einstein. Sim, sim, seu amigo, Herr Doktor Ifshin, é uma boa pessoa, mas sua física está cinqüenta anos atrasada. Não tenho mais nada a dizer.

Behrens levantou a mão em sinal de paz. Mas, aquela palma lisa parecia capaz de aniquilar centenas de Ifshins com um único golpe.

— Confere — dizia um dos homens de branco. — Confere... confere... confere...

Na tela de televisão, outro jovem parecia ler uma lista de uma prancheta, mas o som não estava ligado e eles só podiam ver o movimento dos lábios.

— Confere — disse ainda uma vez o homem e parou. Voltou-se para Klementi.

— Pronto, Herr Professor!

Na tela, depois de alguns minutos, a multidão de estudantes começou a se

mover e a diminuir; estava deixando a sala de aula.

— Behrens, uma palavra — disse Klementi, acenando.

O dinamarquês, com um último cumprimento amistoso a Lewine, foi juntar-se a ele. Lewine e Ek se entreolharam.

— Será que todos os húngaros são malucos? — murmurou Lewine.

Ek sorriu ligeiramente e levantou as sobrancelhas.

— Na minha opinião — disse Lewine — tudo isto é uma perda de tempo.

Cruzou os braços. Seu rosto voltou a ficar pálido, e a testa porejada de suor.

Em poucos minutos, ouviu-se um estrépito de bicicletas no corredor externo e os homens da sala de máquinas começaram a surgir na entrada. Tinham os olhos brilhantes, estavam excitados e falavam uns com os outros em voz alta. A sala estava mais incrivelmente cheia que nunca.

— Senhores, por favor — pediu Klementi, levantando os braços.

Seus olhos brilhavam e seu rosto estava corado. Até mesmo na monumental face de Behrens havia um ar de excitação infantil.

O ruído diminuiu lentamente. Alguém disse uma piada, houve uma explosão de riso nervoso e depois o silêncio. Klementi e Behrens abriram caminho para o painel de instrumentos, onde mal havia lugar para eles.

— Muito bem, senhores — falou Klementi, virando-se para Ek e Lewine. — Tudo foi testado, o aparelho está pronto e só me falta apertar dois botões para a experiência começar. Isso estará cumprido num quadracentésimo milionésimo de segundo. Antes que eu aperte aqueles botões, permitam-me expressar minha gratidão a todos aqui presentes, que trabalharam com dedicação, embora xingando algumas vezes. — Nova explosão de risos. — E também aos senhores do Euratom e Krupp-Farben, pela valiosa colaboração com equipamentos e facilidades.

Fez uma pausa. Silêncio absoluto. Klementi virou-se para o painel de instrumentos, no qual havia um botão com uma luz branca com a indicação "Dispositivo de Segurança" e um grande botão vermelho sob ele. Três jovens cientistas amontoaram-se atrás dele, murmurando desculpas. Behrens abriu caminho para eles, afavelmente, e recuou, quase esmagando Lewine contra a parede.

Klementi avançou e apertou o botão branco com o polegar. O botão apagou. Olhou para o cronômetro: marcava exatamente três horas, trinta e dois minutos e quinze segundos, Tempo Centro Europeu. Klementi apertou o botão vermelho.

Olhando por cima do braço de Behrens, Lewine viu os ponteiros de dois dos instrumentos de registro agitarem-se subitamente. Os outros giraram até o fim e pararam. Na tela do televisor não houve mudança visível. Pelo menos o aparelho não havia explodido... Lewine deixou escapar um longo suspiro, que não tinha

consciência de estar retendo. Então retesou-se, num frêmito que percorreu os corpos amontoados ao seu redor. Uma impressão estranha: nada parecia realmente ter-se movido, mas pairava no ar aquela indefinida e enganadora sensação, acompanhada de uma ligeira náusea.

— Energia zero! — gritou um dos rapazes.

— Tomada negativa!

— Pressão interna... ponto três sete!

Fez-se silêncio durante uma fração de segundo. Depois, os homens começaram a se cumprimentar, a se abraçar, a dar palmadinhas nas costas de Herr Professor Klementi. Este, com um enorme sorriso, gritou mais alto que a balbúrdia:

— A pressão da câmara é de menos de meia atmosfera... um vácuo parcial! Isto significa sucesso!

Os rapazes saíram correndo novamente pela porta. Lewine ouviu-lhes os gritos reboando no corredor. O ombro de alguém o atingiu penosamente, jogando-o contra a parede, mas ele se sentia singularmente alegre. A seu lado, Ek parecia igualmente afetado: seu rosto pálido estava aberto num sorriso espantado, mostrando os longos dentes amarelos e as gengivas esbranquiçadas.

— Mas, não entendo... o vácuo, o que significa? — gaguejou.

— Se a experiência houvesse falhado — explicou Klementi, — haveria pressão na câmara ou uma produção de energia. Não houve nem uma nem outra! O ar que havia na câmara não está mais lá... desapareceu!

Behrens surgiu, radiante, trazendo uma garrafa em uma das mãos e uma pilha de copos na outra.

— Aquavit! Vamos comemorar! — trovejou.

— Mas então você quer mesmo dizer... — perguntou Lewine, agarrando o blusão de Klementi. — Onde está o ar agora?

— Disperso, em algum lugar a quatrocentos ou quinhentos anos no futuro... lhe direi depois mais precisamente.

Na tela, os rapazes fervilhavam em torno da câmara de conversão, como formigas brancas em volta de um besouro. Klementi, ainda sorrindo, aceitou o copo que Behrens lhe entregou.

— À primeira experiência bem sucedida de viagem no tempo! — gritou Behrens, levantando o copo.

Todos beberam, exceto Lewine, que olhou para o copo, ergueu-o para cheirá-lo, baixando-o em seguida. Ao contrário dos outros, seu copo estava cheio de um turvo fluído castanho, que cheirava fortemente a querosene.

— Isto é uma brincadeira? — perguntou a Behrens, com os lábios trêmulos, mostrando sinais de indignação.

Fritz sentou-se em sua confortável espreguiçadeira, olhando desconsoladamente para fora através do vidro, vendo o Zoológico escurecer. A tarde chegava ao fim. Era hora de fechar e as aléias estavam quase vazias.

— Isso leva tempo — disse o Dr. Grück amavelmente, batendo no seu ombro. — Descanse, entre em contato e amanhã será melhor. Boa tarde, Fritz!

Sozinho, curioso e vagamente excitado, deu uma volta em toda a sala de trabalho, examinando papéis e abrindo gavetas, depois dirigiu-se para a porta da sala, por onde Emma havia desaparecido.

Porém mal colocou timidamente o nariz na porta e a voz dela se fez ouvir:

— Saia! Saia, saia, *saia!*

Depois disso, fez-se silêncio no quarto ao lado. Na hora de comer, Wenzl entrou com um carrinho e deixou uma bandeja para Fritz e outra para Emma. Mas, ainda que ele prestasse atenção, não conseguiu ouvir o ruído de um garfo, uma faca ou um copo pousando na mesa.

Era agradável a idéia de ter outro bípede com quem conversar. Não estava certo ela se recusar a falar com ele. Por que ela queria torná-lo infeliz?

Levantando os olhos para a janela, viu um rapaz de cabelos escuros parado do lado de fora. Levava uma câmera e lhe parecia vagamente familiar. Talvez fosse um dos repórteres. Era esguio e curvado, com pele muito lisa e clara e grandes olhos suaves. Quando se entreolharam, sem uma palavra, Fritz sentiu uma súbita vertigem. e um escorregão. A sala começou a girar.

Levantou-se com dificuldade. Não conseguia entender o que acontecera, por que ficara tão escuro de repente, por que o quarto ficara tão grande. Apoiou-se nas mãos e nos joelhos e descobriu que estava olhando, por cima de uma grade de ferro, para dentro da vidraça de uma pequena sala iluminada, onde um bípede, meio estendido em uma cadeira, olhava para ele com olhos esgazeados e fazia fracos movimentos com o§ braços.

A brisa da tarde passava fresca e sibilante por entre as aléias. O ar cheirava a terra úmida e animais. O cascalho rangeu ao lado dele e uma voz polida disse:

— Algo errado, caro senhor?

O bípede na sala iluminada estava se arrastando pelo chão. Agora estava batendo com as duas mãos no vidro e sua boca abria e fechava, abria e fechava.

— O senhor deixou cair a câmera — disse a mesma voz. — Com licença.

Sentiu o toque estranhamente macio da mão de alguém a lhe bater nas costas. Voltou-se e viu os bigodes de um rosto gentil. Então algo brilhante lhe chamou a atenção e ele notou, com uma espécie de incrédulo assombro, quando segurou automaticamente a câmera, mãos de cinco dedos com suas unhas claras.

II

A ZONA de turbulência nos continuum espaço-tempo, causada pela desastrada experiência de Herr Professor Klementi, espalhou-se para fora, partindo de duas linhas.

No dia 13 de agosto de 1970, por volta de sete horas da manhã, um bloco de edifícios de apartamentos na parte baixa de Omaha, Nebr, desapareceu abruptamente. As pessoas das ruas vizinhas foram atingidas pela implosão, que destruiu janelas a dez quarteirões de distância. Esquadrões de socorro acorreram ao local, mas havia muito pouco a fazer. A explosão não deixou crateras, somente escavações de pequena proporção, rapidamente inundadas pela água dos reservatórios explodidos, onde se erguiam os edifícios.

Quando os engenheiros da cidade desligaram os registros principais e bombearam a água, verificou-se que nada restara além de um buraco no chão. Setecentas pessoas e trinta mil toneladas de alvenaria, aço e concreto das fundações dos edifícios haviam desaparecido como bolhas de sabão.

Para muitos, a responsável pela tragédia foi uma arma secreta africana e a venda pânica de ações atingiu Wall Street. As relações com a União Africana foram prejudicadas por muitas semanas e um encarregado de negócios negro em Chicago foi assaltado na rua. Porém nada mais aconteceu até abril seguinte.

Na madrugada de três de abril, a traineira *Mary G. Beyers*, ao largo de Atlantic City, Nova Jérsei, navegando em águas calmas, a cento e dez quilômetros do Cabo May, foi atingida por um repentino vagalhão, que a fez virar por estibordo. Correndo para a amurada, a tripulação viu uma monstruosa bolha de ar emergir das profundezas do Atlântico, trazendo consigo destroços de mobília, roupas e meia dúzia de cadáveres.

O *Mary* G. *Beyers* recolheu um deles a bordo: era o corpo de um homem em roupa de trabalho. Documentos em sua carteira o identificaram como Irwin Vogt, de Omaha...

Na Lua, no ano de 1950, perto da orla sul da cratera Hermann, surgiu uma flor em botão. Era um gerânio comum, cultivado, *Pelargonium domesticum*, germinando em um canteiro circular de terra escura. Uma nuvem de vapor envolveu-a quase que instantaneamente. A flor tombou, murchou, perdeu a cor e,

finalmente, tornou-se cinzenta como as próprias cinzas ao seu redor. Trinta anos mais tarde, um homem, num trator lunar, indo de Little Washington para Grimaldi, viu o esqueleto cinzento e tomou-o por uma formação mineral incomum. Estabeleceu as coordenadas e anotou mentalmente o fato para mencioná-lo mais tarde ao selenólogo da Base de Grimaldi, mas esqueceu-o.

A turbulência aumentou. O transtorno que Klementi começara ainda não chegara ao fim.

O Dr. Grück estava sozinho no seu escritório, com alguns cálculos orçamentários preliminares espalhados sobre a mesa, e os restos gordurosos de um jantar de knackwurst numa mesinha ao lado. Com os óculos próprios para leitura, mais parecia um tio velho, vermelho e bem humorado, extraído dos contos de Dickens. Seus olhinhos azuis piscavam suavemente por trás das lentes e quando contava, o polegar roliço como uma lingüiça e os dedos começavam: *eins, zwei, drei. **

* "Um, dois, três" — em alemão — N. do T.

Cantarolando, atirou fora um papel. A música era *I Lost My Sock in Lauterbach. ***

** “Eu Perdi .minha meia em Lauterbach" — N. do T.

A sala toda revestida estava quente, confortável e silenciosa.

— *"And without my sock, I won’t go home" **** — cantarolou o Diretor.

*** "E sem minha meia eu não posso ir para casa." — N. do T.

O pequeno visifone da mesa começou a dar sinal de vida de repente e o rosto magro surgido na tela disse:

— Doutor, por gentileza...

Grück franziu levemente a testa e apertou o botão.

— Sim, Freda?

— Herr Wenzl deseja falar com o senhor e disse que é urgente.

— Bem, se é tão urgente, ponha-o na linha.

— Obrigado, Doutor.

A tela piscou novamente. O rosto pálido e fanático de Wenzl apareceu.

— Problemas com o novo bípede — começou imediatamente.

Grück tirou os óculos, com os dedos trêmulos.

— Que maçada! — disse. — Que espécie de problema, Wenzl?

— Há dez minutos — disse o zelador-chefe, — soube que Fritz estava fazendo desordens em sua jaula. Fui até lá e encontrei-o tentando quebrar a

janela com uma poltrona de madeira.

— Terrível, mas por quê? — gritou o Dr. Grück, com os maxilares trêmulos.

— Fiz tudo para acalmar Fritz — continuou Wenzl, — porém ele me disse que eu não mandava nele porque não era Fritz e sim um jornalista chamado Martin Naumchik.

Grück franziu os lábios várias vezes, formando inconscientemente a sílaba "Num". Sentiu alguns papéis sob sua mão, olhou-os com surpresa e depois afastou-os com gestos impacientes e distraídos.

— Também me disse — acrescentou Wenzl, — que Fritz foi embora no corpo dele, com sua câmara e roupas.

Grück colocou a palma de ambas as mãos no rosto e ficou olhando para a imagem de Wenzl. Na pequena tela, Wenzl ficava parecido com uma miniatura feita por alguém num acesso de mau humor. No seu tamanho normal, Wenzl não era realmente tão desagradável. Tinha uma verruga, pêlos nas narinas e via-se seu pomo-de-adão subir e descer quando falava. Mas do tamanho de um boneco, era intolerável.

— Que medidas tomou? — perguntou Grück.

— Internamento.

— Qual sua opinião?

— O animal é psicótico.

Grück fechou os olhos e durante um instante ficou segurando o nariz entre o polegar e o indicador. Abriu os olhos e sentou-se na escrivaninha.

— Wenzl — disse, — o bípede não é necessariamente psicótico. Nos nossos dez anos com Emma, também vimos uns pequenos acessos de nervos, ou não? Quanto a Fritz, é possível que esteja apenas assustado por se encontrar num novo zôo. Talvez ele queira ser tranqüilizado e tenha dramatizado um pouco, quem sabe? Onde se encontra nos manuais o trecho dizendo que pode um bípede vir a se tornar psicótico?

Wenzl permaneceu mudo e não mudou de expressão.

— Não — continuou Grück. — Assim, não vamos nos precipitar, Wenzl. Lembre-se de que Fritz é, no momento, nosso espécime mais valioso. Bondade é mais eficaz que palavras ásperas ou pancada. Um pouco de simpatia, talvez um sorriso... — Sorriu, mostrando os dentes pequenos e disformes até os molares. — Então, Wenzl? Sim?

— O senhor tem razão, como sempre — disse o guardião-chefe acremente.

— ótimo, vamos ver então. Vá e converse com ele, racionalmente, Wenzl. Tire-lhe a camisa de força e se ele estiver calmo, traga-o aqui.

— Dar-lhe-ei cinco provas de que sou Martin Naumchik — disse o bípede furioso, em voz alta.

Seu corpo nu, coberto de espinhos verdes, parecia delgado e frágil na poltrona de madeira escura. Inclinou-se sobre a mesa para Wenzl e o Dr. Grück. Seus olhos estavam congestionados e a grande boca, sem lábios, abria-se e fechava-se.

— Primeira, conheço Berlim enquanto o seu animal nunca esteve aqui antes, nem teve, certamente, liberdade para percorrer as ruas. Perguntem-me o que quiserem. Segunda, posso citar-lhes os nomes do editor, do diretor-administrativo e de toda a equipe do *Paris-Soir.* Posso repetir-lhe minha última matéria para eles, palavra por palavra. Se me derem uma máquina de escrever, poderei redigi-la também. Terceira...

— Mas, meu prezado Fritz... — disse Grück, espalmando as gordas e rosadas mãos, num sorriso insinuante.

— *Terceira* — repetiu o bípede raivosamente — minha garota, Julia Schorr, confirmará minhas declarações. Ela mora no número quarenta e um de Heinrichstrasse, apartamento dezessete, e o número do seu visi é Unter den Linden 8-7403. Posso adiantar que ela sempre carrega uma gata siamesa chamada Maggie e cozinha um espaguete muito bom. Meu Deus, se isso não for suficiente, sou capaz de dizer a cor de suas roupas de baixo. Quarta, vocês podem me examinar. Colei grau na Sorbonne em 1999... perguntem sobre Literatura, Matemática, História, o que vocês quiserem! Quinta e última, *sou* Martin Naumchik, sempre fui Martin Naumchik, até hoje nunca havia visto esse ridículo bípede e, se vocês não me ajudarem, prometo fazer um escândalo... Calou-se por um momento.

— E então?

Grück e Wenzl se entreolharam.

— Meu prezado e jovem senhor — disse Grück, remexendo a despenteada cabeleira loura. Seus olhos miúdos se apertaram. — Meu prezado e jovem senhor, p senhor me convenceu, sem sombra de dúvidas... — Ó bípede ficou ansioso. — ... que acredita realmente ser Martin Naumchik, um humano, correspondente do *Paris-Soir* etc., etc.

O bípede falou com voz sufocada:

— Acredita! Mas eu *afirmei* a vocês...

— Por favor! — Grück levantou a mão. — Tenha a bondade de ouvir. Eu disse que não há dúvida *possível* de que o senhor acredita no que diz. ótimo! Agora, permita-me uma pergunta.

Cruzou as mãos sobre a pança, esboçando um sorriso nos lábios rosados.

— Suponha que o senhor seja Martin Naumchik — agitou a mão, num gesto largo. — Continue. Você pode supor, não faço objeção. Muito bem, agora você é Martin Naumchik. E daí?

Inclinou-se para frente e encarou severamente o animal. Wenzl, a seu lado, permanecia em grave silêncio.

— Ora, vocês me soltarão — disse o bípede sem segurança. — Vocês me ajudarão a encontrar aquele animal que está dentro do meu corpo e, de alguma maneira, de algum modo...

— Sim? — disse o Dr. Grück, encorajando-o. — De algum modo... de alguma maneira...

— Deve haver algum jeito — falou o bípede, infeliz. Grück recostou-se, balançando a cabeça.

— Para fazê-lo transformar-se novamente? Meu prezado e jovem senhor, reflita um momento sobre o que está dizendo. Colocar a mente de um homem de volta em seu corpo, quando já se instalou no corpo de um animal? Não sejamos infantis! Para começar, isso é impossível! Você sabe tanto quanto eu! Supondo que tudo isso tenha realmente acontecido, seria impossível retroceder. Meu prezado e jovem senhor! Colocar de volta a mente de um homem em seu corpo? Com um funil?

O bípede abaixou a cabeça sobre a mão coberta de espinhos verdes.

— Se pudéssemos descobrir como tudo aconteceu... — murmurou.

— Sim, ótimo — disse Grück com simpatia. — Boa sugestão: sem dúvida é isso mesmo o que devemos fazer. Coragem, Fritz, ou Martin, se for o caso. Isso requer tempo, devemos estar preparados para esperar. Paciência o coragem, hem Fritz?

O bípede concordou, exausto.

— ótimo, estamos entendidos — disse Grück, animadamente, erguendo-se. — Vamos fazer todo o possível, esteja certo, e enquanto isto... — voltou-se para Wenzl, que também se pusera de pé — tente colaborar, não criando problemas para o pobre Wenzl. Concorda, Fritz?

— Vocês vão manter-me preso aqui? Em exposição? — gritou o bípede, inteiriçando-se de indignação.

— Por enquanto — respondeu Grück, apaziguador.

— Ou você tem solução melhor? Para começar, você não tem aonde ir. Como viveria? Devagar, Fritz, temos de ir devagar. Ouça o conselho de um homem mais velho: a precipitação pode pôr tudo a perder. Devagar, Fritz, devagar, paciência e coragem...

Wenzl pegou o braço fino do bípede e começou a levá-lo para fora da sala.

— Meu nome é Martin Naumchik — continuou a murmurar fracamente.

A baça luz cinzenta da madrugada invadiu os compartimentos externos,

iluminando tudo sem nada destacar. Por alguma razão — o bípede já havia notado — nesta hora, a gente vê o outro lado das coisas, mais que habitualmente, como o tecido manchado pendendo sob o assento da poltrona, os detritos e a poeira dos cantos e as pequenas manchas e arranhões que, de ordinário, passavam despercebidas.

Perambulou impacientemente pelo corredor, passou pela porta da outra sala — a fêmea havia, aparentemente, colocado uma mesa contra ela — e entrou no escritório, iluminado pela luz fluorescente, com suas máquinas cobertas, e voltou. No interior do seu próprio quarto, viu um rosto feio no espelho — esverdeado, o focinho liso como um absurdo híbrido de cão e galo — e por um momento angustiante não percebeu que era ele mesmo.

Agarrou-se à parede e chorou. Sons inumanos e estrangulados saíram da sua garganta.

Dez horas. Deviam ter passado dez horas ou mais. Tinha acontecido mais ou menos na hora do jantar, mas já fazia parte do passado. Dez horas, ele ainda não se acostumara e ficava cada vez mais difícil.

Tinha de fugir.

A maleta do bípede estava no chão do quarto interior, perto do lavatório. Martin apanhou-a, abriu-a e espalhou seu conteúdo. Escova de dentes, um jogo de xadrez, papel de escrever ordinário, e uma velha brochura intitulada: *O Planeta Brecht: Enigma do Universo.* Nada útil. Chorando, correu para o escritório e tirou o fone do gancho. Estava desligado. Provavelmente, àquela hora da manhã, a mesa telefônica não estava ligada com os aparelhos do Zoológico. Que fazer?

Viu uma das máquinas de escrever e parou surpreso. Então, sentou-se e tirou-lhe a capa.

Havia papel na gaveta. Colocou uma folha no rolo, ligou a máquina e ficou sentado um momento, ansiosamente apertando as mãos de três dedos.

As palavras tomaram forma em seu cérebro: *Meu nome é Martin Naumchik. Estou sendo mantido preso em...*

Suas mãos começaram a bater as teclas, febrilmente, e as letras se amontoaram no guia, com estrépito e em confusão. O carro deu um salto e pulou uma linha.

O esforço da imaginação era tanto que ele, instintivamente, tentou morder os lábios. Sentiu a carne dura deslizar contra os dentes. Morder os lábios era uma das coisas que agora não podia fazer. Datilografar era outra.

Era demais. Nunca se habituaria. Sempre podia esquecer e se deixar tratar como um animal, na ponta de uma corrente.

Depois de um momento, com olhos nublados pelas lágrimas, ficou olhando

as teclas, até que elas voltassem ao lugar. Recomeçou então, penosamente, a escrever com um só dedo: "Meu nome é M..."

Em meia hora, seu relato estava terminado. Agora, <era necessário provar sua identidade. Talvez devesse começar por isso ou a história nunca seria lida. Pegou uma folha limpa e escreveu:

M. Frédéric Stein
PARIS-SOIR
98, rue de la Victoire
Paris 9º (Seine)

PREZADO FRÉDÉRIC:

Você poderá constatar que o material anexo é meu, pelo seguinte: a última vez em que estive em Paris fomos, você e eu, ao Rocking Horse, e enchemos a cara. Bebemos três garrafas de uísque, você me falou sobre certos problemas com sua esposa e discutimos sobre um posto de correspondente para você nos Países Baixos.

Isto não é uma brincadeira, preciso do seu auxílio e, pelo amor de Deus, faça o que...

Fez uma pausa e teve bastante sorte para ouvir um ruído de passos no corredor. Mal teve tempo de desligar a máquina, cobri-la e guardar as folhas datilografadas na gaveta.

Um guarda, jovem ainda, com borbulhas no rosto e mal humorado, entrou trazendo um carrinho com duas bandejas fumegantes. Era a hora do café da manhã.

Seu primeiro dia de animal enjaulado estava começando.

III

No ANO 2369, dois séculos depois da agora esquecida experiência de Klementi, o piloto de um interceptar flutuante, a vinte mil pés acima de Stuttgart, viu um ponto refletido na sua tela. Não passava, provavelmente, de um pássaro ferido, mas no estado em que estava o mundo, nunca se sabia... Apertou o botão "interceptar" e ouviu o gemido da desaceleração do motor sob sua cabine, enquanto o mundo, lá embaixo, escondido pelas nuvens, girava como um globo de escritório.

Um ponto escuro entrou em visão direta, avolumando-se de maneira irregular. O computador integrado registrou-o como uma massa não ferrosa, de 136,72 quilos, caindo livremente. Com o dedo no botão de disparo, o piloto olhou-o atentamente, limpou os olhos e tornou a olhar.

O objeto a sua frente, a menos que ele tivesse enlouquecido subitamente, era um antigo sofá de crina de cavalo, com um homem e uma mulher sentados, unidos por um abraço caloroso, com as roupas desalinhadas...

No centro da cidade, as ruas estavam iluminadas como se fosse dia. Sobre as calçadas de mosaico, as pessoas passavam. De uma porta aberta, escapavam as notas de uma música convidativa. Todos os botões vermelhos de uma planta aérea de Antares, aderida às paredes dos edifícios, tinham desabrochado e emanavam um fresco perfume picante.

Passando por uma das vitrinas brilhantes, o rapaz viu uma fileira de pequenos seres verdes, em gaiolas de vidro — lentos animais de forma globular, do tamanho de um tomate, com membros filamentosos e grandes olhos verdes e lânguidos. Boiavam na espuma esverdeada da superfície da água rasa das gaiolas, ou subiam com dificuldade em pedaços de cascas de árvore úmidas. Acima deles, havia uma faixa:

LEVE UM WOG PARA AS CRIANÇAS.

Continuou a andar. As pessoas ao seu redor, na maior parte caminhando em grupos ou casais, eram diferentes das que costumava ver no Zoológico de Hamburgo. Estavam mais bem vestidas, melhor alimentadas, tinham a pele mais clara e mais corada e riam mais. As mulheres tinham os cabelos louros e bem penteados, faces rosadas, dentes brancos e unhas brilhantes, e usavam roupas

vistosas e enfeitadas como o papel resplandecente que envolve os presentes caros. Os homens eram mais austeros, com roupas vermelhas ou azuis escuras. Seus pés estavam finamente calçados com brilhantes sapatos de verniz e o cabelo luzindo de cosméticos. Sua fala, no estranho sotaque de Berlim, turbilhonava em volta dele: cochichos, bom-humor, explosões de riso.

Sob seus pés, o pavimento de mosaicos estrelados trepidou quase que imperceptivelmente à passagem de um carro expresso subterrâneo. Ali, acima do solo, todos andavam a pé. Não havia sinal de veículos de rodas nem mesmo um aerocarro: somente a faixa luminosa de uma das Flugbahnen era visível à distância.

Na esquina, em uma pequena praça, em cujo centro havia a estátua heróica em alumínio anodizado de um homem em traje espacial, sem capacete, com uma expressão exultante no rosto metálico, o rapaz divisou um alto painel iluminado, na parede de um edifício. Palavras luminosas piscavam lentamente do painel, linha por linha. O rapaz se aproximou, abrindo caminho entre a multidão de espectadores, e leu:

APARELHO INTERPLANETÁRIO DESPEDAÇOU-SE EM MARTE
TODOS OS VIAJANTES DADOS COMO MORTOS *Segue lista de passageiros*
LADRÕES MOTORIZADOS PRATICAM NOVO ASSALTO
EM BERLIM *"Serão entregues à justiça" — prometeu Funk*
GRANDE ASSEMBLÉIA VOTA PARA ANEXAR O PLANETA
DE THIESSEN
1150 votos a favor; 139 contra
BOLSA ESPACIAL DE VALORES FECHA EM ALTA RECORDE *A Sociedade de Vôos Espaciais, ICSSA, encabeça*
a cotação
LEIA NOTICIÁRIO COMPLETO NO "BERLINER ZEITUNG"

As letras lambiam o painel, como línguas de fogo, logo seguidas por um anúncio da cerveja Heineken.

O rapaz afastou-se. Lera todas as manchetes com atenção, mas sem muito interesse. Desceu a rua e olhou fascinado para a fachada de um cinema onde, por um truque brilhantemente colorido, figuras de homens e mulheres de três metros de altura pareciam dançar. Mas, mesmo ali, o rapaz não prestou muita atenção. Estava preocupado, cada vez mais, com certas exigências de seu próprio corpo.

Tinha necessidade urgente de livrar-se da incômoda e estranha roupa que estava usando, mas fazê-lo ali chamaria a atenção de todos e, além disso, seu corpo nu sentiria frio. Nunca imaginara que uma coisa tão simples pudesse tornar-se tão complicada. Em casa, no Zoológico, ele tinha seu banheiro

privativo e tudo o mais de que precisava. Os outros também deviam tê-los, mas onde? Como faziam as pessoas estranhas em Berlim? Olhou em volta. Não conseguiu divisar nenhum policial, mas uma mulher que passava, acompanhada, parou e encarou-o. Num impulso, dirigiu-se a ela e perguntou:

— Com licença, madame, poderia dizer-me onde posso i encontrar um banheiro?

A fisionomia dela a princípio demonstrou surpresa, depois choque. Voltou-se para seu acompanhante e disse furiosa:

— Vamos andando. Ele está bêbado.

Afastaram-se rapidamente. O rosto carrancudo do homem voltou-se para trás. A palavra "vergonhoso" flutuou até ele.

Surpreso e magoado, o rapaz ficou um momento a olhá-los, até desaparecerem. Então virou-se e caminhou na direção oposta.

O lugar por onde passava agora era chamado de Konstantin's Café. A vista das pessoas sentadas nas mesas, que apareciam através das amplas janelas, lembrou-lhe de que tinha fome e sede. Passado um momento de hesitação, entrou.

Um garçom esguio, vestido com uma elegante jaqueta vermelha, acercou-se dele prontamente no vestíbulo.

— Às ordens, cavalheiro. Mesa para um?

— Sim, como quiser — assentiu o rapaz.

O garçom hesitou, olhando-o com estranheza. Então virou-se para a arcada.

— Por aqui, senhor.

O rapaz entregou o sobretudo e a câmera a uma moça para guardar. No interior, outros garçons vestidos de vermelho moviam-se como formigas por entre as mesas cobertas com toalhas brancas. A sala estava repleta de sedas e veludos de todas as cores, de rostos corados e limpos, de bocas sorridentes. Um cheiro estranho de comida pairava no ar. O grosso tapete abafava os passos mas havia um pesado zumbido de vozes, um tilintar de prataria e música provinda de uma fonte invisível.

Um pouco intimidado com tanta suntuosidade junta, o* rapaz acompanhou o garçom até uma mesinha de um só lugar, onde sentou.

O garçom abriu com um estalo uma pasta de papelão dobrada. O rapaz apanhou-a automaticamente e logo percebeu que era uma espécie de lista de alimentos.

— Um aperitivo para começar, senhor? — perguntou o garçom. — *Hors d'oeuvres?* Ou então uma salada?

O rapaz piscou para o cardápio e colocou-o na mesa.

— Não — respondeu — mas...

— Somente o jantar então, senhor — disse o garçom alegremente. — Se o cavalheiro me permite, eu sugeriria a *truite au beurre canopéen*, com um Moselle. É muito bom, senhor.

— Está bem — concordou o rapaz, com alguma hesitação — mas antes...

— Ah, um aperitivo, afinal? — repetiu o garçom sorridente, mas levemente contrariado. — *Hors d'oeuvres?* Ou...

— Não, eu não quero nada disto, obrigado — conseguiu dizer finalmente o rapaz, fazendo um gesto desajeitado e derrubando um copo.

— Mas então, o que o cavalheiro deseja?

O garçom endireitou o copo, limpou a toalha e recuou. O homem piscou lentamente.

— Gostaria que o senhor tivesse a gentileza de me mostrar onde é o banheiro.

Esperou que o garçom reagisse como a mulher na rua, mas o rosto sagaz do homem apenas se fechou inexpressivamente e ele se inclinou, murmurando:

— A entrada por trás da cortina do fundo, senhor.

— Obrigado, o senhor é muito gentil.

— De *nada*, cavalheiro.

O garçom afastou-se. O rapaz levantou-se e caminhou na direção indicada. Embora procurasse mover-se com cuidado, sentia-se ainda desajeitado naquele corpo e algumas vezes se esquecia e parava entre duas passadas, tentando tirar um dos sapatos. Quando fez isso notou que os presentes olharam para ele com estranheza. Resolveu então eliminar esse hábito o mais rápido possível.

Quando voltou, após alguns problemas com as fechaduras a que não estava habituado, o garçom estava tirando uma travessa coberta de um carrinho de prata e colocando na mesa. Levantou a tampa com um meneio, enquanto o rapaz sentava-se. O garçom apanhou uma esguia garrafa no carrinho, desarrolhou-a, serviu um líquido claro no copo e recuou na expectativa.

O rapaz olhou para o. prato.

A comida fumegava agradavelmente: cinco ou seis diferentes espécies de alimentos, cada um com sua cor característica, arrumados na travessa de forma decorativa. Nunca vira nenhum deles antes, exceto talvez nas revistas, e todos os seus cheiros lhe eram desconhecidos. Ainda assim, pegou o garfo e tentou tirar o pedaço maior, uma massa oval áspera, de cor marrom-queimado, que se desfez em pequenos flocos, escorrendo um caldo. Levou o garfo à boca, numa segunda tentativa. A comida lhe parecia uma desagradável e úmida protuberância sobre a língua. O gosto era tão surpreendente que ele não teve dúvidas: virou-se e cuspiu-a fora.

O garçom olhou o tapete e depois o rapaz. Então foi embora.

O rapaz estava experimentando cautelosamente umas tiras verde-claras, que achava estranhas mas saborosas, quando o garçom voltou.

— O gerente gostaria de falar com o senhor, por gentileza.

E apontou na direção do vestíbulo.

— Comigo?

O rapaz levantou-se de bom grado, derrubando o copa novamente. O líquido molhou a toalha e começou a escorrer para o tapete.

— Desculpe — disse e começou a enxugar com o guardanapo.

— Não tem importância — respondeu o garçom sombriamente e pegou o braço do rapaz. — Por *favor,* cavalheiro.

Encontraram outro garçom no vestíbulo, que pegou-lhe o outro braço. Alguém entregou-lhe o sobretudo e a câmera. Juntos, os dois garçons o levaram até a porta de saída.

O rapaz olhava ao redor, procurando alguém.

— E o gerente? — perguntou.

— O gerente — respondeu o primeiro garçom — quer que o senhor saia calmamente, sem perturbar.

— Mas eu ainda não paguei a comida — disse o rapaz.

— Não se preocupe com isso, senhor — respondeu o garçom (e já estavam na porta).

Os dois deram-lhe um último empurrão. Foi parar na rua.

Um pouco mais tarde, no banheiro masculino de uma galeria de um *pfennig* (ali pelo menos era possível encontrar um banheiro), o rapaz examinou o conteúdo dos seus bolsos. Descobriu que era Martin Naumchik, cidadão europeu, nascido em Asnières (Sena) em 1976, boa compleição física, olhos e cabelos castanhos, sem folha criminal, sem corte de cidadania, nenhum sinal particular, empregado no *Paris-Soir,* 98, rue de Ia Victoire, Paris (9e), que tinha licença de motorista, um cartão de crédito Cordon Bleu, um cartão de imprensa em cinco idiomas e um caderno de notas, cheio de rabiscos a lápis, que ele não conseguia decifrar. Em sua carteira de dinheiro, encontrou quarenta marcos e nos bolsos das calças, do paletó e do sobretudo, algumas moedas totalizando dois ou três marcos. Era tudo, exceto uns canhotos de cheque, uma chave presa a uma argola de ouro, lenços, fiapos do tecido dos bolsos, um maço de cigarros pela metade e um envelope amarrotado, endereçado a Herr Martin Naumchik, 67, Gastnerstrasse, Berlim.

O rapaz já havia satisfeito parcialmente sua fome com duas salsichas fritas, compradas numa barraca perto da galeria, mas sentia-se cansado, só e confuso. Naquele momento gostaria de voltar para o Zoológico, mas estava perdido e não sabia onde aquele ficava. Saiu da galeria e começou a descer a rua.

O cinema convidava-o a entrar, acenando-lhe com as portas abertas do vestíbulo e seus gigantescos cartazes de cada lado: figuras de homens e mulheres, em papel lustroso, e planetas flutuando num céu azul-acinzentado. Letreiros luminosos anunciavam:

Experimente novas sensações!
Emoções nunca vistas!
SOB AS SETE LUAS
Stella Pain — Willem DeGroot
"Indescritível!" — Tageblatt

O preço era dois marcos e dez. O rapaz pagou, recebeu o bilhete e entrou. Algumas pessoas esperavam de pé, na ante-sala, conversando e fumando. Sobre um longo balcão, estavam à venda frutas exóticas e confeitos, e havia fileiras de máquinas automáticas, com bebidas, doces e guardanapos de papel. O rapaz entregou o bilhete à borboleta automática na porta, recebeu de volta o canhoto do ingresso, e entrou num enorme poço de cadeiras escuras, iluminado por fracas lâmpadas colocadas nas paredes afastadas. Aqui e ali, em torno do enorme anfiteatro, grupos de pessoas sentadas. Três quartos dos lugares estavam vazios. Ouvia-se um ligeiro burburinho, mas ninguém conversava ou se movia. O espetáculo não havia, evidentemente, começado. O rapaz dirigiu-se para a platéia, escolheu uma cadeira e desdobrou-a. Quando sentou e pôs as mãos nos braços da cadeira, sons e movimentos explodiram ao seu redor.

Deu um salto em meio ao silêncio e à escuridão. O enorme e quase vazio anfiteatro voltou a ficar como antes: as formas fantasmagóricas que vira tinham desaparecido.

Depois de um momento, cautelosamente, voltou a segurar um dos braços da poltrona. Nada aconteceu. O outro braço. Ainda nada. Com cuidado e medo, desdobrou a poltrona e afundou-se nela.

Novamente a súbita explosão de luz e som. Conseguiu, desta vez, ver imagens e ouvir vozes, até que pulou de pé outra vez.

Ao seu redor, as pessoas continuavam sentadas, em misterioso e concentrado silêncio. Então aquela devia ser a maneira de ver um filme: não projetado numa tela, como sempre pensara, mas algo que acontecia misteriosamente, quando se sentava na cadeira. Trêmulo de nervosismo, mas decidido a não ser covarde, sentou-se ainda uma vez e agarrou com força os braços da poltrona.

Luzes e sensações o rodearam. Viu, então, a parte superior de dois humanos gigantescos, um homem e uma mulher, contra o céu violeta, no qual duas luas brilhavam palidamente. Simultaneamente, ouviu-se um opressivo e insistente rugir de vento e a voz estentória do homem gritou: "Gerda, você é minha!" Seus

olhos pousaram nos dela, seus fortes braços morenos agarraram os braços nus dela, enquanto a mulher respondia: "Eu sei, Friedrich."

As palavras explodiram nos tímpanos do rapaz como uma bomba. Os dois corpos imensos não estavam muito distantes dele, no fundo da sala. Pelo contrário, surgiam a sua frente, tão perto como se pudesse tocá-los. Brilhavam coloridos, não com uma cor natural, mas algo ao mesmo tempo diferente e impressionante, tons pastéis luminosos sobrepondo sombras à escuridão luminescente, com uma quase perturbadora sugestão de um negro mortal nos contornos, a semelhança de uma gravura colorida. Tinham profundidade, mas não realismo, e também eram incrivelmente mais que simples imagens. O rapaz constatou, surpreso, que podia sentir o cheiro do ar, frio e salgado, e que, sem saber pelo menos como, tinha consciência da verdadeira *textura* da pele da enorme mulher, lisa e macia como um fruto de cera, e da felina suavidade perfumada dos longos cabelos fulvos, soltos ao vento, e da rigidez lustrosa das folhas verdes do cenário.

"Gerda!", trovejou o homem.

"Friedrich!", trombeteou a mulher, tristemente.

Então, sem mover um músculo, desapareceram ambos, vertiginosamente, como se um carro invisível os levasse rapidamente para longe, enquanto eles iam diminuindo, de pé, olhando um para o outro, arbustos de folhas verdes se juntaram para encher a cena. O céu se ampliou até ocupar todo o espaço. *Três* luas começaram a se mover lentamente no firmamento violeta e nesse momento, com um poderoso trovão, a chuva começou. Seco, no seu lugar, o rapaz podia sentir os fios d'água lavando as folhas. Eram mornos. A música explodiu em ressonâncias selvagens. Um relâmpago cortou o céu e a tempestade desabou.

Era demais.

O rapaz pôs-se de pé, tremendo dos pés à cabeça. A visão, o tato e a audição desapareceram instantaneamente. Estava só na sala imensa, com as pessoas imóveis e silenciosas sentadas no escuro.

Dirigiu-se trêmulo para a passagem e saiu, satisfeito de voltar à calma e à consciência de si mesmo. Lamentava haver desistido tão depressa, mas consolou-se pensando que aquela era a primeira vez. Mais tarde talvez se acostumasse.

Numa banca no meio da rua, jornais e revistas eram vendidos através de distribuidores automáticos de metal. Ao lado, um menino sujo e uma mulher grisalha, com um televisor portátil, assistiam à apresentação de um cantor popular. A criança tentava acompanhá-lo, com uma voz de soprano forçada. Algumas moedas se espalhavam sobre a mesa desmontável, onde estava o aparelho. Mais adiante, dois homens bêbados e desgrenhados brigavam sem

empenho, segurando-se pelo paletó para manter o equilíbrio. Uma mulher, com o rosto carregado de maquilagem, fazia piadas, mas ninguém lhe prestava atenção. Três rapazes andavam lado a lado, carrancudos, vestidos com idênticos sobretudos longos e escuros e topetes cheios de gordura. Enormes anúncios de luz fria piscavam do alto dos edifícios:

MOBIL, TELEFUNKEN, KRUPPFARBEN.

O rapaz se movia, em meio à multidão, ouvindo as vozes indistintas e trechos de música que vinham das portas abertas, examinando os rostos, parando para olhar as faiscantes mercadorias nas vitrinas das lojas.

Depois de andar durante algum tempo na mesma direção, penetrou numa loja que parecia ocupar, sozinha, todo um quarteirão, com diversas portas de entrada e filas de vitrinas brilhantemente iluminadas. O nome, em letras graúdas de luz fria em cada uma das entradas, era "ELEKTRA". Na falta de coisa melhor, o homem acompanhou a multidão.

Dentro, a loja era um gigantesco salão, de teto alto, boa acústica e brilhantemente iluminado por refletores. Pilhas de caixas e mostruários luminosos estavam dispostos em prateleiras paralelas, com alas entre elas. Nos espaços intermediários, havia estátuas, grandes plantas floridas e trabalhos em metal branco e dourado. O burburinho da multidão era refletido no teto distante. Olhando para cima, o rapaz viu flamejantes fachos de luz colorida: vermelhos, verdes, azuis, âmbar, que piscavam e deslocavam-se pelo teto como a descarga dos foguetes. O ar estava pesado, impregnado de uma mistura de perfumes femininos e outros odores indistintos. Como fundo musical, uma suave melodia e ruídos múltiplos e confusos.

O rapaz seguia ao acaso, ouvindo e vendo. Uma mulher e um homem idoso achavam-se à entrada de uma das galerias, discutindo violentamente em voz baixa e crispada. O rapaz conseguiu ouvir as palavras: "Vinte milhões, no mínimo." Uma criança de casaco vermelho estava chorando, arrastada por uma mulher zangada. Um homem de uniforme azul escuro caminhava apressadamente, com as calças batendo nos tornozelos.

Havia anúncios de luzes coloridas no teto. Um vermelho dizia: ROUPAS MASCULINAS e uma trilha também vermelha afastava-se dele piscando. Outro, azul, dizia: JÓIAS E RELÓGIOS. O verde: CÂMERAS.

O rapaz seguiu, fascinado, o facho de luz esverdeada. Filas de gente, na maioria mulheres, moviam-se lentamente, por entre os mostruários. O rapaz viu, aqui e ali, alguém pôr dinheiro numa das caixas, . abrir o vidro e apanhar uma blusa ou uma roupa de baixo, um par de meias, um cachecol.

O rapaz nunca havia visto tanta coisa bonita num só lugar. Estava agora num longo corredor, repleto só de câmeras, centenas delas, de todos os formatos e

tamanhos, todas impecavelmente polidas e brilhantes. O cintilante reflexo dos seus olhos redondos de vidro e metal seguiam-no quando ele andava. Viu efetivamente um homem comprar uma delas: um objeto enorme, do tamanho de uma cabeça humana, envolto em couro claro, um complexo de tubos e lentes, discos e medidores. O homem segurou-a respeitosamente, olhando-a com carinho, como se fosse o rosto de um ser querido. Assim que a porta de vidro se fechou, um mecanismo moveu-se lentamente e outra câmera, idêntica, foi colocada no lugar vazio. Quando o comprador se afastou, o rapaz olhou o preço na borda cr ornada da vitrina: setecentos marcos. Olhou novamente para a bela câmera atrás da porta de vidro e depois para a que estava pendurada em seu pescoço. Era menor e o metal não brilhava tanto. Sua capa preta estava gasta em alguns lugares e não parecia tão bonita quanto fora.

O rapaz recomeçou a andar, olhando para si mesmo. Viu que seu sobretudo escuro estava poído nos punhos, seus sapatos precisavam de um polimento, havia poeira e fiapos em suas calças.

Assim, não bastava ser humano! Era preciso também dinheiro. Pensou vagamente que se possuísse setecentos marcos não estaria com dor de cabeça, não teria aquela sensação de desconforto, que o afligia cada vez mais, nem se sentiria tão cansado e irritado.

Porém, não tinha a menor idéia de como alguém conseguia dinheiro.

Para sentir-se melhor, parou na seção seguinte e comprou um relógio de pulso, com uma pulseira de platina expansível. Colocou uma nota de dez marcos na ranhura* O mecanismo recolheu o dinheiro, com um sibilo, puxando a nota gradualmente para dentro, até desaparecer. Então houve um estalo no receptáculo embaixo e a porta de vidro se abriu girando. O rapaz apanhou o relógio e admirou-o. Aquela maravilha já estava em funcionamento, o ponteiro dos segundos circulando silenciosamente no mostrador preto. Colocou-o no pulso, primeiro do lado errado, depois na posição correta. No receptáculo havia vinte e sete pfennigs em prata e cobre. Retirou-os. Acima, o mecanismo funcionou novamente e outro relógio de pulso ocupou o lugar vazio. O rapaz viu que não podia resistir. Colocou outros dez marcos na máquina, recebendo novo relógio e mais vinte e sete pfennigs de troco. Colocou o segundo relógio no outro pulso. Agora sentia-se rico e elegante. Estendeu os braços com firmeza, para subir os punhos das mangas, de maneira a poder admirar os relógios. Ambos marcavam a mesma hora: vinte horas e treze minutos. Agora ele poderia sempre saber a hora certa, porque se os relógios marcassem horas diferentes, naturalmente um deles estaria errado; se marcassem idênticas, deveriam estar certos.

Satisfeito por ter feito aquilo sozinho e por ter comprado direito, continuou

andando. Num espaço livre, no fim da galeria, viu as escadas giratórias que subiam até o teto e, além delas, filas de elevadores cujas portas se abriam e fechavam constantemente: clic, abria-se a porta e entrava alguém; clic, a porta se fechava, transportava o passageiro e se abria outra vez. Atravessando o recinto em sentido transversal, viu outro grupo de fachos luminosos no teto e pareceu-lhe que um deles estava rotulado "ALIMENTOS". Seguiu-o avidamente e quase derrubou um homem de uniforme azul, sem quépi, que franziu as sobrancelhas para ele e disse:

— Desculpe, senhor.

— Não, eu é que *devo* desculpar-me.

— Não há de que, senhor.

— É muito gentil de sua parte. .. — É uma honra, senhor.

Cumprimentaram-se com uma ligeira inclinação de cabeça e seguiram seu caminho. O rapaz verificou que o anúncio luminoso realmente indicava "ALIMENTOS". Seguiu seu facho róseo até chegar a uma área subterrânea, repleta de gente com carrinhos de metal cheios de pacotes. Desceu os cinco ou seis degraus, farejando o ar e um novo grupo de fachos luminosos apontavam: "Gêneros enlatados", "Perecíveis", "Carnes" etc. Entrando na seção de enlatados, encontrou um homem corpulento, com um sobretudo axadrezado, que estava tirando uma lata de um dos compartimentos abertos, para colocá-la sobre outras três num carrinho.

O rapaz parou para olhar.

O mecanismo da caixa girou lentamente: outra lata grande, com o mesmo formato curioso, apareceu e o rapaz pôde ver no rótulo: PRESUNTO DEFUMADO COPENHAGEN, e a imagem de um pedaço de carne rosada. A tampa da vitrina ainda estava aberta. Assim que o mecanismo parou, o homem troncudo estendeu a mão e apanhou o presunto enlatado e colocou-o no carrinho, junto com os outros quatro. O mecanismo voltou a girar. O freguês corpulento olhou então para o rapaz por sobre o ombro, hesitou, depois apanhou uma sexta lata de presunto, que foi juntar-se às outras cinco. O mecanismo tornou a girar, mas até onde o rapaz pôde ver, o homem parrudo não colocara nenhum dinheiro.

Cada vez que retirava o presunto, a porta girava mas não fechava. Então o fortão levantava-a e pegava um novo presunto.

O freguês olhou em volta outra vez, abarcando tudo e resmungou:

— Vá andando, vamos, não vê que eu estou ocupado? —- Sinto muito — disse o rapaz, polidamente — mas estou aguardando a minha vez de comprar o presunto.

O homenzarrão mastigou algumas palavras, tentando olhar para o rapaz e para o próximo presunto ao mesmo tempo.

— O que disse? — perguntou o rapaz.

— Eu disse vá para o inferno — resmungou o espadaúdo mais claramente.

O mecanismo parou. Ele meteu a mão e apanhou a sétima lata.

Nesse momento, um dos homens de uniforme azul apareceu no fim da galeria. O homenzarrão estava segurando o presunto junto ao peito. O homem de azul virou-se para ele.

O freguês parrudo rodopiou abruptamente, colocou o presunto entre os braços do rapaz, e disse de mau humor:

— Então tome! — e afastou-se depressa.

— Um momento, por favor! — gritou o homem uniformizado de azul, aproximando-se.

Afastando-se cada vez mais rapidamente, e sem voltar a cabeça, o fortão disse algo parecido com:

— Corra, seu tolo!

O homem de farda azul tirou algo do bolso. Era uma campainha elétrica, que começou a soar alta e insistentemente. Dentro do mostruário, o mecanismo continuou girando, apresentando outro presunto enlatado. O rapaz olhou-o, depois voltou a vista para a lata que tinha nas mãos e sentiu um vago alarma. O homem forte andava cada vez mais depressa. O de uniforme azul gesticulava e gritava. O rapaz virou-se e começou a correr, embora não soubesse por quê.

Em frente à seção de alimentos, outro homem de uniforme azul vinha pela esquerda em sua direção. O rapaz subiu, tropeçando, os cinco degraus, apertando desajeitadamente contra o peito a lata de presunto. O homenzarrão havia desaparecido.

— Pare! — gritou um dos homens de uniforme azul. Mas o coração do rapaz batia num pânico irracional.

Atravessou o vestíbulo, esquivando-se de um lado para outro entre os carrinhos de compras, perseguido pelos gritos e pelo soar da campainha. Outra campainha começou a tocar, em algum lugar à sua direita, e depois uma terceira. Totalmente apavorado, sem saber o que estava fazendo, o rapaz jogou o presunto no chão e correu na direção de uma mulher, que empurrava um carrinho cheio, que gritou e atirou-o contra outro carrinho, derrubando os dois e espalhando laranjas pelo chão, como mercúrio. Continuou a correr, deixando-a para trás, quase caindo, e viu-se entre dois homens de azul, enquanto à frente dele só havia uma grade decorativa de arabescos de metal dourado, que subia até uma galeria no segundo andar. Ofegante e amedrontado, o rapaz arremessou-se contra a grade e começou a trepar por ela. Apesar dos pés desajeitados, que não podiam se, agarrar nem sentir o metal, ficou logo acima da cabeça dos homens, que ergueram seus punhos para ele, gritando:

— Biltre desprezível, desça daí!

O rapaz continuou a subir. Num instante, as pessoas abaixo dele, no chão, pareceram bonecos coloridos, muitos com os rostos voltados para ele. Um dos homens de uniforme azul tinha começado a subir a grade, mas o rapaz já estava quase no topo.

Chegou em cima e, agarrando-se, percebeu que poderia atingir o corrimão da galeria, balançar-se e passar por cima. Ofegante com o esforço, chegou a um estreito corredor, com uma fileira de portas abertas, de onde vinham sons de vozes e o ruído das máquinas. Um homem saiu por uma das portas do corredor e aprumou-se para ouvir o alarme das campainhas. Virou-se e viu o rapaz.

— Ei! — gritou, caminhando para a frente.

O rapaz correu novamente. Rostos se viravam, espantados, nas salas por onde passava. Viu, num relâmpago, homens e mulheres de guarda-pós, mesas e material de escritório. A porta seguinte estava fechada e indicava: "Escada". O rapaz abriu-a, hesitou um instante entre dois lances estreitos, depois tomou o ascendente e subiu três degraus de cada vez, dando uma volta em cada um dos patamares até ficar tonto. Abaixo ecoavam vozes. Continuou subindo, passando por outros patamares e portas escuras fechadas, estreitas e imundas, até chegar ao cimo. As escadas terminaram numa última porta, iluminada por uma encardida clarabóia, através da qual filtrava-se uma tênue luminescência violeta.

O rapaz parou para escutar. Ouviam-se ainda, vindas de baixo, vozes fracas como o zumbido de insetos sob camadas e camadas de terra.

Abriu a porta e entrou. Achou-se num andar de salas vazias, escuras e empoeiradas. Tudo ali tinha um aspecto mais velho e gasto que nas brilhantes galerias embaixo. Na luz fraca que vinha das pequenas janelas de vidro granitado pôde divisar mercadorias empilhadas nos cantos de uma sala e um amontoado de arquivos em outra. Não havia ninguém ali. Devia fazer muito tempo que nenhuma pessoa punha os pés naquele lugar.

No fim do corredor, meio escondida por um velho guarda-roupa, havia outra porta e outra escada, a mais estreita e escura de todas, com degraus de madeira nua que rangiam sob seus pés. Era apenas um só lance e no alto entrou numa sala minúscula de paredes inclinadas.

Pacotes de papéis amontoavam-se no chão, amarelos e quebradiços pelo tempo, sob uma camada de poeira. Havia também um rolo de corda/uma ou duas lâmpadas velhas e papel picado, roído talvez por pequenos animais. Tudo isso ele viu à luz fraca e fria de uma janela triangular, situada no fim do teto. Era uma janela larga, encaixada em uma moldura de ornatos antigos, que tomavam quase toda a parede. E por ela, quando limpou um pouco o vidro com a mão, conseguiu ver a cidade estender-se abaixo dele.

Silenciosa e vazia, jazia sob o céu violeta, os edifícios dispostos ordenadamente, um atrás do outro, até o horizonte enevoado. Algumas das fachadas estavam iluminadas pelas luzes das avenidas, mas nenhum som chegava daquelas profundezas. Era como uma cidade abandonada, cujos habitantes houvessem partido, levando todas as lâmpadas. O rastro luminoso de um Flugbahn flutuou vazio contra o céu. No crepúsculo, as letras dos anúncios luminosos sobressaíam, frias: MOBIL, URANIA, IBM, ALT WIEUNL

O rapaz olhou em volta, com calma satisfação.

Estava ainda faminto e com o corpo sofrendo, mas a salvo e protegido. Com aqueles papéis poderia fazer uma cama perto da janela. Olharia para fora, para o mundo, todos os dias, o tempo que quisesse e ninguém conseguiria descobrir onde ele estava.

Sentou-se e deixou os músculos relaxarem. Acima de tudo, estar livre e ter um lugar só dele era o que mais interessava. Estivera terrivelmente amedrontado, mas agora podia ver que tudo terminaria bem.

Percorreu, com o olhar satisfeito, as paredes sombrias e oblíquas, que já tinham a confortável familiaridade de um lar, deitou-se no chão e deixou as lentas ondas do silêncio carregarem-no para o sono.

IV

No ANO DE 1948, em New York City, Robert M. Shoemaker teve uma desagradável tarefa pela manhã: ir ao escritório do chefe para ser despedido.

Shoemaker, sentado preguiçosamente e sem lavar-se em seu pequeno cubículo, tinha consciência de que não era um ornamento para a Dentweler, Cleaves & Osborne. Nem nas últimas seis semanas de emprego se transformara num exemplo aceitável. A verdade é que estivera mais ou menos bêbado durante todo o tempo.

Shoemaker olhou a camisa suja, com a fralda saindo das calças. Depois, os sapatos sem brilho, com os cordões desamarrados. Uma de suas meias era azul, a outra de losangos multicores, ambas com enormes buracos. Sentiu uma espécie de viscosidade, mas isto não parecia incomodá-lo.

Saltos ecoaram no linóleo. Miss McKenzie, fria e esguia, num vestido azul estampado de bolinhas, parou na porta aberta e olhou-o inexpressivamente.

— Ele está esperando por você — disse ela.

Shoemaker olhou para cima e inclinou a cabeça afirmativamente. Depois de um momento, ela foi embora, clic, clac, clic, clac. Vozes ecoaram no corredor; ouviu-se a batida seca de uma das máquinas do departamento de contabilidade. O raio do lugar estava cheio de ecos.

Shoemaker tirou os pés do canto da mesa. Eles chegaram ao chão com um solavanco ruidoso, que era de certa maneira satisfatório. Os pés eram reais, o chão era real. Ficou pensando naquilo em círculos, até dar-se conta de que estava sentado ali, sem se mover, por um longo espaço de tempo. Não devia deixar o velho Gordy esperando.

Shoemaker suspirou, passou a mão no queixo áspero e olhou vagamente para sua escrivaninha: máquina de escrever, duas pastas contendo notas do EZ Credit e contas da Nuway. Uma cesta para entrada de papéis, suja, cheia de documentos amarrotados. A de saída, vazia. Não conseguiu achar nelas o que estava procurando. Olhou então a gaveta de baixo. Achou uma garrafa achatada, com uma polegada de uísque escuro no fundo. Shoemaker girou a cadeira, colocando-se de costas para a porta, o que não era costume, e considerou que não seria muito delicado de sua parte tomar um último gole antes de ir ao escritório do velho Gordy. Seria melhor, em vez disso, mastigar *sen-sen?*

Era um problema interessante porque, de um lado, o velho Gordy sabia muito bem que ele estava bêbado, sentindo-lhe ou não o hálito carregado, e por outro lado... Mas ele esquecera o outro lado e pareceu-lhe mais fácil liquidar a garrafa que colocá-la de volta na gaveta. Assim o fez, inclinando a cabeça para trás. Então limpou a boca com as costas da mão e atirou ruidosamente o soldado morto na cesta de lixo.

Quando levantou-se, a escrivaninha girou abruptamente, e ele teve que espalmar a mão nela. Empertigou-se e respirou profundamente com a boca aberta, sentindo o hálito escapar como o de um dragão. Por Deus, não estava tão bêbado que não conseguisse *andar.* Dirigiu-se determinadamente para a porta e só esbarrou o ombro de raspão no portal ao passar.

No cubículo seguinte, o jovem Rob Gilmore estava sentado ereto, com a camisa impecavelmente branca, a gravata com um laço esmerado, um cachimbo curto entre os dentes, soprando anéis de fumaça cinza-azulada. Olhava atentamente para a máquina de escrever, fingindo não ver Shoemaker.

Shoemaker cumprimentou-o ironicamente e prosseguiu, tentando manter-se ereto no meio do corredor de linóleo verde. A porta de vidro fosco do escritório de Gordy estava aberta. "R. Gordon Osborne, Vice-Presidente". Shoemaker bateu duas vezes com os nós dos dedos, parado no limiar, sentindo um sorriso tolo formar-se no rosto.

Gordy Osborne levantou os olhos: o rosto carrancudo cuidadosamente barbeado, o cabelo grisalho bem aparado, de paletó-saco e cachimbo na boca. Gordy também fumava cachimbo, todo mundo fumava cachimbo.

— Oi, Gordy — disse Shoemaker e riu. Osborne parecia aborrecido.

— Entre Bob e feche a porta.

— Shoemaker empurrou a porta, dando passos miúdos e fechou-a com mais ruído do que esperava — raio de troço! — e encaminhou-se para a cadeira de couro verde ao lado da mesa de Osborne. Colocou as mãos nos bolsos,, sentou-se e espichou as pernas.

Osborne estava esfregando o nariz com *os* dedos. Shoemaker sentiu um ligeiro mal-estar. Havia uma espessa parede de vidro entre ele e Osborne e não tinha importância que os garotos que a agência estava empregando atualmente parecessem engomados e fumassem cachimbos, ou que o próprio Shoemaker estivesse bêbado ou não, embora estivesse. Mas era uma vergonha sentir-se tão mal por causa de Gordy.

— Que é que há, amigo velho? — perguntou Shoemaker, sorrindo.

Osborne suspirou.

— Bem, não há muito que dizer, não é.

O tom não era interrogativo. Sua voz diminuiu no fim da frase. Correu os

olhos pelo mata-borrão verde, com cantos de couro, pelo grande peso de papéis de vidro verde e pelo calendário dourado a sua frente, sobre a mesa lustrosa.

— Falamos a esse respeito na semana passada, combinamos que você tentaria manter-se sóbrio no fim da semana... — Levantou os olhos para Shoemaker. — Suponho que não é necessário perguntar-lhe por que não se manteve.

— Mas que inferno! — disse Shoemaker. Afundou-se na poltrona, olhando para os sapatos. Procurava as palavras. — Quero dizer, que diferença faz?

Osborne não respondeu. Shoemaker, tentando ainda encontrar uma maneira de explicar que aquilo não tinha importância, sentiu uma sensação estranha na boca do estômago. Era como se alguma coisa desagradável estivesse para acontecer. A sala, girando suavemente sob seus pés, deu uma súbita guinada. Ouviu Osborne exclamar:

— Uh!

Virou a cabeça. Seu primeiro pensamento foi de que Gordy havia colocado uma máscara carnavalesca. Nariz grande, olhos miúdos e brilhantes, como os de um macaco, sob as grossas sobrancelhas. Rosnava, mostrando os grandes dentes amarelos. A cabeça e o rosto cobertos de pêlos ásperos, depois os braços e o corpo... O terno desaparecera. O cachimbo também. Sem pescoço, a cabeça inclinada para a frente... rosnava e olhava para Shoemaker.

Shoemaker deu um salto, sentindo um arrepio de frio percorrer-lhe o corpo. A coisa que não era Gordy fez um ruído animalesco e apanhou o peso de papéis com uma das patas sujas. Então levantou-se, pulando por cima da mesa. A última coisa que Shoemaker viu foi o pesa-papéis indo em direção da sua cabeça. Deu-se conta, então, de que tinha medo de morrer e de como algumas coisas eram importantes, apesar de tudo.

Mais tarde, o homem de Neanderthal saiu pelo corredor, agarrou e estraçalhou o mensageiro Anthony Boletti, que passava por ali. Arremessou-se para a sala dos datilógrafos, fazendo as garotas gritar e se esconder debaixo das mesas ou subir nos arquivos. Não procurou sair para o corredor, mas correu de um lado para outro, provocando um tumulto em todo o escritório, até que, vinte minutos mais tarde, chegou a polícia e matou-o com um tiro.

Nos jornais, a criatura era descrita como um homem-macaco que escapara de um parque de diversões. O desaparecimento de R. Gordon Osborne, que nunca mais foi visto nesta Terra, foi dado como "inexplicável".

A comida na bandeja tornou-se uma massa fumegante, de algo verde-escuro, cheiroso e de consistência lodosa, com pedaços de uma substância fibrosa.

O bípede estava faminto, mas ficou repugnado pela aparência pouco apetitosa do troço e não conseguiu tocar naquilo. Na sala ao lado, ouviu o ranger de uma colher no prato de metal: apesar disso, a fêmea estava comendo a ração dela. O guarda havia afastado a mesa da sua porta e a repreendido severamente. Fritz não conseguiu ouvir a resposta dela, se é que houve. Tentou sorver a água da tigela que havia em sua bandeja, percebeu que sua boca rígida não o permitia e atirou a vasilha ao chão num súbito acesso de fúria. Logo, porém, sentiu sede e encheu novamente a tigela na torneira da pia. Tentou lamber a água com a língua, sentindo dessa maneira um certo alívio, mas não conseguiu beber o suficiente para matar a sede. Acabou por derramar a água na boca, meio se engasgando antes de descobrir que, para engolir, precisava jogar a cabeça para trás.

Seu peito e as pernas estavam molhados, os espinhos macios faziam mechas com a umidade. Sentiu uma aguda sensação de desconforto até conseguir enxugar-se com uma toalha. Por alguma razão, aquele incidente trivial deprimiu-o fortemente. Tentou consolar-se pensando na carta não terminada sobre a mesa mas, para seu desespero, constatou que não se importava mais. Sentou na sala interna e olhou estupidamente para a parede.

Despertou daquele torpor pelo ruído de passos no escritório vazio e com a voz circunspecta de Grück chamando:

— Fritz! Emma!

O jovem guarda robusto entrou, viu que a travessa não havia sido tocada e levou-a sem comentário.

O bípede levantou-se, simplesmente porque necessitaria de muita força de vontade para ficar onde estava. Seguiu o guarda até o escritório.

O guarda estava mostrando a bandeja a Grück e Wenzl, de pé um ao lado do outro, Grück volumoso na sua casemira marrom e Wenzl esguio no seu guarda-pó branco.

— Não comeu nada, senhores.

Os olhos de Wenzl brilharam, mas Grück disse, expansivo:

— Não se preocupe, não se preocupe, Rudi, tire isto daqui... Esta manhã nosso hóspede não está com fome, é natural! Já! — Esfregou as gordas mãos rosadas uma na outra e perguntou: — Mas onde está nossa querida Emma? — Virou-se. — Emma?

A fêmea estava na soleira do quarto, espreitando, tendo visível só um lado do rosto. Obedecendo a ordem de Grück, avançou alguns passos e então hesitou. Tinha levantado os braços, cruzando as mãos sobre a testa, para ocultar o

calombo.

— Mas, Emma — disse Grück, em tom repreensivo

— é esta a nossa hospitalidade? Somos mesmo tão indelicados? É o primeiro dia do nosso amigo aqui!

Ela emitiu um som gutural, fixando o bípede com olhos amedrontados.

— Você está assustada, Emma, ele lhe causa medo?

— perguntou Grück, olhando de um para o outro. — Ah, minha querida, não há nada para ter medo. Vocês vão ser grandes amigos... sim, você verá! Além disso, Emma, o que me diz sobre todo o trabalho que há por fazer?

Inesperadamente, a fêmea falou, em voz baixa e absurdamente humana:

— Leve-o daqui, por favor, e eu farei o trabalho sozinha, Herr Doktor.

Olhou na direção do bípede e abaixou a cabeça.

— Não, não, Emma, isto não é direito. Deixe-me dizer-lhe uma coisa. Como você está muito assustada, tão apavorada, queremos que fique alegre, Emma, e vamos fazer alguma coisa para aliviar seu medo. (Wenzl, dê-me o giz). Fritz vai ficar e ajudá-la no trabalho...

— Não, não.

— Sim, sim! E você vai gostar, espere e verá. (O giz, Wenzl... ah!).

Wenzl falou energicamente com Rudi, o jovem guarda gordo, que corou, remexeu nos bolsos e apresentou um pedaço de giz cor-de-rosa. Wenzl arrebatou-o, passando-a a Grück.

— Olhe aqui, Emma — falou Grück suavemente — vamos desenhar uma linha no chão. Eu mesmo vou desenhá-la pois quero vê-la satisfeita... assim...

Curvando-se com um grunhido, começou na parede entre as portas dos dois quartos e traçou uma linha sinuosa através da sala, separando-a em duas partes aproximadamente iguais.

— Agora — disse ele do outro lado, levantando-se em arquejante triunfo — veja, Emma, deste lado fica Fritz. Correto, Fritz?

— Como você quiser — replicou o bípede, com indiferença.

— Viu, ele me deu a palavra — falou Grück com ênfase. — E eu a dou a você, Emma. Enquanto ele ficar deste lado da sala, você trabalhará do outro lado, e não terá medo. Mas, se ele tentar cruzar a linha, você tem *minha permissão* para ficar assustada novamente, correr para seu quarto e trancar a porta. Compreendeu?

A fêmea ficou impressionada.

— Então está bem, Herr Doktor — falou por fim.

— Muito bem! — exclamou Grück. Esfregou as mãos com satisfação. — Agora falta mais o quê? — Olhou em volta da sala. — Wenzl, mude uma das máquinas de escrever, para que Fritz possa usá-la. E uma parte do trabalho

também aqui deste lado... Não muito para Fritz,, estou certo de que Emma trabalha mais depressa! —Ótimo! Ótimo! — Foi saindo, acompanhando de Wenzi e do jovem guarda. — Até a próxima vez, então, Emma e Fritz.

A porta se fechou.

O bípede fez menção de sentar-se à escrivaninha. Ajo seu primeiro movimento, porém, Emma recuou, com a boca aberta de medo, as mãos sobre o calombo. Isto espantou o bípede, que disse, irritado:

— Não vou magoá-la.

— Não fale comigo — pediu a fêmea, fracamente. Agarrou o calombo. Seu corpo tremia, leve mas perceptivelmente.

O bípede, tentando ignorar os involuntários gritinhos e sobressaltos dela, dirigiu-se para a escrivaninha e sentou-se. Tirou a capa da máquina, olhou para a pilha de rolos do ditafone na cesta de entrada, então abriu a gaveta da escrivaninha e deu uma olhadela rápida para certificar-se de que a carta estava lá. Enquanto isto, a fêmea permanecia na soleira do seu quarto, apavorada.

Sob seu olhar horrorizado, o bípede não se atreveu a tirar a carta inacabada da gaveta. Pegou o primeiro rolo do ditafone, colocou-o no aparelho, pôs os fones nos ouvidos e começou a escutar.

Um súbito ruído alto em seus ouvidos fê-lo dar um salto e tirar os fones. Depois de um momento baixou **o** volume e, cautelosamente, recomeçou. Uma voz falava baixinho. Reconheceu-a como sendo de Grück, mas não distinguia as palavras. Enrolou o carretel até a marca "começo". O som abrupto voltou, e desta vez percebeu que Grück estava pigarreando.

Aumentou o volume. A voz de Grück estava dizendo:

— Atenção, Emma! Esta é a fita número dois de *Alguns Aspectos da Biologia Extraterrestre.* Começo. Bibliografia. Birney, R.C. Bê-i-erre-ene-e-ípsilon, Emma. *Filo e gênero na biota marciana. Revista de fisiologia comparada, 1985, 50, 162 a 167.* Bulev, M.I. Bê-u-ele-e-efe, Emma. Lembre-se, não com vê, como da última vez! Estudo preliminar do *natator veneris schultzii. Tratados teóricos, 1990, 15 1652 a 1653.* Cooper, J.G. ...

O bípede retirou, irritado, os fones e desligou o aparelho. Os fones não apertavam muito as orelhas, mas não estava habituado e ficou nervoso.

A fêmea afastou-se uns passos da soleira, mas quando ele levantou os olhos, voltou apressadamente.

O bípede praguejou. Logo porém, relutante, voltou o carretel do ditafone ao início e pôs os fones novamente. Meteu o papel no carro da máquina, ligou o aparelho e começou a tentar datilografar o que ouvia. Mas logo nas primeiras

palavras cometeu tantos erros que rasgou o papel e atirou-o no cesto.

Ouviu-se um gritinho abafado da fêmea, que havia chegado até o centro da sala. Agarrando o calombo, recuou dois passos.

— Não olhe para mim! — esganiçou-se.

— Então não grite — retrucou o bípede, aborrecido. Colocou outra folha na máquina.

— Não gritarei se você não olhar para mim. Ele ergueu os olhos.

— Que posso fazer, se mesmo quando não olho você grita?

A não ser por um outro pipilo, mais um suspiro que um grito, ela nada respondeu. O bípede voltou ao trabalho. Apertando uma tecla de cada vez, com penosa diligência, conseguiu passar por cinco verbetes da bibliografia, antes de cometer um erro.

Jogou a folha fora e recomeçou.

O tempo passou. Finalmente percebeu que a fêmea atravessara a sala até chegar à sua mesa. Concentrou-se no trabalho e não olhou. Poucos minutos depois, ouviu o ruído da máquina de Emma. Sua datilografia era suave e rápida. O carro ia até o fim da linha e voltava, começando uma nova linha.

Raivosamente, o bípede apertou uma tecla com tamanha força que ela repetiu o toque. Arrancou a página.

— Você está estragando todo o seu trabalho — disse ela. Fritz ergueu os olhos: as mãos dela pularam para o calombo e baixou-as novamente.

— Não posso fazer nada deste jeito — respondeu.

— Nunca aprendeu datilografia direito?

— Não. Quero dizer, sim — O bípede apertou seus três dedos, frustrado. — Eu sei datilografar, mas este animal não. Não posso fazer as mãos dele trabalharem.

Ela olhou para ele, com a boca ligeiramente aberta. Era óbvio que não havia entendido uma palavra.

O bípede resmungou furioso e voltou ao trabalho. Pouco depois, ouviu o ruído da máquina de Emma recomeçar.

Durante muito tempo nenhum dos dois falou. Insistindo sem esmorecer, o bípede conseguiu, depois de uma hora, completar uma página. Tirou-a da máquina, colocou-a na cesta de saída, com uma sensação de triunfo. Olhando para a escrivaninha da fêmea, ficou um pouco desconcertado ao notar que a cesta de saída dela estava repleta de folhas datilografadas e rolos de fitas e que a cesta de entrada estava vazia.

Suas mãos e costas doíam por não estarem habituadas àquele trabalho.

Sentiu-se novamente cansado e abatido. Como iria terminar aquela carta, uma carta tão importante, com a fêmea o tempo todo na mesma sala? Talvez se ele, deliberadamente, a amedrontasse outra vez...

O pensamento foi interrompido pelo ruído da porta externa abrindo. Emma olhou esperançosamente. O barulho da sua máquina cessara. Cobriu-a com dois rápidos movimentos e levantou-se.

Grück entrou, sorrindo e inclinando a cabeça. Wenzl seguia-o, sombrio como sempre, e finalmente o rechonchudo guarda, com seu carrinho.

A expressão de Grück mudou ligeiramente quando olhou para o bípede.

— Por favor! — bradou ele, gesticulando com as mãos gordas.

Sem entender muito bem o que acontecera, o bípede levantou-se e empertigou-se atrás da sua mesa, como Emma fizera ao seu lado.

— Ótimo! — exclamou Grück alegremente. — Excelente! Como vê, Fritz, um pouquinho de educação e tudo fica melhor.

Voltou-se para Emma, examinou o conteúdo de sua cesta de saída e sorriu aprovador.

— Admirável, Emma, bom trabalho. Emma receberá três bombons com o jantar! Ouviu, Rudi?

— Perfeitamente, Herr Doktor — respondeu o guarda, com uma curvatura.

Colocou três grandes porções de uma substância seca verde pálida num prato que já continha uma espécie de ensopado marrom, levando, tudo para o quarto de Emma.

Quando voltou, Grück estava examinando a cesta de saída do bípede, com uma expressão ofendida de incredulidade.

— É só isto, Fritz?_ — indagou Grück. — O trabalho de uma manhã inteira? Você não pode ser tão preguiçoso assim!

O bípede murmurou:

— Fiz o melhor que pude.

Grück abanou a cabeça tristemente.

— Não há bombons para Fritz hoje, Karl. Que vergonha, hem, Wenzl? Pobre Fritz, não ganhou bombons. Sentimos muito, Fritz. Mas dar-lhe bombons por este trabalho seria uma injustiça com Emma, que trabalhou tanto! Certo, Wenzl?

Wenzl, fixando o bípede com um olhar frio e sem pena, nada disse. Grück prosseguiu:

— Mas esta tarde, se houver alguma melhora... bem, vamos ver! Até lá... — Apanhou a única folha na cesta de Fritz, examinou-a e estalou a língua: — Incorreto! Incorreto!— disse, batendo com o dedo grosso na página — Aqui há erros, Fritz! Tão pouco trabalho e tão mal feito! E onde... *onde* estão as cópias em carbono?

— Ninguém disse coisa alguma sobre cópias em carbono — replicou o bípede, furioso. — Quanto à datilografia, já lhe disse que o corpo deste animal não me é familiar. Eu queria vê-lo datilografar com dedos alheios e fazê-lo corretamente. — Sentiu uma ligeira vertigem, mas prosseguiu gritando, sem se preocupar com o que estava acontecendo. — Pelo que me importa, vocês podem pegar este seu abominável Zoológico — continuou, sacudindo o punho no rosto de Grück — e ir para...

A sala estava se inclinando absurdamente para a esquerda: paredes, Grück, Wenzl, guarda, Emma e tudo o mais. Agarrou-se à mesa, tentando firmar-se, mas esta pulou para cima traiçoeiramente, dando-lhe uma pancada forte no rosto. Ouviu os gritos de Grück, os do guarda, e a voz pipilante de Emma em segundo plano. Perdeu o conhecimento e penetrou na escuridão.

— Continue deitado — disse uma voz rabujenta, mas tranqüilizadora.

O bípede olhou para cima e reconheceu o rosto enorme de Prinzmetal, o cirurgião cujos grandes olhos castanhos percorriam-lhe o corpo. A boca mole do médico estava nervosamente crispada.

— Choque e tensão — disse Prinzmetal por sobre o ombro.

O bípede localizou então mais duas ou três pessoas de pé no fundo do quarto. Percebia agora que estava deitado no beliche do último compartimento da sua jaula. Sentia-se curiosamente lânguido e fraco.

Está tudo bem — continuou Prinzmetal calmamente. — Você perdeu a consciência por um momento, foi só. Isto pode acontecer com qualquer criatura muito nervosa. Pique deitado, Fritz, descanse um pouco.

Seu rosto virou e sumiu. A voz de Grück fez uma pergunta. Prinzmetal respondeu:

— Nada... Amanhã estará tão bem quanto antes. Um arrastar-se de pés soou no chão de concreto.

O bípede ouviu, mais afastado:

— É bom que não seja uma coisa orgânica, Herr Doktor. Que sabemos, afinal de contas, sobre a constituição interna destes animais? Nada, absolutamente.

A voz de Wenzl falou breve e secamente:

— Quando tivermos a oportunidade de dissecar um...

Foram-se todos. O bípede ficou deitado, quieto, fixando o teto descorado. Ouviu a porta fechar. O silêncio era quase total, quebrado somente pelas notas longínquas de uma música suave, que vinha de algum lugar lá fora. Nenhum som chegava da sua sala particular ou dos aposentos de Emma, ao lado.

Por fim, o bípede pôs-se de pé. Aliviou-se no pequeno banheiro e bebeu água. Percebeu que estava faminto.

A bandeja encontrava-se sobre a mesa de armar perto da cama. O bípede sentou-se e comeu o ensopado marrom-acinzentado. Então apanhou uma das duas porções arredondadas do troço seco esverdeado que estava ao lado da tigela: os "bombons" de que Grück tanto falara. O bípede pôs cuidadosamente a coisa na boca e parou, incrédulo. Aquela massa, que era quase tão seca sobre a língua quanto sua aparência sugeria, tinha um sabor delicioso e fino, completamente diferente de tudo quanto o bípede já provara. Não era doce nem salgado, nem amargo nem ácido. Seus olhos se fecharam involuntariamente enquanto a chupava, umedecendo-a lentamente, fazendo-a derreter-se em sua boca.

Quando acabou, comeu a outra e então sentou-se imóvel, com os olhos ainda fechados, saboreando a maravilha daquela inesperada coisa boa que lhe acontecera. Seus olhos se encheram de lágrimas.

Como era possível que, mesmo no seu cativeiro, no seu desespero, pudesse haver tanta alegria?

O edifício central do Zoológico de Berlim, construído em 1971 pelo arquiteto Herbert Medius, era uma encantadora amostra de estilo arquitetônico do passado século XX, mas tinha inúmeros defeitos irremediáveis. For exemplo, a sala de jantar no terraço ajardinado, usada por Grück e sua equipe em ocasiões formais, fora coberta por uma arrojada abóbada transparente, na qual foram colocados arcos de vidro colorido. Em determinadas épocas do ano, as longas estrias multicoloridas da cúpula, em vez de incidirem diagonalmente nas paredes de ébano e limão, caíam diretamente sobre as mesas de jantar, colorindo o que estava nos pratos. As cortinas, colocadas para proteger o interior da cúpula, nunca satisfizeram sua finalidade e estavam agora, como de costume, esperando ser consertadas. Conseqüentemente, embora o *bauernwurst* e o purê de batatas do Herr Doktor Grück conservassem os ricos tons de marrom e branco, com os quais tinham vindo da cozinha, o *boeuf au jus* de Prinzmetal coloria-se de um vermelho escuro, como se tivesse sido cortado naquele momento da carcaça sangrenta. O prato de Rausch ficou azul escuro e o de Wenzl era de um verde peçonhento. Os visitantes, Umrath, do *Europa-News*, Purser Bang, do *Space Service*, e o administrador Neumann, haviam sido colocados, é claro, em áreas não atingidas pelas cores, exceto quando o facho de luz vermelha que coloria o prato de Prinzmetal incidia ocasionalmente sobre o cotovelo de Neumann, quando este levantava o garfo.

Wenzl, como sempre, estava empertigado e silencioso no seu lugar. Seus olhos sardônicos nada perdiam, nem a forçada relutância com que Rausch levava seus bocados de comida azul à boca, nem o exagerado movimento do braço de Prinzmetal que, à cada garfada, tirava o alimento da luz vermelha escura antes de levá-lo à boca. Mas Wenzl olhava para seu jantar e via tudo verde: cortava metodicamente, com a faca na mão verde, levava o pedaço com o garfo verde à boca, e comia o verde.

Umrath, o homem do *Europa-News,* tinha um rosto quadrado e vermelho, com olhinhos astutos e cílios claros.

Falou:

— Este jantar não está mau. Cumprimente o chefe, Herr Doktor. Se é assim que o senhor alimenta os ani- ^ mais aqui, devo confessar que eles vivem bem. |

— Alimentar os animais! — gritou Grück jovialmente. — Ha, ha, meu caro Umrath! Não, na verdade, temos | uma cozinha própria para isso, garanto-lhe! Para alimentar mais de quinhentas espécies diferentes, inclusive algumas não-terrestres, não é brincadeira, acredite-me! Por exemplo, os Bípedes de Brecht. Sua comida deve ser rica i em enxofre e sais de berilo. Se tivéssemos posto isso aqui I na mesa, os senhores seriam em breve três homens doentes!

— Wenzl comeria sem pestanejar — disse Neumann, idoso administrador.

Era calmo e moreno, com um ar cansado de homem de negócios.

— Ha! É verdade! — gritou Grück. — Nosso Wenzl é feito de ferro fundido! Mas os bípedes não, senhores. São delicados! Exigem cuidados constantes.

— E dinheiro — acrescentou Neumann secamente, espetando o garfo num pedaço de carne do prato, no qual mal tocara.

— É verdade — disse Grück sobriamente. — São raridades e vêm de uma distância de dezoito anos-luz. Não se atravessa dezoito anos-luz para um piquenique, hem, Purser Bang?

Um som sussurrante, vindo de um dos cantos, distraiu a atenção dos presentes por um momento. Cabeças se voltaram. Da obscuridade surgiu algo pequeno e com muitas pernas, com a pele de um azul cintilante. Fitou-os com seus faiscantes olhinhos vermelhos e depois entrou por um buraco no rodapé. Os presentes ficaram olhando sem qualquer comentário.

O homem do espaço inclinou a cabeça. Era alto e taciturno, de rosto magro e parecia mais um porteiro que um intrépido aventureiro. Cortava cubos exatos de carne em seu prato e mastigava-os demoradamente antes de engolir.

— Então por que gastar tanto com os bípedes, Grück? — indagou Umrath. — São interessantes mas será que valem isto?

— Meu caro Umrath — respondeu Grück, largando o garfo, — devo dizer-lhe que os bípedes representam o sonho da minha vida. Sim, confesso, é verdade

que eu sonho! Afinal de contas, vivemos para realizar algo neste mundo, para atingir uma meta! Eis por que, caro Umrath, planejei e escrevi cartas durante cinco anos, adquiri dois pássaros de sacrifício de Altair e não se pode mencionar o dinheiro que investi... — Olhou para Neumann, que sorriu, levemente — para adquirir nosso maravilhoso novo bípede Fritz. Está aqui, com saúde e é sexualmente maduro. Já temos nosso bípede fêmea, Emma. Nenhum outro Zoológico sobre a Terra tem mais de um. Riam de mim se quiserem, mas só Grück, com seu Zoológico em Berlim, será sempre lembrado como o primeiro homem a procriar bípedes no cativeiro!

— Alguns dizem que isto não é possível — ponderou Umrath.

— Sim, eu sei! — gritou Grück divertido. — Nunca se procriou bípedes com sucesso no cativeiro, nem mesmo no Planeta Brecht! E por que não? Porque até agora ninguém conseguiu reproduzir com êxito as condições essenciais do meio ambiente deles.

— E essas condições são?... — perguntou Neumann, com fatigada polidez.

— É o que vamos descobrir! — respondeu Grück. — Creiam-me, senhores, já tenho uma coleção de estudos sobre o Planeta Brecht e especialmente sobre os bípedes. Não há outra maior no Galacticum, inclusive no Arquivo de Berlim! E aqui entre nós, senhores, Purser Bang está em contato com um grupo do Planeta Brecht, apto a fazer estudos fisiológicos sobre os bípedes! Esse grupo nos dará valiosas informações... através de nosso bom amigo Purser Bang!

Estendeu a mão e bateu na manga de Bang afetuosamente. O homem do espaço sorriu levemente, piscou e voltou a comer.

— Bem, então um brinde aos bípedes! — disse Umrath, erguendo o copo de vinho.

Grück, Prinzmetal, Rausch e Bang beberam. Neumann apenas levantou o copo, baixando-o novamente. Wenzl, friamente aprumado, continuou a cortar metodicamente e a comer sua carne verde.

— Apesar disso — acrescentou Neumann após um momento, — parece que em grande parte vai depender de Fritz.

V

NA MANHÃ do seu quarto dia na loja, o rapaz desceu muito cedo, como de costume, quando o grande recinto estava quase vazio. Uma ou duas pessoas o olharam com curiosidade quando passou pelas galerias, porém continuou a andar e ninguém falou com ele. Os vendedores estavam ocupados, nos compartimentos de paredes de vidro, colocando nova mercadoria, abrindo e fechando as portas de metal. Os serventes, em uniformes cinzentos listrados, empurravam suas máquinas zumbidoras pelo assoalho. Vozes ecoavam solitariamente no teto distante.

O rapaz matou a sede num bebedouro entre a mercearia e a galeria de arte. Seguiu, então, para a seção de pomicultura, com suas montanhas de frutas nas vitrinas, para fazer sua primeira refeição. Nesse ínterim, as portas externas haviam sido abertas, começou a se ouvir uma música suave e as pessoas principiaram a percorrer as galerias. O rapaz pagou setenta pfennigs por um saco transparente de laranjas e um pacote de bananas. Pôs-se a vagar pela loja, comendo as bananas e chupando as laranjas alternadamente. Quando terminava uma fruta, metia a casca cuidadosamente dentro do saco que levava sob o braço.

Uma vez, na tarde do seu segundo dia, o rapaz aventurou-se a ir novamente até a avenida, mas a multidão, o barulho e as luzes o perturbaram e ele voltou quase imediatamente para a loja, com medo de chegar e encontrar as portas fechadas. Estar lá dentro era bem melhor. Também havia ruído, mas era diferente, menos assustador. A luz era suave, fria e não lhe feria os olhos. Além disso, encontrava lá tudo o que precisava: comida, bebida, diversão. Algumas vezes, perdia-se, tão grande era a loja. Mas achava sempre o seu caminho seguindo os fachos de luz móveis do teto.

Quando via algum dos homens de uniforme azul, olhava em frente até que ele passasse. Aprendera que os homens de azul não o perseguiriam se ele não escalasse a grade nem tirasse algo das vitrinas sem pagar. E agora ele pagava sempre.

Quanto à grade, subia por ela todas as noites, pois não conseguira encontrar outro caminho. Fora notado duas vezes, e os homens de azul correram e gritaram, fazendo soar o alarma. Mas ninguém pôde subir atrás dele.. Assim, não tinha realmente muito medo dos homens de azul. Mas, apesar disso, não gostava

de ficar muito perto deles.

Ainda havia coisas desconfortáveis no seu corpo que constantemente o preocupavam e às vezes chegavam a alarmá-lo por sua intensidade. Por exemplo, havia algo que sua boca e sua garganta desejavam fazer. Ficava experimentando diferentes espécies de comida e bebida e a estranha sensação passava mas voltava sempre. Pêlos escuros e anelados começaram a crescer-lhe pelo rosto e queixo, provocando-lhe comichão. Ainda assim sentia-se bem melhor que antes. Descobrira que, se tirasse a roupa e os sapatos à noite, ficava mais fácil suportá-los sobre o corpo no dia seguinte. Quando suas roupas íntimas ficaram sujas, na véspera, comprara outras numa máquina e descobrira que aquele novo tecido, macio e limpo, era inesperadamente agradável sobre a pele nua.

Passando pela ala dos presuntos, viu um homem de rosto vermelho, que olhou-o asperamente e comentou algo ao ouvido de um homem magro e pálido a seu lado. O rapaz ficou assustado. Aquele rosto vermelho parecia-lhe familiar. Seria o mesmo que?...

Olhou para trás. O homem de rosto vermelho e seu companheiro haviam desaparecido. Aliviado mas ainda inquieto, o rapaz dobrou uma esquina e entrou na seção de Vegetais Frescos. No fim da galeria, ao dobrar à esquerda, viu-se face a face com o homem de rosto vermelho.

— Olhe aqui! — grunhiu o homem. — Meu amigo quer lhe propor um negócio. Vamos conversar a respeito, está bem?

O rapaz olhou em volta. O homem pálido, cujos lábios e queixo estavam cobertos de pêlos como os seus, parará por trás dele e sorria. O rapaz encostou na barraca.

— Não tenha medo — disse o homem pálido a meia $_{voz}$. — Não somos da polícia, entende? Vamos conversar, sim? Você está interessado em ganhar algum dinheiro, não?

— Dinheiro? — perguntou o rapaz.

— Legítimo — disse o homem vermelho, fazendo tilintar algumas moedas na mão gorda. — Um camarada inteligente como você pode ficar rico, não há dúvida.

Pegou o rapaz pelo braço esquerdo, enquanto o outro lhe segurava o direito. Os três puseram-se a caminhar pela galeria central, na direção da saída. Chegando na porta da rua, o rapaz tentou voltar atrás, mas estava preso pelos braços.

— Nada disso — murmurou o homem de rosto vermelho. — Nós não somos da polícia, mas podemos entregá-lo a ela facilmente, entendeu?

Levaram-no até um café, entraram os três em uma estreita cabine, com o

rapaz no meio. O homem pálido, que disse chamar-se Horst, tinha o rosto fino e velhaco e grandes olhos esverdeados.

O homem de rosto vermelho se chamava Putzi. Uma vez sentados, começou a falar gesticulando:

— Sabe, tenho de ir embora — disse. — Você bem que poderia cuidar disto, Horst...

— Fique até que Trudl chegue — retrucou o homem pálido.

Apertou o botão no painel de controle e virou-se para o rapaz, colocando o braço em torno do seu ombro.

— Pois é isso — disse. — O senhor sabe escalar muito bem. Já lhe disseram, Herr... ?

— Martin Naumchik, senhor — completou o rapaz, nervoso.

Era incômodo estar tão imprensado entre os dois homens e ter um braço em volta dos ombros.

— Não me chame de senhor — falou Horst, sacudindo o braço — somos todos amigos aqui, não somos? Agora diga-me, Martin, você gostaria de ganhar quinhentos marcos, trabalhando somente uma tarde?

— Obrigado, gostaria muito — respondeu o rapaz. Horst fitou-o com os olhos semicerrados e retirou o braço.

— Então é assim, hem? É um cara frio, hem, Putzi? Mas vamos devagar! Diga-me, Martin, o que você fazia antes, além de afanar coisas na Elektra?

— Só trabalho de escritório, Herr Horst.

— Trabalho de escritório, veja só! Em outras palavras, você é um amador, Martin, não é? Quinhentos marcos é muito dinheiro... demais para o primeiro trabalho de um amador, talvez. No entanto... — Horst franziu os lábios. — Bem, vamos esperar para ver. Que mais preciso dizer? — Sorriu. — Está tudo acertado. Aqui tem minha mão.

E apertou a mão do rapaz, com firmeza.

A porta do transportador se abriu. Dentro haviam três copinhos contendo um fluido marrom-escuro, que Horst distribuiu com cuidado. Putzi bebeu de um só gole. O rapaz provou com precaução, achando o gosto desagradavelmente áspero. Além disso, a emanação enchia-lhe os olhos d'água.

— Trudl chegou — disse subitamente o homem de rosto vermelho — vou indo, Horst... se você não se incomoda, discutiremos isto...

Conversaram um momento em voz baixa e algo passou das mãos de Horst para as mãos de Putzi. Este saiu então da cabine e uma esbelta jovem de cabelos castanhos entrou.

O rapaz bebericou novamente, descobrindo desta vez que o gosto não era assim tão ruim e que o líquido aquecia agradavelmente seu estômago.

— Bem, Trudl, eis o nosso trepador. — disse Horst animado. — Martin, esta é Trudl.

— Como vai, senhorita? — perguntou o rapaz cortesmente.

Ela fitou-o sem expressão e depois olhou Horst, por cima dele.

— Tem certeza de que é ele? Putzi venderia a própria avó por dez marcos.

— Não se preocupe, é ele — falou Horst, irritado. — Agora, diga, Martin, onde você se maloca?

— Senhor?

— Não se faça de tolo... onde você mora?

— Oh.

O rapaz hesitou. Por uma razão qualquer, não queria revelar a Horst o pequeno patamar no topo da Elektra.

— Tinha um quarto, mas esqueci de pagar o aluguel, Herr Horst.

O homem e a jovem se entreolharam.

— Será melhor então que ele venha conosco — falou Horst. — Pode ficar em sua casa.

A jovem deu de ombros. Levantaram-se e o rapaz engoliu o que restara da sua bebida para não esperdiçá-la. Ao atravessarem a praça, na direção da tabuleta que dizia "UNTERFÜHRUNG", pareceu-lhe que a luz suave da manhã sobre a calçada era muito agradável e seus dois novos amigos extremamente amáveis e interessantes.

Emergiram da estação subterrânea e puseram-se a caminhar juntos numa rua estreita, entre fileiras de prédios brilhantemente decorados com quadrados coloridos, laranja, preto, amarelo, malva, verde, marfim e azul-celeste. O rapaz balançava nervosamente a cabeça. A viagem no carro-tubo aborrecera-o porque o veículo estava apinhado de gente: tiveram que ficar de pé, pendurados na parede por alças de plástico, entalados tão apertadamente na multidão que mal conseguiam respirar.

Na rua, porém, era muito mais agradável; o ar era puro e transparente e as cores brilhantes dos edifícios lhe faziam bem. Gostaria de parar e ficar olhando para elas, mas Horst e a moça o seguravam pelos cotovelos, fazendo-o apressar-se.

Dobraram a esquina e atravessaram a rua. Horst parou abruptamente.

— Olhe só aquilo! — disse com voz irritada.

O rapaz olhou. No meio da rua transversal, uma enorme máquina, com um guindaste, estava estacionada do lado oposto a um dos edifícios. Presa ao guindaste, uma das seções da parede do prédio com as janelas e tudo, estava sendo retirada e posta de lado. O corpo da máquina, uma gigantesca caixa de

metal alaranjado, tinha sido erguida por uma maciça coluna de aço e o seu lado estava encaixado num buraco na parede. Gritos ecoaram, vindos de cima. O maquinista inclinou-se para a frente e fez algo. A máquina começou a afastar-se lentamente do edifício, sobre suas grandes rodas de borracha, girando ao mesmo tempo. O rapaz pôde ver que o interior da caixa estava repleto de mobília, tapetes e quadros, enquanto os cômodos expostos do prédio estavam vazios. Três homens de macacão branco esperavam na abertura da caixa.

— Venha — disse Horst e puseram-se a andar novamente. — Eles não devem trabalhar tão perto da sua maloca — murmurou ele para Trudl. — Sabem muito bem que você mora nesta rua!

— Quem é? Stamm e seu grupo? — perguntou ela, inclinando-se ligeiramente para falar por cima da cabeça do rapaz.

— Sim, é aquele maluco de uma figa!

— Por que você não fala com ele? Horst resmungou com raiva.

— Um teimoso como ele... Que adianta?

O homem na cabine olhou quando eles se afastavam e passou o toco do charuto de um canto da boca para o outro. Mas nada disse. Acima, o guindaste movia-se novamente para o prédio. A seção da parede, presa na extremidade do guindaste por dois imensos discos de metal, balançou, sacudiu e voltou ao seu lugar. O guindaste tinha o painel de comando na parte posterior da máquina — viu o rapaz — e outro homem de macacão branco o manobrava.

Queria parar e ver a parede ser recolocada e as portas da máquina fechadas, mas Horst puxou-o rudemente pelo braço.

— Venha!

Dobraram subitamente num vão ao lado de uma tabacaria. No fim de um sombrio corredor, por trás da escada, desceram alguns degraus. Trudl abriu a porta descascada, acendendo as luzes ao entrar.

Horst afundou-se num sofá forrado de azul, ao lado de uma boneca de pano com os braços e as pernas desengonçados. A sala era pequena, mas agradavelmente decorada. Havia muitas almofadas redondas no sofá e pelo chão. As lâmpadas tinham abajures cor-de-rosa.

— Sente-se, sente-se — disse Horst irritadamente para o rapaz. — Trudl, pelo amor de Deus, arranje umas cervejas.

A jovem colocou a bolsa sobre uma cadeira e dirigiu-se a um nicho onde fora encaixado um minúsculo fogão. Quando não o usava, cobria-o com uma chapa metálica ondulada, pintada com margaridas amarelas.

— Você se preocupa demais — disse ela sobre o ombro.

— Preocupa! — repetiu Horst. — Alguém tem de se preocupar. Se não fosse eu, todos vocês agora estariam presos — Coçou irritadamente a barba curta e o

bigode desleixado. — Preocupa demais! E é você quem o diz!

O rapaz sentara, desajeitado, na beira de uma cadeira estofada em veludo verde e olhava para a boneca. O cabelo era de lã amarela, o sorriso pintado e estava com uma roupa de arlequim, de losangos vermelhos e verdes. Os olhos eram pretos: botões brilhantes costurados no rosto. Tinha um grande círculo rosado em cada face. O sorriso, os braços e as pernas compridas, davam-lhe um aspecto amigável e suave. O rapaz teve vontade de apanhá-la e segurá-la, mas não sabia se seria correto.

— Este jogo é perigoso! — disse Horst, curvando-se para a frente. — Stamm devia saber disso! É um milagre que não o tenham agarrado!

Trudl voltou, trazendo canecas numa bandeja que colocou sobre uma mesa baixa em frente a Horst.

— Vamos, beba e não fique tão nervoso — disse ela. — Eles já foram embora. — Sentou-se no braço de uma cadeira, inclinando-se para pegar um cigarro numa caixa. Levou-o aos lábios, sustentando o olhar do rapaz com expressão enigmática.

— Eles não podem ser tão espertos quanto você, Horst, por isso esqueça.

— Bem, é verdade — retrucou Horst, parecendo mais alegre.

Apanhou sua caneca e bebeu com sofreguidão, sugando ruidosamente o líquido. O rapaz provou a sua, mas estava fria, amarga e tinha espuma. Colocou a caneca de novo sobre a mesa.

— Muito bem, vamos aos negócios — disse Horst, reclinando-se. — Dê-me aquele envelope, Trudl.

A jovem pegou a bolsa com lentidão, apanhou um envelope cheio de papéis e entregou-o a Horst. Este espalhou-os sobre a mesa e separou um. Atirou-o por cima da mesa, ao rapaz.

— Você conseguiria escalar isto? — perguntou.

O rapaz pegou o pequeno quadrado de cartolina e examinou-o sem entender muito bem o que queriam dele. Era a fotografia de uma casa de pedras cinzentas, com três andares e teto de ardósia inclinado, coberto de chaminés. Só uma entrada era visível, sob uma baixa *porte-cochère.* Sobressaindo no último andar, via-se uma sacada de ferro trabalhado, com portas francesas.

— E então, você pode?

— Escalar a casa? — perguntou o rapaz, incrédulo.

— Subir naquela sacada — disse Horst, inclinando-se para mostrar o local, com a ponta do indicador sujo. — Você pode fazer isto?

O rapaz olhou novamente a foto, estudando a alvenaria, as saliências e os peitoris. Nunca tentara escalar uma casa, porém aquela não lhe parecia especialmente difícil.

— Sim, Herr Horst, acredito que sim.

— Certo. Agora deixe-me mostrar-lhe o plano.

Horst colocou um cigarro na boca e começou a explicar, à medida em que tirava os papéis do envelope, desdobrava-os e os espalhava sobre a mesa.

Um deles estava coberto por linhas pontilhadas e pequenos quadrados, cuidadosamente desenhados a lápis.

— Aqui está a casa — falou Horst, apontando para um dos quadrados. — Pertence a um certo cavalheiro, cujo nome prefiro não mencionar já. Acontece que um amigo meu conhece uma garota que trabalha lá como arrumadeira. Além de ser rico como um porco, esse cavalheiro também conhece o que é bom. — O polegar e o indicador de Horst se esfregaram sensualmente. — E aqui está uma *autobahn* subterrânea. —- Apontou uma linha reta pontilhada. — Há saídas de emergência aqui e aqui, mas todas possuem sistemas de alarme: a Wapo nos pegará em cinco minutos. O que temos a fazer é penetrar no local a luz do dia e nos esconder... aqui. — Seu indicador mostrou um ponto com árvores toscas desenhadas, à esquerda do pequeno quadrado. Trudl mudara de lugar, sentando-se ao seu lado no sofá, apoiando o queixo numa das mãos, com o cabelo escuro caindo-lhe sobre o rosto. Sua expressão era de enfado bem educado.

— Você dirigirá o furgão — falou Horst, voltando-se para ela.

— Naturalmente — respondeu a jovem, com voz arrastada.

Horst pareceu não ouvir. Mostrou outra linha pontilhada.

— Você deverá estacionar aqui, exatamente entre o túnel e a casa de Ipolitov. Este local está vazio, pois ninguém usa o túnel. Aí, enquanto nós entramos, você fará uma volta aqui — seu dedo percorreu a linha — até o entroncamento e depois até o túnel Oberkeller, estacionando ao lado da barreira. Simples.

— É claro — concordou Trudl.

— Agora — disse Horst asperamente. Colocou o papel de lado e apanhando outro. — Aqui está o interior da casa. — A planta mostrava três caixas desenhadas, com outras divisões internas. Horst indicou uma delas, no alto. — Segundo andar. Você subirá aqui... atravessará estas duas salas... descerá pela escada. Primeiro andar. — Horst mostrou, rapidamente, a segunda caixa e passou à terceira. — Aqui é o térreo. Você tomará este caminho, através da sala de jogo e do salão, até o vestíbulo. Abrirá a porta da frente, nós entraremos e então seu trabalho estará terminado... nós faremos o resto. — Ergueu os olhos. — Entendeu?

— Sim, Herr Horst — disse o rapaz sem convicção. Já vira alguns mapas antes, mas não de casas, e as pequenas caixas e linhas nada significavam para ele. Mas tudo parecia muito simples: escalar, descer pelos diversos andares e abrir a porta da frente.

— Tudo certo, então. De acordo? — Horst tomou a mão do rapaz, apertou-a vigorosamente e largou-a. — ótimo.

Olhou rapidamente para o relógio e bateu nos dentes com a unha do polegar.

— Não adianta esperar — murmurou e levantou, enfiando as mãos nos bolsos. — Vou encontrar-me com Georg e Otto — disse. — Esperem por mim aqui... não o deixe sair, ouviu?

— Você pretende agir ainda esta noite? — perguntou Trudl.

— Sim, esta noite mesmo. Quanto mais esperarmos, maior a chance de pôr tudo a perder. Arranjarei o furgão, prepararei tudo.

A porta se fechou atrás dele.

VI

O RAPAZ deu um espirro.

— Fique quieto! — sibilou Georg, voltando a cabeça redonda na escuridão.

— Não posso me controlar — sussurrou o rapaz, surpreendido consigo mesmo.

Nunca espirrara antes e esta era uma experiência notável. O peito se comprimia, os olhos se fechavam e começavam a lacrimejar, a cabeça recuava, havia uma intolerável coceira nas narinas e então uma espécie de explosão, um espasmo em todo o corpo, que produzia um maravilhoso alívio. Estava tentando definir se era agradável ou não espirrar, quando sentiu a coceira começar novamente. Sua cabeça recuou.

— Ah... ah...

Ouviu-se um farfalhar de folhas secas, quando Georg rastejou para ele.

— Façam ele calar, pelo amor de Deus! — vociferou Horst, em voz baixa.

O rapaz sentiu o espasmo crescer implacável... A mão gorda e suada de alguém apertou-lhe a boca e o nariz. Ele se debateu.

O espirro chegou. Foi como uma explosão vinda de dentro de sua cabeça.

— Não faça isso — disse ele, indignado, dando um empurrão em Georg.

Georg olhou-o, limpando a mão nas calças.

— Porco! — respondeu.

Horst e Otto olhavam furiosamente para ambos.

— Chiu! Chiu! Encha o maldito nariz dele de lixo se fizer isto outra vez — sussurrou Otto.

Tinha cara de cavalo, pálida, e o lábio inferior pendia, mostrando os dentes manchados de castanho.

Os quatro achavam-se deitados sobre um capim espinhento, no alto de uma colina cercada de árvores. Abaixo, o ondulado gramado de Charlottenburg aparecia fracamente iluminado pela luz das estrelas, com a massa escura do Grünewald ao fundo.

No centro do primeiro plano, a atarracada estrutura cinzenta da casa espalhava luz através de meia centena de janelas. Mais adiante, num dos estreitos e curvos caminhos que se abriam no matagal, o rapaz conseguiu divisar o movimento suave de um par de lâmpadas amarelas de uma carruagem puxada

a cavalo. O lago estava invisível agora, na espessa escuridão, e mesmo quem saíra de barco, já regressara havia horas.

O rapaz sentia cansaço e frio. Havia horas que estavam deitados ali, sem nada para comer além de ovos cozidos que Otto trouxera na mochila e nada para beber além de um ácido vinho tinto. Mais uma carruagem se aproximava, logo seguida de outra. Fora disso, nada mais se via. Não era como durante o dia, quando havia gente jogando tênis atrás da cerca de ciprestes, meninos dos estábulos levando os cavalos para fazerem exercício e carruagens indo e vindo. Subitamente houve uma agitação e Horst sussurrou imediatamente:

— Abaixem-se! — e estendeu-se sobre a relva, como os outros.

O rapaz olhou e viu uma máquina branca se aproximar, com um homem de capacete no seu interior. Este olhava cuidadosamente de um lado para o outro, enquanto a máquina flutuava diagonalmente sobre o gramado, a quinze metros do solo. Usava um uniforme de botões brancos e talabarte. Olhou uma vez na direção deles, mas aparentemente não os viu sob as árvores e sua máquina continuou voando até desaparecer.

Aquilo parecia tão interessante quanto a viagem no furgão puxado a cavalo de Berlim até ali, apesar de Horst tê-lo impedido de olhar pelas janelas. O cavalo não estava dentro do furgão, como o rapaz havia mais ou menos esperado quando falaram no assunto, mas seu cheiro estava. Aquelas pessoas eram mesmo muito corajosas para ficarem tão próximas daquele enorme animal, sem a proteção de uma grade. Por que o faziam se podiam usar veículos motorizados?

O furgão de tração animal parou, ouviu-se o murmúrio do condutor, então as portas se abriram e os quatro pularam para fora com seus sacos de pano grosso, subindo o morro ao abrigo das árvores, com um cheiro de poeira e de sol nas narinas...

O rapaz desejou que Trudl estivesse ali, para responder suas perguntas. Haviam conversado muito, enquanto Horst esteve fora, até que ela ficara subitamente zangada e o chamara de tolo. Trudl lhe contou que Kiel era uma cidade nojenta, que ela gostava de dançar e jogar bezique, que só tivera um amigo, um ladrão a mão armada, mas fora apenas um namoro bobo. Prestou muita atenção ao que ela disse e guardou cuidadosamente todas as palavras na memória. Talvez lhe fossem úteis.

Fora muito desagradável. Ela pareceu, a princípio, muito amável, pedira-lhe para não chamá-la de Fräulein e sentara perto dele no sofá enquanto brincavam com a boneca, Ermingarde. Então, começou a dizer coisas que ele não entendeu. No início, aquilo pareceu diverti-la, mas logo perdera a paciência e ele ainda não sabia por quê. Fora muito desagradável.

Lá embaixo, uma fieira de luzes na parte de trás da casa se apagou. Um

momento depois, outras na fachada foram desligadas. O rapaz ficou tenso de interesse e esperando que algo mais acontecesse, mas foi em vão.

Então chegou um outro espirro.

No espaçoso apartamento do andar térreo, na parte traseira da mansão Oberkeller, Herr Heimatsrat Werner Oberkeller estava sentado ainda à mesa de bezique, como acontecia quase todas as noites em que passava em casa com alguns velhos amigos. Sob a luz, as brilhantes costas vermelhas das cartas faiscavam como jóias sobre o pano verde. Herr Oberkeller estendeu a velha mão gorda e recolheu-as com surpreendente delicadeza. Seu rosto mantinha-se inexpressivo, corado dos molares para baixo e pálido na parte superior. Mechas alouradas entremeavam-se na cabeleira grisalha já rareando, mas as grossas sobrancelhas castanhas continuavam escuras. O nariz volumoso era estriado de pequeninas veias e os lábios eram de um vermelho purpurino.

— Então, cavalheiros, outra mão?

— Demônios o levem, não! — disse René Capezius, sacudindo o charuto com indolência.

Escreveu alguma coisa num caderno de notas de capa dourada, atirando-o de lado com desinteresse. Devia ter uns setenta anos, a idade de Oberkeller, mas parecia ao mesmo tempo mais velho e curvado e mais vigoroso. Sua pele amarelada, cor de cera, estava coberta de rugas, dando-lhe um aspecto sardônico. Seus olhos azuis esmaecidos piscavam divertidamente.

— Você já me ganhou bastante, por hoje. E você, Pias, o que acha?

Joachim Pias era o mais baixo e mais jovem da mesa: gordo e disforme, um pudim. Na meia luz, via-se o cabelo escuro, o bigode preto e os óculos. O resto parecia apenas um borrão sem feições definidas.

— Um desastre, como sempre — resmungou ele. — Vocês três estão querendo me levar à bancarrota.

Rupolo, o quarto homem, abriu-se num riso, mostrando a dentadura perfeita. Era calvo como um ovo, com protuberâncias e montículos de carne rosada.

— Mas hoje você não se sentiu tão pobre ao ler as cotações da bolsa, hem, Pias?

Pias sorriu com relutância.

— A Sociedade do Espaço foi a 108 — disse. — É, não está mal. Mas me deixa nervoso: subiu demais. O que acham, devo vendê-las?

As cadeiras rangeram quando Oberkeller e Capezius se recostaram, pegando seus copos de porto.

— Nada disso — disse Rupolo. — Na minha opinião, qualquer pessoa que

vender agora as ações da Espaço é um tolo.

— Talvez, mas ouvi dizer que vão nacionalizar as empresas particulares. É verdade? Isso me deixa nervoso.

Oberkeller e Capezius, os dois membros do Conselho, trocaram um sorriso experiente.

— Isto é propaganda dos Democratas Cristãos — disse Capezius. — Ullman tem que fazer algum alvoroço para agradar seus eleitores e nada mais... não tem importância.

— Contudo — retorquiu Pias, teimoso — uma bolha pode crescer bastante e depois explodir. Quantos desses projetos interestelares têm, realmente, dado lucro? Depois de quinze anos? Se as companhias forem nacionalizadas...

— Isto nunca acontecerá — afirmou Oberkeller gravemente.

Os três rostos se viraram para Oberkeller esperançosos, mas ele se calou. Seus velhos olhos estavam quase fechados. Apanhou seu copo de vinho, levou-o aos lábios e bebeu.

Depois de um momento, Pias recomeçou a se lamentar:

— Eu me pergunto para onde estão indo os lucros? O que estamos ganhando com o Planeta Thiessen, por exemplo? Algumas pedras preciosas, alguns bichinhos para as crianças...

Rupolo inclinou-se para a frente.

— É aí que você se engana, amigo Pias. Thiessen tem um gigantesco potencial... simplesmente gigantesco. Não, não, não me refiro ao comércio de wog. — Apertou a boca, aborrecido. — Se você quer saber, o fato é que a S.E. *perde* dinheiro com os wogs. É somente uma vitrina... algo para manter o interesse do público. Afinal de contas, seu pequeno investidor nunca vê um palmo adiante do nariz. É preciso ter um brinquedo ou dois para sacudir diante dele... vê que beleza, vê que beleza? — Seu rosto de ogre se distorceu num horrendo sorriso adulador. — Mas, importações nunca compensarão nosso investimento em planetas como Thiessen, pelo menos durante um século.

— O que, então? — perguntou Pias.

— Bens imóveis! — disse Rupolo. Tirou um charuto da caixa ao lado dele e acendeu-o. — Bilhões de hectares de terra completamente virgem.

— Que não serve para nada, porque custa uma fortuna chegar até lá.

Rupolo apontou um grosso dedo vermelho na direção dele.

— Grave minhas palavras: dentro de vinte anos você poderá levar toda a sua família para Thiessen pelo mesmo preço de uma viagem ao Panamá. — Capezius e Oberkeller concordaram com veemência. — Casa de campo, parque de caça, diversões turísticas, tudo enfim.

Colocou o charuto no meio da boca e acendeu-o com um volumoso isqueiro

dourado.

— Sim, não há dúvida, você está certo — concordou Pias. — Dentro de vinte anos, certamente. Mas no ínterim... — Sacudiu a cabeça. — Pergunto-me: e se acontecer alguma coisa que não esperamos? Que me dizem dos boatos sobre um planeta com nativos inteligentes? Digamos que nós e os Sovs reivindiquemos direitos sobre o mesmo planeta... como dois cães com um só osso, hem? E então?

O rosto de Capezius perdeu sua expressão irônica. Curvou-se para frente.

— Esses boatos sujos! — exclamou. — O jornalista que publicou esse lixo deveria ser fuzilado!

— Em primeiro lugar, é completamente absurdo — afirmou Rupolo, sacudindo vigorosamente a cabeça. — Além disso, Herr Professor Schlossmacher provou definitivamente que a raça humana e a cultura germânica são um acidente único. Não pode haver outra raça igual no universo... é matematicamente impossível.

— Quanto a isso — falou Oberkeller, sacudindo a cabeçorra, — tenho algo a dizer-lhes.

Olhou-os, um a um. No silêncio, podia-se ouvir o tique-taque do grande relógio de pêndulo no canto da sala. Capezius voltou a sentar-se, um tanto aborrecido, ajeitando as rendas de uma das mangas com seus longos dedos bem manicurados. Pias acomodou-se na poltrona, cruzando as mãos sobre a barriguinha redonda.

— A menos de seis meses — recomeçou Oberkeller — uma nave da exploração cósmica russa encontrou um planeta, incluindo-o na classificação "Z". Ou seja, um planeta com uma lua, na terceira posição orbital de um sistema estelar G. Agindo de acordo com as instruções, não pousaram, mas entraram em órbita do planeta, tiraram fotografias, fizeram leituras espectrográficas etc. As fotos mostraram calotas de gelo médias, três massas de terra continentais, com rios, montanhas e vegetação verde. — Oberkeller fez uma pausa. — As fotografias mostraram também uma quantidade de formações regulares que podem ser interpretadas como cidades.

Capezius deu um salto.

— Ridículo! — explodiu. — Você está querendo me dizer que?... Podem existir estruturas cristalinas, formações naturais de alguma espécie... ou, no máximo, colméias de qualquer inseto gregário!

— Está certo — disse Oberkeller, fechando os olhos em assentimento. — Mas, meu caro Capezius, vamos um pouco mais longe! Se essas fotografias se tornassem públicas, qual seria o resultado? Você sabe tanto quanto eu que devem ser formações naturais. Mas os ingleses e outros corações moles começariam a

gritar: "Vida inteligente!" E então estaríamos metidos numa encrenca dos diabos.

Capezius concordou de má vontade e reclinou-se acariciando o queixo longo. Pias acrescentou, em tom lamuriento:

— Mas os Sovs estão sempre dizendo que não se importariam de encontrar outra civilização adiantada fora de nossos limites, porque seria necessariamente socialista etc. e tal.

A cadeira de Rupolo rangeu quando ele se inclinou para a frente.

— Bem, e que mais? — perguntou. — Que fizeram eles?

— Simplesmente se calaram — respondeu Oberkeller calculadamente. — Os registros foram alterados, a tripulação da nave foi submetida a um recondicionamento psíquico e distribuída... Não sei onde, mas se eu pudesse imaginar, diria Atlântica.

Fez um gesto para baixo com o índex.

— Posso perguntar — falou Rupolo delicadamente — como é que você sabe de tudo isso?

Oberkeller sorriu levemente.

— Ora, eles não são tolos. Vieram até nós com as fotografias, mapas... tudo. O Ministério silenciosamente interditou toda a área. Eles fizeram o mesmo. Nem as naves deles nem as nossas visitarão aquele planeta outra vez.

Os quatro ficaram em silêncio por um momento, com os olhos pensativos.

— Entretanto, mais cedo ou mais tarde... — disse Pias para si mesmo.

Oberkeller encolheu os ombros.

— Em vinte, cinqüenta anos, haverá a necessidade de um reexame... talvez uma solução definitiva. Mas no presente imediato, a situação está estacionaria. Os Sovs não estão ansiosos para provocarem perguntas sobre seus planetas, e nós também não.

— Pelo menos eles são realistas — assentiu Rupolo, com relutância.

Olhou os dois centímetros de cinza da ponta do seu charuto e depositou-os cuidadosamente no cinzeiro. A garrafa passou em volta. Pias bebericou o seu com ar ausente e limpou o bigode com o lenço dobrado.

— Sim, está certo... — disse. — Mas suponhamos que *não* sejam formações naturais...

Capezius bufou, com o bom humor recuperado.

— Bobagem, meu bom Pias. As outras raças são inferiores, sem exceção. A melhor que encontramos tem cérebro de coelho. Nenhuma delas tem as características de um ser humano... exceto, é claro — piscou — as encantadoras fêmeas do Mundo de Aldoré.

Oberkeller permitiu-se o segundo sorriso da noite.

— Por falar nisso — disse ele, — consegui comprar algumas fotografias...

Abra essa pequena gaveta da mesa, sim, Rupolo?

O careca acedeu e os quatro inclinaram as cabeças sobre o pacote de lustrosas estereofotos que ele colocou sobre a mesa. Ouviram-se exclamações de satisfação. Capezius estalou os lábios.

— Admirável! Muito apetitosas. Ah, as queridinhas, têm pêlos como as gatinhas! — Atirou uma olhada irônica a Oberkeller. — É melhor não mostrá-las a sua mulher, hem, meu amigo?

— Não, não, ela é muito moralista... não entenderia!

— Como vai a querida Lorraine? — perguntou Capezius polidamente. — Nós a vimos muito rapidamente ao jantar.

— Oh, vai muito bem. Fica em casa a maior parte do tempo. Ela tem seus próprios interesses... jardinagem etc.

— Ei, veja esta aqui — disse Rupolo, apanhando outra foto.

Os outros a fitaram em silêncio, com olhos cintilantes.

As luzes do fundo da casa haviam se apagado horas atrás e o rapaz vira as três carruagens puxadas a cavalos saírem uma a uma das cocheiras. Um homem havia entrado em cada uma e logo se afastaram. Depois de algum tempo, a luz da *porte-cochère* também se apagou e uma das janelas do primeiro andar se iluminou. Então, muito depois, apagou-se como o resto da casa.

Apesar disso, Herr Horst não agiu até parecer haver decorrido outra hora. Gelado até os ossos, o rapaz rodeou o corpo com os braços, tremendo. A voz de Horst chegou até ele num sussurro. Virou-se, abrindo os olhos. Horst estava falando num pequeno aparelho que tinha nas mãos e a voz de Trudl, fina como a de um grilo, respondia.

— Muito bem, fique aí. Nós vamos descer agora — disse Horst e afastou o aparelho.

Fez um sinal com a mão. Os outros dois começaram imediatamente a rastejar pela rampa da colina. A grama cedia ao peso dos corpos, cinzenta e pouco visível à luz das estrelas. Nada parecia o que era. As árvores assemelhavam-se a ameaçadoras manchas de escuridão. A luz das estrelas iluminava fracamente as torrinhas do telhado e as chaminés da mansão. O resto era uma escura massa informe. O ruído que fizeram nas folhas mortas e na mato rasteiro, quando desceram da colina, pareceu incrivelmente alto ao rapaz.

Na base da colina, os passos ficaram mais leves: havia grama aparada, que sibilava brandamente sob os pés do rapaz. Não conseguiu ouvir os movimentos dos companheiros... eram fantasmas cinzentos ao lado dele, corcundas por causa dos sacos que carregavam. A casa mergulhou num grupo de árvores, à medida que eles avançavam, e desapareceu, menos o cimo dos dois telhados que

apareciam cinza-prateados.

Começaram a rodear as árvores, no silêncio penetrante. O rapaz não gostou daquilo: a escuridão era uma teia de aranha, onde podia haver coisas escondidas...

Algo enorme e cinzento surgiu na frente dele. O rapaz, viu Horst parar e levantar o braço: houve um som sibilante. A coisa cinzenta permaneceu onde estava: era um vulto atarracado, com uma alerta cabeça erguida. A cabeça tombou.

Agora Horst e os outros estavam avançando, passando pela coisa cinzenta. Esta se voltou para olhá-los, mas não se moveu. O rapaz acompanhou-os, fazendo um pequeno desvio para alcançá-los, sem passar muito perto da coisa cinzenta. Quando passou, percebeu que era um cachorro: um animal enorme, com pontudas orelhas triangulares e focinho achatado. Sentiu um arrepio na espinha ao ver os olhos dele brilharem na escuridão. Mas o cão nada fez, além de abanar gentilmente a cauda e vê-los desaparecer.

Encontraram ainda mais dois daqueles animais gigantescos: um ao passarem pela carruagem e o outro, na sombra das árvores no lado mais afastado da casa. Horst tornava a erguer o braço de cada vez, parecendo esguichar alguma coisa com um som sibilante e de cada vez o animal parava e olhava-os afastarem-se.

Agora estavam todos agachados juntos, atravessando um suave declive de grama defronte da casa. Horst ziguezagueou para junto do rapaz, colocando-lhe a mão no ombro.

— Lá está a sacada, vê? — sussurrou, apontando.

A princípio o rapaz não pôde distinguir. Numa escuridão como aquela, não havia nada parecido com a fotografia. Finalmente, viu as janelas do segundo pavimento, com uma mancha indistinta, que poderia ser a sacada de ferro trabalhado. Quanto ao peitoril e aos relevos de granito, confundiam-se com a escuridão geral.

— Muito bem, mande-se para cima. Lembre: desça as escadas até o hall de entrada e abra a porta da rua.

Horst deu um leve empurrão no rapaz.

— Está escuro demais, Herr Horst — protestou o jovem.

O outro homem balançou a cabeça como se estivesse espantado.

— Que é que você pensa? Que vamos iluminar tudo para você como se isto fosse o Freudenpalast? Vá andando.

— Que é que há? — sibilou Otto arrastando-se para perto.

— Cale-se! Olhe aqui, seu... — Horst mostrou-lhe o punho fechado. — Você concordou em fazer. Agora trate de subir e pare de bobagens, ou vai se arrepender, compreendeu?

De má vontade, o rapaz levantou-se e começou a atravessar o gramado. Quando olhou para trás, os três homens não passavam de vultos indistintos na sombra.

Voltou-se para olhar o escuro penhasco de alvenaria acima dele. Não era nada do que tinha esperado. Se pelo menos não tivesse concordado como um tolo! Tentou lembrar-se da fotografia. Sim, ali havia uma janela com um peitoril de granito. Acima dela, à direita, devia haver uma espécie de escudo ornamental com arabescos esculpidos ... O rapaz procurou um apoio para as mãos, içou o corpo e começou a escalar.

— Querido, você está acordado?

Na obscuridade, ela mal conseguia distinguir a cabeça escura dele sobre o travesseiro.

— Um, uh. — Sua cabeça voltou-se, seus olhos se abaram. — O que houve, querida?

— Amor, acho que ouvi alguma coisa.

A cama ondulou quando ele se apoiou no cotovelo.

— Oberkeller?

— Não, bobinho, ele nunca vem aqui. Tive a impressão... um barulho.

Ele sentou-se, aguçando o ouvido. Os quartos estavam silenciosos.

— Nada. Acho que você imaginou, querida... Você é muito nervosa, não se esqueça. — Bateu-lhe no ombro levemente. — Deite agora, como uma boa menina, e descanse.

Ela mergulhou na cama com um suspiro de satisfação.

— Está bem, querido. — Sua voz ficou logo sonolenta. — Descanse também.

O homem deitou-se, bocejou uma vez e virou-se de lado.

— Lorraine, só amo a você — disse ele.

Mas a mulher já havia adormecido e não respondeu.

Ofegante, o rapaz pulou por cima da grade da sacada. Que quantidade de árvores podia-se ver dali! O gramado embaixo era vago e cinzento à luz das estrelas.

Ali estavam as portas. Não conseguia ver nada através do vidro. Dentro estava preto como azeviche. Apanhou no bolso o instrumento que Horst lhe dera, abriu uma das lâminas — a parecida com uma chave de fenda — e inseriu-a experimentalmente entre as duas portas. Quando empurrou, as portas abriram. Não estavam nem mesmo aferrolhadas.

O rapaz parou um momento, com a mão na ombreira da porta, espreitando e

escutando com atenção. Nada podia ouvir, além das batidas do seu próprio coração. Procurou no bolso uma pequena lanterna e óculos de proteção que Horst lhe dera. Colocou os óculos, mas as coisas ficaram mais escuras que antes e por isso puxou-os para a testa. Recordou-se que Horst lhe dissera que os óculos só funcionavam com a lanterna acesa... mas que só deveria acendê-la quando estivesse no interior da casa.

Mantendo a lanterna preparada, penetrou no interior escuro. O negror era sufocante. Apertou o botão da lanterna, mas nada aconteceu. Lembrou-se então de baixar os óculos sobre os olhos.

Imediatamente a sala ficou brilhantemente tomada por uma luz violeta. Mesas, armários esculpidos, uma parede coberta de quadros, com pesadas molduras, grandes e pequenos... centenas deles. A curiosa luz fazia tudo parecer irreal, como uma fotografia colorida mal revelada. Viu com alívio uma abertura e enveredou por ela.

Foi dar numa outra sala, ainda mais larga e mais profusamente mobiliada. Nela também havia quadros pendurados nas paredes e estátuas enormes sustentando lâmpadas na cabeça, mesas, um sofá comprido de listras violetas e púrpura-escuro, cadeiras, armários...

À esquerda e à direita havia duas portas: a primeira estava fechada. Apontando a lanterna para dentro da outra, o rapaz ficou surpreendido ao ver uma cama com duas pessoas deitadas. A cama tinha a forma de um barco, com uma cabeça de pássaro na frente e coisas arredondadas dos lados como escudos. Encimando o conjunto, havia um dossel, semelhante a uma vela.

A mais próxima das duas pessoas na cama era uma mulher, a julgar-se pelas curvas sob o lençol. A outra parecia ser um homem. Enquanto olhava, para horror do rapaz, o homem rolou na cama, sentou-se de um salto e ficou encarando-o pela porta aberta.

A reação instintiva do rapaz foi apagar a lanterna. Mas isso o deixou na mais completa escuridão outra vez e quando se voltou para sair dali, tropeçou em algo que oscilou e depois caiu com um estrondo incrível. Ouvindo uma exclamação no quarto ao lado, o rapaz perdeu completamente a cabeça: começou a correr. Alguma coisa bateu-lhe com força no quadril, fazendo-o perder o equilíbrio. Cambaleando, atravessou a sala numa nova direção e tropeçou em outra coisa. Novo estrondo.

Na escuridão, uma mulher começou a berrar.

— Quem está aí? — gritou a voz do homem.

A porta, onde estava a porta? No pânico, o rapaz nem percebeu que deixara cair a lanterna. Tateando à frente com ambas as mãos, deu outro passo, pisou em algo que rolou sob seus pés e caiu pesadamente. Aterrissou numa superfície

frágil que cedeu ao peso de seu corpo, com um despedaçar de madeira.

— Socorro! Assassinos! Socorro! — gritava a mulher.

Aturdido, com as pernas para cima, incapaz de levantar-se, o rapaz, dominado pelo terror, também começou a gritar:

— Socorro! Socorro!

Dois círculos amarelo-pálidos surgiram na escuridão. Passos soaram no tapete, na direção do rapaz. Rolou desesperadamente, procurando levantar-se dali, e pôs-se de pé no exato momento de receber o impacto do ataque de um corpo que o derrubou outra vez. Os estrondos se repetiram.

O rapaz percebeu que podia enxergar novamente. Alguém acendera as luzes comuns e os óculos haviam caído da sua cabeça.

Levantando-se por detrás dele, surgindo das ruínas de uma mesa destruída, havia um homem de cabelo escuro, em camisola de dormir. Seu rosto brilhava de furor.

— Você... você... — gaguejou e avançou contra o rapaz.

No outro quarto, a mulher continuava a gritar. Parou para respirar e recomeçou, mais lancinante que antes. O rapaz a vira de relance, através da porta aberta, quando rolou embolado com o homem dos cabelos escuros. Estava sentada na cama com o lençol puxado até o pescoço ... olhos fechados e boca aberta, gritando com quantas forças tinha.

A sala pareceu girar. O rapaz achou-se deitado de costas no chão. Ajoelhado em cima dele, o outro grunhia:

— Agora sim!

Pegou a cabeça do rapaz com as duas mãos e começou a batê-la no chão.

Ouviram uma pancada súbita no outro lado da sala e uma voz abafada perguntou:

— O que houve? Abram a porta!

O homem da camisola de dormir deixou cair a cabeça do rapaz.

— Oh, meu Deus! — gemeu.

Pôs-se em pé. A mulher, no quarto, deu mais um berro e calou-se. As pancadas na porta recomeçaram, misturadas a gritos de diversas vozes. O homem de camisola virou-se e deu um passo antes que a porta fosse arrombada.

Por cima da mesa desmantelada, o rapaz viu, então, um homem de rosto vermelho irromper com uma arma na mão. Os cabelos em desordem, os olhos brilhando selvagemente. Vestia um robe de xadrez vermelho, aberto até a metade, mostrando o peito coberto de pêlos grisalhos.

— Nadelbach! Você! — gritou.

Atrás dele entraram os outros, atulhando a sala e esticando os pescoços.

O homem da camisola parou e depois voltou-se para continuar a correr. A

arma disparou, com um ruído ensurdecedor e uma chuva de fagulhas. Aterrorizado, o rapaz viu o homem da camisola mergulhar por trás de um amontoado de móveis: um sofá, algumas mesinhas e um armário alto. O homem de roupa vermelha correu atrás dele. A arma disparou novamente. Fragmentos do reboco jorraram da parede e um dos quadros voou pelos ares como uma folha.

Surdo e tonto, o rapaz caiu de joelhos. Olhou para a cama-barco do quarto ao lado: a mulher jazia imóvel, como se tivesse desmaiado.

Ouviu um ruído de passos no tapete atrás dele: abaixou-se novamente, abrigando-se entre as ruínas da mesa, enquanto o homem de camisola correu na direção da porta aberta, seguido pelo homem com a arma. Dois ou três criados uniformizados espalharam-se dando gritos de alarma. Houve um terceiro disparo: outro quadro caiu da parede. Então o homem de camisola desapareceu no corredor externo, e o homem de robe vermelho, arfando penosamente, sumiu atrás dele.

Os ouvidos do rapaz zumbiam. Desesperadamente, pôs-se de pé, pensando na escuridão da outra sala, nas portas francesas e na sacada. Mas ao avançar naquela direção, os criados impediram o caminho, atravancando a entrada, onde aparentemente um tropeçara na pressa e outro caíra em cima dele.

Aproveitando sua única chance, o rapaz enveredou pelo corredor. À sua direita, distante, ecoou outro tiro. Tomou o caminho oposto. No fim da galeria, encontrou uma escada estreita e desceu-a de três em três degraus. Seu coração martelava a garganta. Chegando embaixo, não viu ninguém, mas ouvia ainda o alarido dos gritos e berros.

Desceu o segundo lanço, indo dar num estreito vestíbulo dos fundos. Uma porta se abriu e o rosto gordo de uma mulher espiou. Ela o viu, deu um berro e bateu novamente a porta.

O rapaz correu. Chegou subitamente em um amplo vestíbulo, voltou-se e viu um balcão no alto. O homem dos cabelos escuros apareceu nele, cambaleando, arrastando as pernas com dificuldade, de cabeça baixa e com a camisola batendo. Atrás dele, o homem de roupa vermelha surgiu gritando:

— Pare!

A arma disparou ainda uma vez. O homem de camisola desapareceu novamente, seguido pelo outro.

O amplo vestíbulo lajeado estava parcamente iluminado e vazio, a não ser pela presença de vasos com plantas e uma armadura. O rapaz rodopiou, viu a porta enorme entre duas jardineiras e caminhou para ela. Tateou o trinco e a porta girou, abrindo-se. Então saiu para a bendita escuridão.

Cinco horas mais tarde, exausto e coberto de gravetos, o rapaz saiu da floresta, indo dar num pequeno centro comercial pavimentado de pedras redondas. Limpou-se como pôde e dirigiu-se para um quiosque encimado por um anúncio luminoso: UNTERFÜHRUNG.

A viagem de volta à cidade, no silencioso carro cilíndrico, levou só vinte minutos. Quando o rapaz reconheceu os arredores, dirigiu-se diretamente para o Elektra. Eram nove da manhã. As portas começavam a ser * abertas. Não poderia haver nada de melhor.

VII

NO SEU DÉCIMO-PRIMEIRO DIA na loja aconteceu uma coisa alarmante. Havia descido, como de costume, antes que algum empregado chegasse, e havia se escondido num canto que conhecia do departamento de Mobiliários Domésticos, até que as portas se abrissem e a loja ficasse cheia. Então tomou a primeira refeição, composta de laranjas e bolinhos, que eram os seus preferidos.

Sem prestar atenção aonde seus pés o levavam, entrou passeando na seção de roupas femininas. No meio do espaço central não ocupado, havia uma multidão amontoada em torno de uma plataforma. O rapaz aproximou-se. Na plataforma, um homem moreno, transpirando, estava ativamente enrolando uma longa peça de tecido violeta em torno de uma mulher loura, que estava parada imóvel, com os olhos fixos no teto e os braços erguidos.

Tanto o homem como a mulher tinham as brilhantes cores irreais e o curioso contorno escuro do cinema que ele vira no primeiro dia. O rapaz percebeu que aquilo -era uma nova ilusão. O homem e a mulher não estavam realmente ali.

O tecido tomou forma, transformando-se num vestido. O homem moreno pregou um objeto de metal no lado da mulher, fazendo uma prega e esticando o vestido no corpo dela. Então fez o mesmo do outro lado, tocou levemente o vestido aqui e ali, fez uma abertura nas costas e começou a completar o trabalho sobre a cabeça da mulher. Por baixo, seu corpo foi envolvido e coberto por duas peças minúsculas de renda azul marinho. Olhá-la fez o rapaz ficar sem jeito e uma das suas aflições ficou muito mais forte.

O rapaz não gostou. Ao voltar-se para abrir caminho entre a multidão, viu-se face a face com uma moça de pele clara e cabelos escuros, que o olhou surpreendida e depois sorriu feliz.

— Martin! — exclamou, pegando-lhe o braço. O rapaz se afastou, nervoso.

— Não a conheço, madame — respondeu.

— O quê?

A expressão da mulher se modificou. O rapaz continuou a andar. Ela deu um passo em sua direção.

— Martin Naumchik...

Completamente assustado, o rapaz voltou-se e enfiou-se no meio da multidão. Caminhou em volta da plataforma, virando a cabeça freqüentemente

para ver se estava sendo seguido. Em cima, o homem moreno estava virando o vestido pelo avesso. Quando acabou, equilibrou-o sobre os ombros da moça e começou a fazer outro no corpo dela. Por mais que andasse em volta, não conseguia ver as costas deles.

O rapaz saiu da multidão cautelosamente pelo lado oposto e olhou em volta. A mulher de cabelos escuros não estava à vista. Contudo, escolheu um caminho complicado para longe daquela parte da loja, olhando para trás todo o tempo.

Ao atravessar o vestíbulo do elevador, percebeu que as pessoas o olhavam e viu que vinha balançando inconscientemente a cabeça enquanto andava. O encontro com a mulher de cabelos escuros tomara-o totalmente de surpresa. Nunca lhe ocorrera antes que, como um ser humano, tinha agora, não só um nome e roupas, posses etc., mas também amigos e conhecidos. Essa idéia o amedrontava. O que poderia dizer àquelas pessoas? O que esperavam dele?

O conforto e a segurança do seu refúgio na loja começaram a parecer-lhe ilusórios. Por um momento, pensou com saudade, no seu pequeno e exposto cubículo no Zoológico de Hamburgo. Mas a recordação já se esvaía e não tomou muita atenção. A realidade era uma gigantesca e iluminada sala, com seu infinito murmúrio de vozes, odores excitantes, elevadores e rabos de foguete, vermelhos, verdes, âmbar, azuis, que passavam piscando pelo teto.

A coisa seria ir embora, mudar de nome talvez e encontrar um local para morar em outra cidade onde não fosse conhecido. Mas não tinha confiança suficiente para levar essa viagem a bom termo. Haveria também outras lojas como esta, em outras cidades além de Berlim? Envergonhava-se por verificar que não sabia. Vivera em Hamburgo durante doze anos, mas não tinha idéia do que havia além dos limites do Zoológico. As outras cidades eram somente nomes para ele.

Uma hora mais tarde, na lanchonete do terceiro andar, ainda estava pensando nisso, olhando para os biscoitos e o café. Era a primeira vez que tomava café. O sabor era inesperado e um tanto desagradável, mas apreciou a doçura e o calor.

Era curiosa a maneira como se sentia em relação aos alimentos, agora que era um ser humano. Tornara-se mais cauteloso desde aquela experiência negativa da primeira noite no restaurante. Passara a comer apenas frutas e pão e, de vez em quando, algumas salsichas. Mas, com o tempo, esperava fazer todas as coisas que os seres humanos faziam, mesmo comer os alimentos castanhos pastosos que via nas mesas ao lado.

Pegou a xícara, experimentou flexionar os músculos dos lábios e bebeu. Orgulhou-se de conseguir realizar o que lhe exigira tanto esforço.

As últimas gotas fizeram barulho ao serem sorvidas e uma ou duas pessoas o olharam, de sobrancelhas erguidas. Evidentemente, não se devia fazer aquele

som. Pousou a xícara embaraçado e consultou o relógio de pulso: eram onze horas em ponto.

Refreou o impulso de confirmar a hora no outro relógio de pulso, que estava no bolso. Observara que os seres humanos não costumavam usar dois relógios ao mesmo tempo. Talvez porque os relógios eram tão precisos que dispensavam confirmação.

Um facho de luz brilhante iluminou por um momento o seu lado do balcão. Olhou automaticamente para cima — como fazia sempre — e só viu o explodir de fagulhas vermelhas que saltavam da máquina acima da cabeça dele. Apagaram e desapareceram. Um momento depois, novas fagulhas saltaram, fazendo-o piscar e atirar a cabeça para trás. O cromo brilhante e o anel de vidro da vitrina rotativa, diminuíram a velocidade e pararam. Bem defronte dele apareceu um buraco escuro e quadrado, como uma transparência iluminada em cima. O rapaz leu: PRATOS VAZIOS, POR FAVOR. Empurrou obedientemente a xícara, o pires e o prato com os restos dos biscoitos para o buraco, que se fechou com um estalido metálico. A transparência piscou, tremeu e iluminou-se outra vez: OBRIGADO.

Com uma calorosa simpatia pela máquina educada, o rapaz se levantou e saiu da lanchonete. Assim que atravessou a porta, onde havia uma multidão esperando para entrar, encontrou-se novamente cara a cara com a mulher dos cabelos escuros.

Ela o olhou, aparentemente tão chocada quanto ele. Por um instante, nenhum dos dois se mexeu. Então a moça, sem uma palavra, levantou a mão e esbofeteou-o no rosto.

O tapa foi tão inesperado e doloroso, que o rapaz ficou incapaz de se mover durante algum tempo, enquanto a moça se virava e desaparecia. As pessoas ao redor ficaram olhando para ele, cochichando entre si.

Ninguém antes o esbofeteara. Com a mão na curiosa dormência em que se transformara a dor no rosto, o rapaz; virou se e foi embora.

Passou o resto do dia vagando pela loja, com os olhos embaçados e tremendo ligeiramente. O prazer que sentia com as cores vivas e as formas variadas em torno dele, estava embotado e quase extinto. Esperava somente a hora de subir para o seu refúgio na torre e não conseguia pensar em mais nada,

Finalmente, eram oito e meia. A multidão estava começando a se dirigir às saídas. O rapaz atravessou o vestíbulo do elevador com a vaga sensação de que a multidão estava mais sombria e um tanto mais agitada que de costume naquela noite. Passou por um homem com uma câmera e depois por outro. Dois numa fila. Ele costumava às vezes se divertir contando os homens com câmeras ou as

mulheres gordas, ou as crianças choronas, mas agora não estava interessado. Viu também muitos homens uniformizados: não só os de azul, da vigilância da loja, mas uniformes vermelhos, brancos, dourados e brancos...

Passou por dois de azul, que estavam parados juntos, examinando atentamente em volta. Um deles avançou,, olhando para o rapaz e depois para o que tinha na mão.

— Um momento, senhor.

O rapaz afastou-se, com medo de novo ataque.

— Pare! — gritou o agente da loja, estendendo o braço. O rapaz se voltou e correu para a grade. Os alarmas soaram de todos os lados e ouviu passos apressados atrás dele. Deu um salto, agarrou-se à grade e começou a trepar.

No meio do caminho, olhou para trás. Ninguém subia atrás dele, mas podia perceber uma grande agitação na base da grade. Homens de uniforme azul aglomeravam-se em torno de um fardo cinzento, desenrolando-o. Havia outros, em brilhantes uniformes brancos, com penas no chapéu. Mas estes nada faziam, apenas ficavam de pernas abertas, olhando-o subir.

Continuou subindo. Ao se aproximar do topo da grade, duas cabeças surgiram no parapeito e depois uma terceira.

O rapaz parou. Os três homens usavam bonés azuis: eram da vigilância da loja e não meros empregados que costumavam trabalhar naquele pavimento. Enquanto pensava sobre o que fazer, as três cabeças desapareceram e depois reapareceram. Os ombros e os braços dos policiais surgiram. Algo nebuloso e cinzento flutuou para baixo, na direção dele.

O rapaz se encolheu, mas já era tarde. A coisa envolveu-o com um golpe surdo e ele descobriu ser uma rede de corda parda. Envolveu-o apertadamente, quando tentou se livrar.

Havia cabos presos à rede, seguros pelos homens em cima. Em pânico, o rapaz tentou descer. As cordas se retesaram e depois afrouxaram um pouco. Quando, porém, parou para procurar remover a rede com uma das mãos, os homens a esticaram outra vez.

Embaixo, dois homens de uniforme cinzento listado empurravam uma espécie de alta escada de rodas. O saguão estava repleto de pessoas imóveis, que os homens de branco mantinham afastadas. A escada foi colocada quase diretamente sob o rapaz e agora um dos homens de uniforme branco estava começando a subir por ela.

O rapaz viu que suas chances chegavam ao fim. Respirando fundo, afastou-se violentamente da grade, arrebentando com ambas as mãos a rede que o prendia.

O grande salão rodopiou totalmente em torno dele. Suas costas bateram

brutalmente na grade, cortando-lhe a respiração. Deu novo impulso ao corpo, continuando a raspar selvagemente as malhas da rede. O homem da escada estava muito perto. A rede cedeu ligeiramente. Encontrara uma abertura. Passou primeiro a cabeça e depois os ombros.

Bateu na grade outra vez. O homem da escada inclinou-se, tentando alcançá-lo. Então o rapaz começou a cair.

VIII

ESTENDIDO no sofá do seu quarto, o bípede lia:

Os bípedes do Grande Planalto do Norte, embora sendo a mais interessante forma de vida do Planeta Brecht, são espécimes em extinção. Seus bandos outrora numerosos não são mais vistos nas adjacências das colônias terrestres. Somente pequenos grupos disseminados de três a cinco são ocasionalmente encontrados nas montanhas e contrafortes ao norte. Estes animais, antes do desenvolvimento do Planeta Brecht pelo homem, possuíam uma organização em bandos complexa e comunicavam-se através de sinais vocais. Suas cerimônias de acasalamento, realizadas no início de cada ano, parecem envolver crueldades bárbaras com as fêmeas.

Fechou o livro, pensativo. Isso podia ser levado em conta para explicar em parte a atitude de Emma — pensou — caso ela tivesse testemunhado algo parecido, antes de ser capturada e trazida criança para a Terra. Contudo...

Abriu o livro em outra página:

O calombo ou crista, [leu] aparecendo somente como um vestígio no macho, é um visível ovóide de cor vermelho-púrpura na fêmea. A função da crista é desconhecida, mas acredita-se ser uma característica sexual secundária. Erhardt sugeriu que ela funciona como órgão de exibição peculiar do estado da natureza do animal, mas Zimmer prefere classificá-la meramente como um olho pineal hipertrofiado. O órgão é vulnerável, como ficou provado por um grande número de fêmeas mais idosas, que o perderam em acidente ou em conflitos com outros bípedes.

O bípede fechou o livro novamente e atirou-o ao chão irritado. Estava lendo *O Planeta Brecht: o Enigma do Universo* pela segunda vez, cheio de tédio, pois era o único livro que havia no quarto dos fundos: mas os capítulos, cheios de anotações de pé de página, lembravam-lhe muito o trabalho que copiava todos os dias para Grück e os outros membros da equipe.

Dentro de duas horas o Zoológico fecharia e ele poderia ir para a sala de estar, sem expor-se à curiosidade de todas aquelas caras vermelhas. Dessa vez, iria lembrar de apanhar material de leitura suficiente para os próximos dias.

Na verdade, nada o impedia de sair naquele mo* mento... havia algumas revistas na prateleira — lembrava — com capas brilhantes. Poderia apanhá-las e voltar direto. Mas hesitou.

Era extraordinário quão detestável podia ser uma fileira de rostos das pessoas olhando para a gente através da grade de ferro, com seus gordos queixos se movendo ao mastigar. Levantou-se, inquieto. Que inferno! Nada havia para fazer ali, a não ser ler o Planeta Brecht outra vez. E nem no escritório. O serviço terminara e não adiantava tentar contrabandear uma nova carta sem saber o que acontecera com a primeira.

Ficou novamente angustiado e começou a andar de um lado para outro. Certamente nada teria saído errado?

Quando o primeiro lote de correspondência assinada desceu de "cima" para ser envelopada e selada, o bípede simplesmente acrescentara a sua à pilha. Rudi, o jovem guarda gorducho, as levaria na sua próxima saída. Não havia razão para suspeitar de que Grück ou algum outro inspecionassem a correspondência fechada e selada. O guarda possivelmente as levaria diretamente para a caixa do correio.

Mas estava esperando havia uma semana. Se Stein tivesse recebido a carta, por que não acontecera nada até agora?

Ouviu um leve rangido, uma pausa e outro rangido, vindos do quarto de Emma. Ela provavelmente levantara da cadeira para fazer algo e sentara novamente... tudo à vista da multidão, naturalmente.

Isso fê-lo decidir-se. Olhou para a porta aberta, levantou-se e atravessou-a, olhando em frente.

O primeiro momento foi pior do que havia esperado. A sala era enorme e vazia. A janela estava cheia de rostos. Tentou afastá-los da sua percepção, olhando somente para as revistas que agora lhe pareciam muito menos atraentes que antes. Depois de um momento, ficou mais fácil continuar que voltar, mas sua boca ainda estava seca e o coração batia penosamente. Lá fora, houve um movimento ao longo do gradil, como se as pessoas que estavam olhando Emma caminhassem para vê-lo.

Andando firmemente, o bípede chegou à espreguiçadeira e inclinou-se para pegar as revistas. Seja natural, disse para si mesmo. Pegue as revistas, volte-se...

Do lado de fora da parede de vidro, as pessoas faziam gestos para atrair sua atenção. Houve gritos de: "Ah, olhe para cá" e "Alô, Fritz!". Uma criança loura, sobre os ombros do pai para ver melhor, virou-se subitamente, vermelha como uma beterraba, e começou a chorar. Algumas pessoas assestavam câmeras. Em meio à algazarra, quando se voltava para ir embora, o bípede pensou ter ouvido alguém chamá-lo.

Voltou-se incredulamente.

Na primeira fila da multidão, ladeado por duas gordas matronas, estava um homem de estatura mediana, vestido com um sobretudo cinzento, trazendo na mão um bloco.

Seus olhos amistosos e inquiridores mergulharam nos do bípede. Sua boca se moveu e novamente o bípede ouviu seu nome, mas o barulho era tão grande, que ele não pôde ter certeza.

O homem de cinzento sorriu levemente, ergueu seu bloco e então escreveu algo com movimentos firmes e cuidadosos. Mostrou, então, a folha. Lá estava, em letras grandes: "VOCÊ É MARTIN NAUMCHIK?"

O bípede sentiu um ímpeto de alegria e gratidão tão grandes, que quase ficou sufocado. Jogou-se contra o vidro, concordando veementemente e apontando para si mesmo.

— Sou Martin Naumchik! — gritou.

O homem de cinzento acenou de maneira tranqüilizadora, dobrou o papel e guardou-o. Com um aceno de mão, virou-se e começou a abrir caminho entre a multidão.

"Fritz! Fritz!", gritavam todos os rostos vermelhos.

O bípede, andando de um lado para outro, esperou durante vinte minutos contados pelo grande relógio do escritório e nada aconteceu. Sabia que precisava controlar sua impaciência, que o homem de cinzento deveria subir as escadas a qualquer momento, discutindo para libertá-lo. Mas não adiantava. Tinha de fazer alguma coisa ou explodir.

Olhou para o telefone. Estava proibido de usá-lo exceto para chamadas de rotina, ligadas ao seu trabalho. Mas que se danassem!

O bípede deu um passo para o aparelho e ergueu a unidade auditiva. A luz de chamada começou a piscar. Após um momento, a voz da telefonista saiu baixinho do instrumento:

— Alô?

— Aqui é Martin Naumchik — disse o bípede, sentindo imediatamente que sua voz soava sutilmente falsa. — Desejo falar com o Dr. Grück. Ligue-me com ele, por favor.

— Quem o senhor diz que é?

— Martin... — começou o bípede, mas interrompeu-se. — Está bem, esqueça, aqui é Fritz, o bípede. Desejo falar...

— Por que não disse logo? Algum problema com o trabalho?

— Não, o trabalho está terminado. Ê assunto de urgência, assim, se pudesse me fazer a gentileza...

— Alguma coisa errada com a jaula?

— Não, mas preciso falar com Grück. Olhe, quem quer que seja, por favor, não me pergunte nada e deixe-me falar com...

— Meu nome é Fräulein Müller — interrompeu ela, com voz gelada — e recebi instruções para não deixar os animais fazerem ligações pessoais. Assim, se não é caso de emergência e está tudo certo com o seu trabalho...

— Já disse que é urgente! — esbravejou o bípede. Com fúria crescente, começou a gritar no bocal:

— Sua idiota, se me impedir de falar com Grück teremos um ajuste de contas, eu lhe prometo! Faça a ligação imediatamente, ou... Alô? Está me ouvindo? Alô, Fräulein Müller, alô?

O vago zumbido da linha foi a resposta.

Com dedos trêmulos, o bípede desligou o aparelho e ligou-o novamente com uma sacudida. A luz de chamada piscou e continuou piscando.

A cabeça esverdeada e de grandes maxilares da fêmea apareceu na porta quando o bípede se voltou.

— Por que está me olhando? — gritou ele.

A cabeça sumiu. O bípede sentou abruptamente na cadeira da escrivaninha, esfregando nervosamente as mãos de três dedos uma na outra. Era intolerável ser calado assim, logo agora quando sua liberdade parecia talvez estar tão próxima. Se algo estava para acontecer, o mínimo que eles poderiam fazer era informá-lo a respeito e não deixá-lo na ignorância daquela maneira. Afinal de contas, que vida estava em jogo? Mas aquela era sempre a maneira de agir dos burocratas, tão cheios de si que não conseguiam enxergar um palmo adiante dos narizes gorduchos. Deixar os seus dependentes e subalternos esperarem e preocuparem-se a toa. O que lhes importava?

Oh, mas era só se ver livre dali e então! Que libelo escreveria! Que série! *Desumanidade Chocante dos Diretores do Zoológico!* Seu nervosismo, que diminuíra um pouco, cresceu novamente e ele pulou de pé. Ah, se o deixassem sair um dia, não precisava mais... só sair! O resto não importava muito, mesmo que fosse condenado...

Parou para escutar. Sim, o som se repetira. A porta estava sendo aberta.

O bípede correu até a passagem, mas não era Grück, nem o homem de cinzento. Somente Rudi, com seu carrinho.

— Oh, é você — disse o bípede, voltou-se aborrecido.

— Sim, eu — respondeu Rudi, com espírito — Quem mais poderia ser? Eu gostaria de saber. Quem mais faz o serviço pesado por aqui, sem nenhum agradecimento?

Empurrou o carrinho para dentro do escritório, resmungando todo o tempo, sem olhar para o bípede.

— Acaso *é* o Herr Doktor Grück quem alimenta o rinoceronte ou os pássaros do trovão? Quem é que empurra com um cabo de vassoura a carne pela estreita garganta da jibóia: Wenzl? É Rausch quem varre as jaulas dos macacos, ou sou eu? Vocês, bípedes, até que não são tão ruins, pelo menos lavam-se sozinhos. Mas alguns desses animais... Você não acreditaria como são imundos! Fazem necessidades pelo chão, ficam onde querem ... Enfim, esta é a vida. Alguns vivem na abundância enquanto outros se ocupam com a sujeira dos macacos. — Com uma careta, tirou qualquer coisa do carrinho e jogou sobre a escrivaninha mais próxima. — Aqui está o sabão para você. Mandaram dizer-lhe que tome um banho e suba para uma entrevista. E a ordem é andar depressa. Assim, não se atrase, por favor, pois levarei a culpa e não você.

O coração do bípede começou a bater com força.

— Você disse entrevista? — gaguejou. — Com... com quem?

— Entrevista, é só o que sei. Alguns jornalistas desejam escrever uma reportagem sobre você. Tudo mentira, tenho certeza, mas é o ponto de vista deles.

Rudi voltou a empurrar o carrinho, sempre sem olhar para o bípede.

Ouviu um ruído atrás dele e virou-se a tempo de ver Emma correr assustada para fora do quarto.

— Rudi — guinchou ela. — Oh! Rudi... por favor, espere!

Mas o guarda havia desaparecido no corredor. Não a ouvira ou talvez não quisesse voltar. Logo depois chegou o ruído da porta externa sendo fechada.

Emma recuou para seu quarto quando o bípede se* voltou, levando as mãos à testa no gesto familiar. Parou, entretanto, ao vê-lo alcançar o pacote sobre a escrivaninha..

— Isso é sabão? — perguntou ela, timidamente. — Ouvi Rudi dizer que era.

O bípede apanhou o pequeno embrulho oblongo. Sentiu um aroma suave e singularmente perturbador.

— Sim, é sabão — respondeu distraído. — Devo lavar-me para ser entrevistado.

— Uma vez também ganhei,— disse a fêmea, aproximando-se. — Foi há muito tempo. Mas disseram que me fez mal.

— Imagino — murmurou o bípede, rasgando o papel com os dedos grossos. O invólucro se abriu e o sabão escorregou das suas mãos, indo cair no chão, perto dos pés de Emma. Ela inclinou-se devagar e apanhou-o. O perfume tornara-se quase intoleravelmente forte.

— Dê-me, sim? — disse o bípede impaciente, aproximando-se.

Estava quase ultrapassando a risca de giz que separava seu lado da sala do dela, mas Emma não percebeu. A boca da bípede estava ligeiramente aberta e os

olhos voltados para cima.

O bípede deu um passo por cima da linha. Ela continuou sem perceber.

Alarmado, o bípede parou e olhou para ela.

— Emma! — disse.

Ela voltou a cabeça para ele.

— Sim? — perguntou, com voz sonhadora.

— O que houve com você, Emma?

— Nada — replicou com um vago sorriso.

— Então, por favor devolva-me o sabão.

— Um bom sabão — disse ela, balançando a cabeça, mas não fez um gesto para devolvê-lo e parecia quase inconsciente de estar ainda segurando-o junto ao rosto.

A ponto de cruzar a linha para tomá-lo das mãos dela, o bípede hesitou. Pareceu-lhe subitamente estranho que Rudi lhe levasse sabão para se lavar. Não vira um pedaço em semanas de encarceramento e não sentira falta realmente. O sabão seria bom para aquele corpo, com sua penugem de espinhos? Se não fosse, então por que... ?

Balançando a cabeça com irritação, recuou para longe do aroma capitoso que vinha daquela coisa que Emma estava segurando. Com aquele odor insistente em suas narinas, era difícil raciocinar direito.

Concentrou-se, finalmente.

— Por que eles disseram que sabão era mau para você, Emma? — perguntou.

— Mau para mim — concordou ela, balançando-se como se ouvisse uma música inaudível. — Sabão mau para Emma. Não mais sabão, muito mau. Lindo sabão.

Enquanto o bípede olhava para ela em silêncio, ouviu a porta se abrir novamente. Seu cérebro entorpecido voltou a funcionar rapidamente mais uma vez.

— Emma, ouça — sussurrou ele. — Pegue o sabão e leve-o para o seu quarto. Entendeu? Vá para o quarto. Não saia até que eu chame!

— Emma não sairá.

Com lentidão exasperante, dirigiu-se para a porta, enquanto Rudi entrava, desta vez sem o carrinho.

— Está pronto? — disse, com uma olhadela para a figura de Emma que saía.

O bípede ficou de frente para ele, tentando imitar o olhar sonhador e distante de Emma.

— Pronto — repetiu devagar.

— Você sabe quem é, não?

— Meu nome é Naum...

— Não, não — interrompeu Rudi — não seja estúpido, seu nome é Fritz. Agora repita comigo: "Meu nome é Fritz".

— ...nome é Fritz — disse o bípede conformado. Mantinha os olhos virados para cima e balançava nos pés. Sua cabeça estava fervendo de raiva, mas conservava a voz empostada e lenta.

— Assim está bem — falou Rudi, satisfeito. — Quantos são dois e dois, Fritz?

O bípede fingiu pensar longamente sobre a pergunta.

— Quatro? — perguntou hesitante.

— Aí, rapaz. E quantos são quatro mais quatro, mais quatro e mais quatro?

O bípede piscou devagar.

— Quatro mais quatro... — disse. Rudi sorriu.

— Muito bem, vamos então. Você vai subir para encontrar alguns cavalheiros simpáticos, Fritz, e se você se comportar — perdoe-me por dizer "se" — lhe darei uma coisa gostosa só para você.

Pegou o bípede pelo braço.

Subiram pelo elevador. Passaram pelo corredor de paredes de vidro de onde se podiam ver todas as dependências do Zoológico. Era um cair de tarde ensolarado e as aléias de cascalho estavam cheias de gente passeando. Alguns rostos se viraram para olhá-lo, mas sem muita excitação. Entraram no edifício principal. Rudi abriu uma porta e o bípede foi introduzido no mesmo escritório revestido de carvalho onde fora recebido no primeiro dia. Ao lado da mesa, Grück, Wenzl e o homem de sobretudo cinzento o aguardavam.

— Ha! — exclamou Grück, jovial. — Eis finalmente o nosso Fritz. Agora veremos, meu caro Tassen, o que há de verdadeiro nessa fantástica história. Poderíamos ter começado mais cedo, mas Fritz de vez em quando se suja, não é Wenzl? É uma pena, mas que se poderia esperar? ótimo! — esfregou as mãos. — Fritz, você está bem?

— Muito bem, Herr Doktor — respondeu o bípede.

— Excelente! E teve um bom jantar?

— Sim, Herr Doktor.

Grück franziu ligeiramente a testa olhando para Rudi, mas logo se recompôs e falou outra vez ao bípede:

— Muito bem, Fritz. Este cavalheiro é Herr Tassen, da *Freie Presse*. Ele lhe fará algumas perguntas e você deverá responder corretamente. Compreendeu? Comece, pois, Herr Tassen!

O homem de sobretudo cinzento olhou para o bípede, com uma ligeira expressão de dúvida.

— Bem, Fritz... — começou ele.

O bípede deu um passo à frente, afastando-se de Rudi, e perguntou rapidamente:

— Há quanto tempo trabalha na *Frete Presse?* Tassen ergueu as sobrancelhas.

— Há pouco mais de um ano, por quê?

— Conhece Zellini, o *copydesk?*

— O que é isto? — gritou Grück, aproximando-se, com o rosto vermelho de espanto e de raiva. — Fritz, tenha modos! Lembre-se...

— Sim, conheço Zellini — respondeu o jornalista. Estava garatujando depressa no seu bloco de notas.

— Um homenzinho moreno, quase careca. Sentei-me ao lado dele no último "Jantar dos Jornalistas Europeus". Ele...

— Wenzl! — vociferou Grück.

O bípede sentiu Rudi agarrá-lo por trás, enquanto Wenzl, com o rosto parecendo uma máscara branca, caminhou para ele, rodeando a mesa.

— Eles me mantêm preso contra a minha vontade! — gritou o bípede, tentando desvencilhar-se. — Meu nome é Martin Naumchik! Tentaram me drogar antes de me trazerem aqui!

Grück e Tassen discutiam em voz alta. Wenzl agarrara o braço do bípede com uma das mãos e com a outra apertava-lhe o focinho, mantendo-o fechado. Juntamente com Rudi, ergueu o bípede do chão e começou a carregá-lo para fora dali.

— É um ultraje! — trombeteou Grück. — Uma fraude! O jornalista, quase tão vermelho quanto ele, gritava:

— Tragam-no de volta imediatamente!

A porta se fechou, interrompendo a algazarra. Sem se dar ao trabalho de pô-lo no chão, Wenzl e Rudi carregaram o agora inerme bípede pelo corredor afora, na direção do elevador.

Emma, ao que parece, não só ficara cheirando o sabão o tempo todo em que o bípede estivera fora, mas havia comido uma boa parte. Foi levada para a enfermaria, inconsciente, e ali permaneceu dois dias.

A distribuição de trabalho parou. Rudi, o guarda, desaparecera e seu lugar foi ocupado por um homem lento e pesado, chamado Otto. Ninguém mais visitou a jaula.

Exausto e triunfante, o bípede passava a maior parte do tempo na sala de frente da jaula, às vezes lendo, outras assistindo televisão, ocasionalmente apenas olhando as multidões, com as quais ia se acostumando aos poucos.

Esperou ver Tassen outra vez, mas este não reapareceu. No dia seguinte ao da entrevista, contudo, um homem, do lado de fora, tirou um jornal dobrado de dentro do sobretudo e abriu-o de modo a que o bípede o visse.

Conseguiu apenas ler a manchete: BÍPEDE DO ZÔO PRETENDE SER VERDADEIRAMENTE HUMANO.

Então um dos guardas arrancou o jornal das mãos do homem, levando-o para fora e repreendendo-o severamente.

O bípede teria dado um dia de refeições em troca do jornal. Mas pelo menos agora sabia que Tassen havia escrito a reportagem e que o secretário de notícias locais a imprimira.

Agora podia esperar. Uma vez espalhada a verdade, nunca mais conseguiriam fazê-lo calar-se, fosse como fosse. O bípede se acostumara a ter paciência. Por um momento brincou com a idéia de escrever alguns recados em grandes pedaços de papelão e erguê-los para mostrar à multidão. Mas tinha medo de que, se fizesse isso, o tirassem do quarto da frente, impedindo-o de ver quando Tassen chegasse.

No terceiro dia, Emma foi trazida de volta depois do café. Ligeiramente abatida, com ar furioso e espinhos caídos. Lançou um olhar para o bípede ao passar, que ele não conseguiu definir: saudade, censura, uma espécie de apelo?

Viu que ficara preocupado com isso e teve vontade de falar com ela, mas Emma não deixou seu alojamento.

Um pouco mais tarde, a porta externa se abriu outra vez e Otto entrou. Parou na soleira e rosnou:

— Precisam você em cima. Uma entrevista. Venha. O bípede pulou de pé e sentiu o coração bater. Perguntou desconfiado:

— Sem sabão desta vez?

Mas o guarda olhou para ele numa incompreensão de bruto. Desta vez, em lugar de irem diretamente ao escritório de Grück, passaram por ele e entraram em uma pequena sala do lado oposto do corredor. O compartimento estava quase vazio. Havia apenas uma mesa e duas cadeiras.

Otto segurou a porta sem qualquer comentário, esperou que o bípede entrasse e saiu novamente, fechando-a.

O bípede olhou em volta nervoso, mas nada havia para ver além das três peças do mobiliário, os gastos ladrilhos escuros do chão e as paredes manchadas de castanho, que precisavam de pintura.

Depois de uma longa espera, a porta se abriu outra vez e um homem grande, de tez morena, num sobretudo vermelho, entrou. Atrás dele, o bípede viu a massa volumosa de Grück e ouviu sua voz rica e aflautada.

— Naturalmente, caro Herr Opatescu, naturalmente! Nós sempre quisemos...

— Não pense que eu vou cair nessa — disse o visitante, furioso, parando na entrada da sala. — Se eu não tivesse ameaçado ir ao Conselho...

— O senhor está enganado, Herr Opatescu, garanto-lhe! Nós só quisemos...

— Eu sei o que os senhores quiseram — disse Opatescu, sarcasticamente. — Saia, que eu já estou farto disto.

Grück retirou-se com ar de quem foi castigado e o visitante fechou a porta. Carregava uma valise de couro de porco, que depositou cuidadosamente na mesa. Então, com um sorriso amplo, aproximou-se do bípede e apertou-lhe a mão cordialmente.

— Nós, jornalistas, precisamos estar unidos quando temos de lidar com porcos como esse — disse ele. — Permita apresentar-me: meu nome é Opatescu. Você não pode imaginar os truques que eles inventaram para manter-me afastado. Mas aqui estou! Agora, Herr Naumchik. .. um momento — vasculhou a pasta, fazendo surgir um gravador portátil chato, transparente e crístico solidstate e um microfone. Aqui estão. Sente-se, por favor... assim.

Empurrou o microfone na direção do bípede, ajustou os comandos do aparelho e ligou-o. O ponteiro começou a mover-se na superfície da unidade de gravação.

Opatescu sentou-se de frente para o bípede, apoiando-se sobre os braços, sem se preocupar em tirar o pesado sobretudo.

— Esta gravação está sendo realizada no Zoológico de Berlim, em 17 de junho de 2002. Presentes: Martin Naumchik, também conhecido como o bípede Fritz, e o repórter Opatescu.

Ajeitou-se mais confortavelmente na poltrona e continuou:

— Agora, Herr Naumchik — porque eu acredito que o senhor é mesmo Martin Naumchik — peço que me conte, se o senhor quiser, com suas próprias palavras, como se deu esta sua incrível experiência. Comece, por gentileza.

O bípede começou imediatamente, apesar de Opatescu ser um tipo que não lhe agradasse: melífluo, dogmático, a espécie de repórter que se costumava encontrar trabalhando nos jornais escandalosos da Europa Central. Mas, já que o homem estava do seu lado e a gravação sendo feita...

Opatescu ouviu um tanto inquieto, mas sem interrompê-lo, até que o bípede contou toda a história. Então, com uma perfeição que fez o bípede pensar se sua primeira impressão não fora um engano, Opatescu levou-o a repetir tudo o que dissera, fazendo perguntas, extraindo mais detalhes, pedindo que repetisse certos pontos diversas vezes, com palavras diferentes. Quando se deu por satisfeito, começou a fazer perguntas sobre a vida passada do bípede e particularmente sobre as fontes que possuía para provar que era realmente Naumchik. Depois,

repassou o assunto com igual perfeição. Quando, finalmente, Opatescu desligou o gravador e começou a guardá-lo, o bípede o olhava com relutante respeito.

— Devo dizer que lhe sou muito grato por tudo isto — falou. — Suponho que o senhor seja amigo de Tassen, o homem que iniciou esta investigação?

— Tassen, sim, conheço Tassen — respondeu Opatescu, fechando a valise. — Ele escreveu uma série de artigos, uma boa matéria, você vai ver quando sair daí!

O bípede umedeceu os lábios duros.

— Será que tem alguma idéia...

— De quando será? Não vai demorar muito. O senhor deverá ter um encontro com a imprensa, um grande desta vez: jornais, rádio, televisão. Depois disto, eles não poderão mantê-lo preso. O público não o permitiria. Bem, Naumchik, foi um prazer.

E estendeu a mão carnuda.

— O prazer foi meu, Herr Opatescu. A propósito, em que jornal o senhor disse que trabalha?

— Pravda.

Opatescu olhou o relógio, pegou a valise na mesa e virou-se para sair.

— Será que conhece Kyrill Reshevsky, o...

— Sim, sim, mas vamos deixar as recordações para outra ocasião, sim? — Sorriu, mostrando os grandes dentes brilhantes. — Deram-me um prazo, o senhor entende. Até logo, Herr Naumchik... paciência!

Sorrindo ainda, retirou-se e fechou a porta.

Otto apareceu quase imediatamente para levar o bípede de volta. Embora habitualmente lacônico, falou no caminho de volta à jaula:

— Agora eles terão de soltá-lo, hem?

— Assim parece — respondeu o bípede alegremente.

— Muito bem — disse Otto, sacudindo a cabeça. — O que acontecerá em seguida?

Nos dois dias que se seguiram, o bípede não conseguiu ficar lendo ou sentado por mais de alguns minutos de cada vez. Deixava a televisão ligada todo o tempo e olhava o noticiário de hora em hora. Uma vez, logo no primeiro dia, um comentarista fez uma rápida referência ao fato, e uma breve aparição sua num filme — evidentemente feito no dia da sua chegada ao Zoo — foi passada no vídeo.

No intervalo das notícias, gastava a maior parte do tempo andando de um lado para outro no escritório, aprisionando a pobre Emma, que tão cedo não poria a cabeça para fora do quarto, amedrontada pelos gritos e gestos do bípede. Não deu descanso à telefonista, chamando-a o dia inteiro, pedindo ora para falar

com Grück, ora com Prinzmetal ou outra pessoa. Na tarde do segundo dia, o telefone estava desligado. A linha fora cortada.

Logo depois entrou Otto. Trazia uma pilha de jornais e revistas no carrinho.

— Mandaram isto para você — disse, atirando o monte sobre uma escrivaninha vazia. — Leia e não aborreça Fráulein Müller. Virou-se e saiu. O bípede esqueceu-o logo. Avançou para a pilha e tirou o primeiro jornal. Era o *Frankfurter Morgenblatt* e folheou-o com mãos trêmulas até deparar com uma coluna intitulada:

ESTRANHAS DECLARAÇÕES DO BÍPEDE DO ZÔO.

Leu a reportagem com avidez, embora fosse evidentemente nada mais que sua entrevista com Tassen reescrita. Então, refreando a impaciência, começou a separar os jornais, em ordem cronológica, empilhando-os no chão. Quando chegou ao fim do monte, encontrou, para sua alegria, um álbum e uma tesoura.

Agachando-se no chão — suas velhas pernas nunca haviam estado tão flexíveis — começou cuidadosamente a recortar as notícias sobre ele e a apertá-las contra as páginas adesivas do álbum. Pôs o refugo de lado para ler mais tarde.

Enquanto trabalhava, descobriu que as reportagens sobre o bípede se dividiam em três classes. Primeiro, reportagens diretas um tanto sem imaginação, como a do *Frankfurter Morgenblatt* Segundo, matérias cheias de simpatia, aparecendo principalmente nos cadernos ilustrados de domingo, alguns assinados por mulheres (o intitulado PRESO NO CORPO DE UM ANIMAL! de Carla Ernsting, era um exemplo típico). E por fim uma coleção de narrativas e editoriais ambíguos, que enchiam as últimas edições e as revistas. O bípede leu aqueles últimos com surpresa e medo crescente:

Pseudo-humanitários neuróticos, dizia a *Heute,* num editorial de coluna aberta, "buscam degradar a humanidade ao nível de animais, atingindo assim as profundas raízes da nossa civilização. Não se enganem: essas mentes doentias querem que aceitemos como humanos cada pólipo viscoso, sapos fedorentos que conseguem papaguear algumas frases em alemão ou atravessar um labirinto comum. O suposto Martin Naumchik é um exemplo, talvez o mais evidente, dessa espécie degradada e viciosa...

O bípede amarrotou a página, numa explosão de raiva. Levantando-se, rodeou a pilha de jornais, olhando-a com ódio. Então, abaixou-se novamente, pegou a folha amarrotada, alisou-a e leu o editorial até o fim.

Mas estava agitado demais para continuar seu trabalho. Fechou o álbum e caminhou até a sala da frente, olhando para fora, para o cinzento dia outonal. O céu tornara-se frio e chuvoso e poucas pessoas andavam pelas aléias.

Não podia ignorar por mais tempo o fato de que ninguém *queria* acreditar

que o corpo de um bípede pudesse ser habitado por alma e mente humanas. De maneira geral, ele também simpatizava com esse ponto de vista. Mas certamente eles precisavam ver que aquela era uma situação especial, diferente!

Pensativo, apertou o focinho contra o vidro frio, no lugar onde os pingos de chuva, mais espaçados, escorriam devagar.

Mas que aconteceria se não pudessem acreditar?

Tentou imaginar-se livre, reconhecido como Martin Naumchik, seus direitos de cidadão restaurados... E depois? Teve de repente a grotesca visão de si mesmo, um bípede nu na sala da redação do *Paris-Soir,* conversando com Ehrichs... e depois numa festa, entre homens e mulheres completamente vestidos, de copos nas mãos.

Era absurdo, impossível. Onde poderia ir? Quem o aceitaria? Onde conseguiria trabalho ou mesmo moradia?

O bípede projetou o queixo para a frente teimosamente, agarrando uma das mãos de três dedos com a outra.

— Sou Martin Naumchik! — murmurou.

Mas até em seus próprios ouvidos a frase soou falsa.

IX

O BÍPEDE acordou, sacudindo-se e resmungando, depois de um sonho peculiarmente desagradável. Algo havia acontecido com seu corpo. Seu rosto se tornara totalmente macio e mole, suas pernas duras... O horrível daquilo era que todos, ao seu redor, pareciam aceitar o fato como inteiramente normal e ele não podia explicar-lhes o que havia de errado.

Acordou então completamente e sentou-se na cama, estalando as mandíbulas e passando a mão na penugem espinhosa. Compreendeu subitamente que estivera sonhando... sonhando com sua aparência antes da mudança.

Sentou por um momento, pensando estupidamente naquilo. Foi assaltado por uma indefinida sensação de traição, como se tivesse, de certa maneira, perjurado sua lealdade para com aquele corpo humano, outrora tão familiar, mas que agora se assemelhava a um inesperado pesadelo. Ficou um tanto perturbado pelo fato dos seus sentimentos serem capazes de mudar tão radicalmente em poucas semanas. Se isso podia acontecer, o que seria dele no fim de tudo?

Saiu da cama, sentindo voltar as boas disposições, com as saudáveis exigências do seu corpo. Afinal de contas, não adiantava se preocupar tanto com o passado.

Ele era ele mesmo, tão determinado como sempre e — inteiriçou-se ao perceber — como podia ter esquecido? — aquela era a manhã do ajuste de contas com Grück.

Bocejando nervosamente, dirigiu-se para a sala de estar e ligou a televisão de parede. Ainda não estava na hora dos noticiários. Olhou pela janela, além da cerca provisória, a dez metros de distância, que os trabalhadores haviam levantado no dia anterior. Os gramados e as aléias estavam vazios, no sol matutino. Ouviu um leve bater de asas, vindo de um dos aviários distantes, e depois o silêncio novamente.

Agora que a hora se aproximava, estava começando a ficar ansioso. Tinha esperado que Grück tentasse dopá-lo uma vez mais, e dormira todas as noites protegido por uma barricada diante da porta. Mas, com exceção da cerca, que impedia as pessoas de se aproximarem da jaula, nada foi feito para atingi-lo. Arrastou a mesa e a estante para fora do caminho e passou ao escritório.

Ao atravessar a sala, o rosto de Emma apareceu na porta do quarto dela.

— Bom dia — disse ela timidamente.

— Bom dia, Emma — respondeu o bípede, um tanto surpreso.

Não prestou atenção a ela. Seu pensamento estava voltado para a conferência de imprensa marcada para mais tarde.

A fêmea aventurou um ou dois passos além da soleira.

— Hoje é quarta-feira — observou ela.

— Isto mesmo, quarta-feira.

— É o dia em que você irá provar que é Herr Naumchik.

— Sim — confirmou o bípede, surpreendido e satisfeito.

— E então você irá embora.

— Sim, suponho que vou.

Que seria que aquela criatura estava querendo?

— Eu ficarei completamente sozinha — disse Emma.

— Bem — respondeu o bípede desajeitadamente — espero que você se acostume.

— Sentirei sua falta. Adeus, Fritz — disse Emma.

— Adeus.

Ela virou-se e voltou para o quarto. O bípede viu-a desaparecer, comovido e vagamente perturbado.

Da sala de estar vieram uma badalada e uma voz entusiástica:

"Oito da manhã, horário das notícias! Bom dia, fala o repórter Walter Szaborni, para servi-los. Setecentos foram dados como mortos num tremor de terra em Calcutá! Dois membros do Conselho da Baviera foram acusados de conduta irregular. Estas e outras notícias..."

Entrando na sala depressa, o bípede pegou a caixa de controle, ao lado da cadeira, e apertou o botão seletor de canais. Na tela da parede, o rosto corado do locutor desapareceu e no seu lugar surgiu a figura cintilante de uma senhora idosa, vestida com excentricidade, sentada diante do teclado de um piano.

"Como minha primeira seleção desta manhã", anunciou ela, com forte sotaque eslavo, "tocarei *Dawn*, de Morgenstern..." *Clique!*

Ela cedeu o lugar a um rapaz musculoso, vestido numa, malha de cor creme, que rodava no chão, apoiado sobre uma nádega.

"Fa-cil-men-te atrás", disse ele, "e agora na frente..." *Clique!*

"... trazemos a vocês a última novidade, de um caso que toda Berlim vem comentando", disse uma voz invisível.

O bípede prendeu a respiração: na tela surgiu a imagem das dependências do Zoológico. A câmara se moveu a passo na direção do edifício principal. Com um choque curioso, virando-se e olhando para fora da janela, por cima dos rostos indiferentes das poucas pessoas que permaneciam junto à área, o bípede

percebeu o que estava para ver. Lá fora, sob o sol da manhã, passeando lentamente no gramado, havia um homem com uma leve câmera de televisão.

"...que afirma ser Martin Naumchik, um repórter do *Paris-Soir"*, dizia a voz. Nesse momento, a porta externa rangeu. O bípede vacilou um instante e depois abandonou a tela, correndo para o escritório. Era o guarda, com o carrinho.

— Otto! Você tem algum recado para mim?

— Nenhum recado. Coma — respondeu Otto, retirando as travessas do carrinho.

— Mas, a conferência de imprensa será mesmo realizada? Já chegou alguém?

— Cheio de gente — grunhiu Otto. — Tudo a seu tempo. Coma.

Afastou-se. Mas comer estava fora de cogitação; o bípede espalhou a comida com o garfo, comeu um pouco, depois afastou-se e começou a andar de um lado para o outro na sala interna até que a porta se abriu e Otto voltou. Parecia-lhe terem passado horas.

Quando se dirigiu ao escritório, o bípede viu Emma, na soleira da porta, olhando novamente para fora. Ignorando-a, perguntou:

— Eles estão prontos para receber-me?

— Sim. Venha — disse Otto.

O bípede alisou os espinhos e seguiu-o. Havia multidões fora da galeria e nos corredores. O bípede viu Prinzmetal passar com uma expressão de caçador. Fora da sala de jantar do terraço, havia homens com fones no ouvido, curvados sobre caixas de metal cobertas de interruptores e botões. Um policial berlinense de uniforme branco montava guarda à entrada. Sem lhe prestar atenção, Otto abriu a porta e inclinou-se para dentro um instante, bloqueando a passagem com o corpo. Falou com alguém e fechou a porta outra vez.

— Espere — disse para o bípede.

Momentos depois, a porta se abriu novamente e um rosto pálido e suado surgiu. Era um rapaz que o bípede nunca vira.

— Está bem, traga-o. Rápido, rápido!

— Sempre apressado, hem? — resmungou Otto. — Muito bem, vamos lá.

Deu um empurrão no bípede. Lá dentro o rapaz pálido pegou o braço de Fritz.

— Vamos logo, não devemos deixá-los esperando! Por trás dele, além das costas de vários homens que estavam juntos em pé, o bípede divisou a rotunda figura de Grück do outro lado de uma mesa.

— E agora — falou o Diretor, com voz nervosa — apresento-lhes Fritz, o bípede.

O bípede caminhou firmemente em meio ao silêncio. A ampla sala estava

repleta de gente, uns em pé com câmeras, o resto sentado às mesas espalhadas ao redor, até à parede do fundo. Quando o bípede se aproximou, Grück lançou-lhe um olhar inescrutável.

— Conte a eles sua história, Fritz... ou devo dizer Herr Naumchik?

Curvou-se e deu um passo para trás, deixando o bípede sozinho. Este pigarreou, com um inesperado grasnar que provocou uma onda de risos na sala. Assustado e furioso, inclinou-se para a frente e agarrou a borda da mesa.

— Meu nome é Martin Naumchik — começou em voz alta.

A sala se acalmou quase imediatamente quando principiou a falar e ele pôde sentir a respeitosa atenção dos ouvintes. Adquirindo confiança, relatou os fatos clara e objetivamente, começando do momento em que se achou dentro da jaula do bípede. Enquanto falava, olhava ao redor da sala esperando encontrar rostos familiares, mas as luzes estavam colocadas de tal modo que ele mal conseguia divisar as silhuetas dos que o olhavam.

Quando terminou, fez-se um momento de silêncio, depois houve um rebuliço e uma floresta de mãos se elevou.

— O senhor aí — indicou o bípede ao acaso, sem ajuda. Uma mulher pôs-se de pé.

— Quem lhe disse para contar tudo isso? — perguntou. Tinha o rosto indignado e os olhos brilhavam. Um murmúrio de protesto cercou-a.

— Ninguém — falou o bípede, com firmeza — O seguinte! O senhor aí... sim, o senhor mesmo.

— Você disse ter-se formado na Sorbonne em 1999. Quem era o chefe do departamento alemão naquela época?

— Herr Winkler — respondeu o bípede sem hesitar e apontou para outro injuriador.

— Quem era seu chefe no *Paris-Soir,* quando você trabalhava na redação?

— Claude Ehrichs.

A maior parte das perguntas era igual às que havia respondido antes, muitas delas inúmeras vezes em entrevistas anteriores. Continuar a dar as mesmas respostas fê-lo sentir uma ponta de desânimo. Quando terminaria tudo aquilo? Mas a atitude dos ouvintes reanimou-o: estavam respeitosamente atentos e mesmo amáveis.

Um homem alto, de barba vermelha, levantou-se.

— Permita-me uma pergunta, Herr Naumchik. Qual *sua* explicação para essa coisa estranha? Qual a causa dela?

— Não tenho nenhuma causa — falou o bípede gravemente. — Mas estou dizendo a verdade.

Houve um murmúrio de simpatia, quando o homem de barba vermelha

sentou-se. O bípede abriu a boca para recomeçar a falar, mas antes que pudesse ouviu-se a voz melíflua do Dr. Grück.

— Aqui termina nosso pequeno período de perguntas, muito obrigado, senhores e senhoras.

Grück avançou, seguido por dois guardas que, rapidamente, pegaram os braços do bípede e o levaram para fora da sala.

O bípede, a princípio apanhado de surpresa, começou a resistir.

— Ainda não terminei! — gritou — Apelo para vocês, façam com que me soltem. — Apesar de se debater, os guardas o arrastaram para longe da mesa. — Façam com que me soltem! Sou Martin Naumchik!

Chegaram à porta. Atrás deles levantou-se um protesto indignado da assistência. Houve gritos de "Vergonha! Tragam-no de volta!" Sobrepondo-se ao crescente tumulto, a voz de Grück repetia em vão:

— Um momento, senhores e senhoras! Peço-lhes por favor! Um momento! Um momento!

Os guardas empurraram o bípede para fora. A porta se fechou. O bípede parou de debater-se.

— Quer se comportar? — perguntou um dos guardas, ajeitando o colarinho.

Otto apareceu, saído da turba com a expressão estúpida de sempre.

— Podem ir, se precisar de vocês chamarei — rosnou ele. — Venha, Fritz.

O bípede seguiu-o documente mas seu coração batia acelerado de excitação e raiva.

— Você ouviu? — perguntou. — Você ouviu como aquele homem me impediu de falar, exatamente quando...

— Eu não — interrompeu Otto. — Não me importo com essas coisas. Estive sentado lá embaixo fumando.

Evitando a multidão, empurrou o bípede para uma escada dos fundos. Desceram dois lanços e atravessaram uma exposição de livros abrindo caminho por entre as mesas, roçando por faixas vermelhas que convidavam: "Leia um livro sobre animais!". Aquela parte do prédio estava quase deserta, bem como a galeria.

Assim que Otto trancou a porta externa, o bípede ouviu a voz de Grück retumbar de dentro. Sua excitação cresceu outra vez: correu à sala de estar. Na tela da televisão, o rosto vermelho e suado de Herr Grück olhava ferozmente.

"Senhores e senhoras, peço-lhes sua bondosa atenção! Senhores e senhoras!"

A voz de um comentarista invisível cortou-o calmamente:

"O salão está ainda bastante tumultuado. Herr Doktor não consegue se fazer ouvir."

O bípede dançou de alegria diante da tela, batendo palmas. Lá fora, além da

cerca, a multidão se aglomerava, mas ele nem percebia. O som da televisão tinha uma qualidade curiosamente ressoante e ele percebeu, depois de um momento, que Emma devia ter ligado também seu aparelho no quarto ao lado.

O ruído diminuiu. Grück gritou:

"Senhores e senhoras... ouviram as declarações do bípede! Agora permitam que o Diretor do Zoológico também se pronuncie!"

Ouviram-se aplausos esparsos. O silêncio foi quebrado no início por tosses e arrastar de pés. Quando se tornou completo, Grück voltou a falar.

"Peço-lhes que pensem numa coisa", disse. *"Onde* está Martin Naumchik?"

Olhou de um lado para outro. O silêncio tornou-se mais profundo.

"Onde está Naumchik, esse operoso jornalista que conseguiu tal triunfo?"

Um murmúrio se ergueu. A câmera girou para mostrar a constante agitação da sala e uma ou duas pessoas se levantando. Vozes indistintas se faziam ouvir.

"Estará andando pelas ruas de Berlim, com a mente de um animal dentro do seu corpo?". Grück insistia. "Por que então não é visto? Não é uma pergunta interessante, senhores e senhoras? Isso não os faz pensar, não lhes desperta o interesse? Volto a perguntar: *onde* está esse famoso Martin Naumchik? Está se escondendo?"

Encarou a câmera, com os olhos brilhando por trás dos óculos sem aros.

O bípede cerrou os punhos involuntariamente.

"E se eu agora lhes disser que todos estamos sendo vítimas de um logro inteligente?", perguntou Grück. Houve vaias e resmungos no auditório. "Não acreditam? Estão mesmo tão definitivamente convencidos?"

Uma voz profunda elevou-se no auditório: era o homem alto, de barba vermelha, que já se pronunciara. Sua voz aumentou e ficou mais clara:

"... esta farsa. Por que tiveram tanta pressa em afastar o bípede... por que ele não está aqui agora para continuar a falar?"

Gritos de aprovação. O homem da barba vermelha ficou satisfeito e cruzou os braços sobre o peito.

O Dr. Grück apareceu de novo.

"Meu caro Herr Wilenski — é este o seu nome, não? — o senhor verá que *eu* estou dizendo a verdade." Bateu delicadamente no peito gordo. "Este bípede é um animal muito valioso, mas é também altamente excitável e nervoso. Precisa ser protegido. Vou colocar sua saúde em perigo? Pensa que sou louco?"

Uma pequena gargalhada encobriu os gritos de aprovação.

O homem de barba vermelha ocupou a tela outra vez, apontando o dedo severamente.

"E a acusação do bípede, de que os senhores o drogaram? Que me diz a isso?"

O rosto grave de Grück apareceu em primeiro plano:

"O animal deve ter apanhado em algum lugar o pedaço de sabão, Herr Wilenski. O guarda responsável já foi..."

("Sabão?", repetiu a voz de Wilenski.)

"Sim, sabão. Os sais de sódio e potássio do sabão têm efeito tóxico nesses bípedes. O senhor precisa lembrar de que eles não são seres humanos, Herr Wilenski." Ergueu a mão gorducha. "Deixe-me continuar" (murmúrios no auditório). "Mas, antes, quero dizer-lhe uma coisa, Herr Wilenski, e a todos aqui presentes: se não conseguir convencê-los de que estamos diante de uma mistificação, de um sujo plano publicitário, se depois de me ouvirem ainda acreditarem que naquele pobre corpo de bípede existe a alma de um ser humano, prometo solenemente libertar Martin Naumchik!"

Sensação no salão. O bípede fechou os olhos, sentiu-se fraquejar e tateou atrás dele a procura da cadeira. Seu alívio foi tão grande, que nem ouviu as restantes palavras seguintes na tela:

"... nós aqui no Zoológico estávamos tão no escuro quanto os senhores, podem crer! Como pôde tal fato ocorrer? Nem por um instante acreditamos na história do bípede... mas que outra explicação podíamos encontrar? Não sabíamos mais o que fazer, senhores e senhoras... até que tivemos a feliz idéia de examinar a jaula do bípede! Imaginem então, qual não foi o nosso choque, o nosso horror, quando achamos... isto!"

A câmera recuou. Grück, meio de lado, estendia a mão, num gesto dramático, na direção de uma máquina que estava sobre uma mesinha atrás dele. Um assistente empurrou-a para perto da câmera. Pelo que o bípede pôde perceber, nada mais era que um gravador solidstate semelhante àquele que Opatescu havia usado...

Sentiu um frio no coração. Inclinou-se para a frente, preocupado.

"Sob as cobertas da cama do bípede", continuou a voz de Grück, "encontramos escondida esta máquina de gravar!"

"E como foi parar ali?", reboou a voz de Wilenski.

Grück voltou o rosto. Sua expressão era solene.

"Ainda estamos investigando", respondeu. "E podem estar certos de que, quando forem presos os indivíduos culpados, serão punidos com toda a severidade da lei! Por enquanto, só posso dizer que estamos muito interessados em interrogar o guarda que foi despedido." Aproximou-se da mesinha, colocando a mão sobre o gravador. "Agora, desejo que todos ouçam o que nós encontramos no aparelho escondido! Escutem com atenção!"

E ligou o gravador.

Depois de um momento, uma profunda voz de homem se fez ouvir:

"Ouça e repita depois. Meu nome é Martin Naumchik... Nasci em Asnières, em 1976... Sou jornalista. Trabalho para o *Paris-Soir.* Meu chefe é Monsieur Claude Ehrichs..."

Um murmúrio distante atravessou a parede de vidro. O bípede virou a cabeça involuntariamente e viu um pequeno grupo de pessoas aglomerado em torno da antena de um aparelho portátil de TV. Punhos começaram a ser sacudidos. Vozes chegaram até ele abafadas: "Charlatão! Mistificador!"

Com um sentimento de perdição, o bípede voltou-se para a tela. A câmera agora fazia uma panorâmica sobre os rostos dos espectadores. Ele viu choque e surpresa darem lugar ao cinismo, ao desgosto e à raiva. Começaram a levantar-se, aqui e ali, por todo o salão, alguns se retirando. O bípede viu o homem de barba vermelha dirigir-se para o começo do corredor, balançando a cabeça.

— Espere! Espere! — gritou o bípede, mas o homem na tela não podia ouvi-lo.

A sala se esvaziou. A voz monótona do repórter parou de falar. Grück permaneceu ainda, olhando sem pressa a multidão sair, com um imperceptível sorriso de satisfação nos lábios.

Wenzl inclinou-se para falar com ele. Grück balançou a cabeça, com ar ausente. Seus lábios se contraíram: estava assoviando.

"E assim", disse o locutor sem fôlego, "com esta dramática revelação, o mistério do bípede humano ficou esclarecido! Herr Doktor Grück tem todas as honras por sua digna conduta nesta difícil situação! Vamos voltar, agora, aos nossos estúdios".

A tela tremeu e ficou clara. O bípede bateu no botão de controle às cegas. A imagem esmaeceu, encolheu e sumiu.

"Ssss! Fritz, o mistificador! Ssss!", chegavam até ele as vozes vindas de fora.

A agitação no Viveiro redobrou no momento em que Wenzl entrou. Os tucanos abriram seus gigantescos bicos, agitaram as asas e começaram a gritar. O ar ficou cheio de pequenos pássaros esvoaçantes, com lampejos de penas vermelhas, amarelas e azuis. As araras puseram-se a agarrar e bicar os poleiros de madeira, atirando-se contra a invisível cerca de ar gritando: "Violação! Violação!"

Wenzl passou por eles, com seu rosto morto como o de um tubarão branco nadando pelo corredor verde do Viveiro.

No fim do edifício, dois policiais auxiliares montavam guarda. Tudo em ordem ali. Wenzl atravessou a porta de saída meio aberta, abrindo caminho entre a multidão vagarosa e dirigiu-se à Casa dos Primatas.

Guinchos, rugidos e o trovão das grades sacudidas o saudaram quando atravessou o limiar. Caiararas se atiraram uns nas costas dos outros,

amontoando-se nas grades, mostrando os afiados dentes afiados e gritando a plenos pulmões. *Os* macacos narigudos desceram dos seus poleiros de três pernas piscando e tagarelando. Hugo, o babuíno, pulou ruidosamente contra as grades, afastou-se e deu uma cambalhota no ar, exibindo o traseiro azul. Os dois chimpanzés batiam nas grades e guinchavam juntos.

Wenzl moveu-se entre as jaulas, atento e calmo. Passou, então, por outra entrada aberta, para a Casa do Répteis.

Ali estava tudo silencioso. O olhar de Wenzl suavizou-se pela primeira vez. As enormes tartarugas das Galápagos, grandes como carrinhos de mão, mastigavam calmamente um pé de alface com suas cruéis mandíbulas. A jibóia enrolava-se preguiçosamente, com um respeitável pedaço metido na garganta. Quatro cascavéis sibilavam e matraqueavam de leve, deslizando entre as pedras das suas tocas.

Em sua jaula iluminada, a cobra verde pendia em festões graciosos. Sua minúscula cabeça ondulou para Wenzl. A língua rosada tremulou para fora. Wenzl parou um instante para olhá-la com prazer.

Na Casa dos Mamíferos Terrestres havia uma multidão em torno do chiqueiro dos rinocerontes, onde Prinzmetal estava dando uma injeção num deles. Ao terminar, pulou a grade e juntou-se a Wenzl, esfregando as sobrancelhas com um pano.

— Foi bem sucedido? — perguntou Wenzl.

— Oh, acho que sim — concordou Prinzmetal, com sua voz suave e modesta. — Ele vai ficar bom.

— É necessário que ele fique bom.

— Oh, ficará.

Caminharam juntos em direção à saída, dobraram à direita e abriram uma porta onde se lia: "É proibida a entrada".

Um guarda magro, de cabelos louros, vinha depressa na direção deles, carregando um balde de peixe.

— Schildt, por que não tem alimentado os leões marinhos? — inquiriu severamente Wenzl.

— Já estou indo, senhor! — retorquiu o pobre guarda em posição de sentido.

— Então o que está esperando? Vá!

— Sim, senhor!

Wenzl, continuando a andar ao lado de Prinzmetal, tirou um pequeno caderno de notas do bolso do peito e com um minúsculo lápis de prata, aguçado como um estilete, rabiscou uma minúscula observação. Prinzmetal fitou-o com um suave olho castanho, mas não fez comentários.

— Você viu os jornais? — perguntou Prinzmetal, quando tomaram o

elevador.

— Sim — retrucou Wenzl.

Saíram. Wenzl hesitou e depois seguiu Prinzmetal até o lavatório dos subalternos.

— Que jornais, exatamente? — perguntou. Prinzmetal, surpreendido, ergueu-se da pia onde começara a lavar as mãos.

— Ora ... este aqui na mesa. O *Zeitung.* Na terceira página. Conta a história de um bebê em Buenos Aires que entende tudo o que você lhe disser em francês, espanhol e alemão. Com apenas três meses de idade.

— Li.

— E o mais curioso ... o que me chamou a atenção ...

— É que a ama-seca francesa do garoto sofreu um ataque de loucura ao mesmo tempo — completou Wenzl, com voz cortante.

— Foi — disse Prinzmetal, interrompendo a lavagem das mãos.

— Ela está inconsciente — falou Wenzl.

— Está.

— Não entende nada, tem de ser alimentada e só dá uns gritinhos infantis. Mas o bebê entende francês, alemão e espanhol.

— Então você leu o jornal — falou Prinzmetal.

— E você, viu isto no *Tageblatt?* — perguntou Wenzl, quase com relutância. Tirou um jornal dobrado do bolso do peito e leu: "Um homem e sua mulher, na Tasmânia, afirmam, cada um, ser o outro".

— Ouvi também, na televisão, que quando estava lançando uma pedra fundamental em Aberdeen, o prefeito transformou-se numa garota nua, que fugiu chorando — contou Prinzmetal. — Mas, quem sabe o que esses caras inventam e o que é verdade?

— Supondo que tudo isso pode ser verdade? — perguntou Wenzl, dobrando o jornal cuidadosamente e pondo-o de lado.

— Seria interessante — observou Prinzmetal, voltando a atenção para suas macias e peludas mãos, que começou a esfregar cuidadosamente.

— É?

— É nosso dever relatar ao Diretor tudo que for de importância para o trabalho do Zôo — falou Prinzmetal, como se recitasse uma lição.

— Por outro lado — disse deliberadamente Wenzl — é inútil e mesmo desastroso tomar o tempo do Herr Doktor com escândalos jornalísticos sem base.

Os dois homens se entreolharam por um momento, com ar de completo entendimento.

— Afinal de contas — comentou Prinzmetal, enxugando as mãos — qual a importância de tudo isso?

— Exatamente .— concordou Wenzl e dobrando seu jornal no sentido do comprimento, jogou-o dentro da lata de lixo.

Quando o rapaz acordou, estava numa cama estreita de uma sala de azulejos brancos. Fios, vindos de fora da cama, estavam presos na sua cabeça, braços e pernas, com apertadas ataduras elásticas. Puxou-os, com irritação, mas não se soltaram.

Olhou ao redor. Viu uma porta aberta, mas nenhuma janela. A um canto, por trás de um biombo que quase a escondia, havia uma latrina. Do outro lado, uma frágil poltrona de plástico e uma luz para leitura, mas nada para ler.

O rapaz tentou levantar-se, puxando os fios, e descobriu que tinham juntas prateadas que podiam se separar. Saiu da cama, arrastando os fios.

Depois de um momento, uma mulher corpulenta, com uniforme de enfermeira, entrou e botou a língua para ele.

— De pá, hem? Quem lhe disse que podia?

— Quero ir à latrina — respondeu ele, gemendo.

— Está bem, vá e depois volte para a cama. Herr Doktor Hölderlein ainda não o examinou.

Para sua surpresa, a mulher parou de braços cruzados em frente a ele e ficou a olhá-lo, enquanto o rapaz usava a latrina. Depois levou-o até a cama e fê-lo deitar-se, enquanto ligava as juntas prateadas novamente aos fios e ao redor da cama.

— Fique quieto — ordenou ela. — Nada de bobagens. Aqui está a campainha ... toque-a se precisar de alguma coisa.

Mostrou a ele uma pera plástica na ponta de um fia flexível e saiu.

— Eu estou doente? — gritou ele às suas costas, mas a mulher não voltou.

O rapaz tentou mais uma vez tirar as ataduras elásticas, mas desistiu. Suas últimas lembranças eram confusas. Recordava-se vagamente da queda na rede, de ter sido agarrado e ter resistido. Então a sensação de ser carregado e a rápida visão de muitas pernas caminhando... depois nada, até se achar no minúsculo quarto ladrilhado de branco, com barras no lugar da porta. Suas roupas haviam desaparecido, e estava usando um pijama cinza. Ninguém atendeu ao seu chamado, até que começou a bater nas barras, com um jarro de metal que achou no quarto. Veio então um homem e esguichou água nele, com uma mangueira. Então deixou de bater, mas sentou-se e começou a tremer.

Lembrou-se ainda de ter caído no sono, e de se ter levantado pelo menos duas vezes naquele quarto. Numa das vezes deram-lhe comida. Depois dois homens vieram buscá-lo, lhe devolveram a roupa novamente e lhe deram café,

coisa que ele gostou. Levaram-no então através de um longo corredor para uma sala cheia de gente e lhe disseram que esperasse. No fundo da sala, por trás de um alto balcão, estava um homem com um manto vermelho e um chapéu desengonçado, também vermelho. O rapaz descobrira, assistindo televisão, que aquele homem era um juiz, e que ele ia ser julgado...

Agora ele estava em outro lugar. O tempo passou. O rapaz começou a ficar com fome, mas não tinha coragem de tocar a campainha. Por fim, um atendente apareceu com um carrinho e lhe foi permitido sentar e comer. Era quase como no Zôo. Então o atendente voltou para apanhar o prato e ligou-o novamente aos fios. Durante muito tempo nada mais aconteceu.

O rapaz estava perplexo. Por que se encontrava ali? O que o juiz e aquele outro homem tinham cochichado lá no fundo da sala e por que o juiz parecia tão aborrecido quando olhou para ele?

Aquele lugar era melhor que a prisão, não tinha de que se queixar. Mas, se não estava doente, por que o puseram ali?

Campainhas soavam do lado de fora. Ocasionalmente, passavam pessoas rapidamente pela sua porta, com solas macias que sibilavam e rangiam nos ladrilhos do assoalho.

Então a enfermeira tornou a voltar.

— Você está com sorte — informou ela. — Herr Doktor Hölderlein disse que você pode ver Herr Doktor Boehmer hoje. — Ela desligou os fios com brusquidão, ajudando-o a levantar-se. — Venha, não deixe o médico esperando.

Pegou-o pelo cotovelo e levou-o para o vestíbulo, onde mensagens em letras coloridas ondulavam silenciosamente pelas paredes, e daí para um escritório, onde um homem de bigode estava sentado atrás de uma escrivaninha. Sobre ela uma tabuleta que dizia: Hr Dr. Boehmer.

O médico mediu o rapaz longamente com um olhar e desatarraxou lentamente um tacrógrafo fora de moda.

— Sente-se, por favor. — Começou a escrever num bloco. — Agora, pode me dizer seu nome?

O rapaz hesitou só um momento. Se ele dissesse "Fritz", sabia muito bem que o mandariam de volta ao Zôo.

— Martin Naumchik, Herr Doktor — respondeu.

— Ocupação?

— Jornalista.

O médico balançou a cabeça lentamente, escrevendo.

— E seu endereço?

— Gastnerstrasse.

— Que número?

O rapaz tentou lembrar-se, mas não conseguiu. O Dr. Boehmer franziu os lábios grossos.

— Você parece um pouco confuso. Desde quando você mora nesse apartamento Gastnerstrasse?

O rapaz mudou de posição constrangido.

— Acho que há dez... ou melhor, onze dias.

— Você na verdade não se lembra.

Doktor Boehmer escreveu alguma coisa devagar, com sua grossa letra preta. O rapaz olhou-o com apreensão.

— Bem, você poderia me dizer pelo menos a data?

— Dez de junho, Herr Doktor ... ou talvez onze.

As espessas sobrancelhas de Boehmer ergueram-se imperceptivelmente.

— ótimo. E pode me dizer quem é o presidente do Supremo Conselho?

— Herr Professor Onderdonck ... está certo?

— Não, não está certo. Foi presidente no ano passado. Boehmer escreveu alguma coisa lentamente no bloco.

— Muito bem — cruzou os braços grossos sobre o bloco, segurando o enorme tacrógrafo preto como se fosse um charuto. — Diga-me, lembra-se de ter estado na loja?

— Sim, Herr Doktor.

— E de ter-se escondido lá em cima, descendo durante o dia?

— Sim, Herr Doktor.

— E por que fazia isso?

O rapaz hesitou, abrindo e fechando a boca diversas vezes.

— Pode dizer-me, Herr Naumchick. Prossiga. Porque fazia isso?

O rapaz respondeu, desanimado.

— Porque não tinha para onde ir, Herr Doktor.

Boehmer lentamente descruzou os braços e fez outra anotação no bloco. Estendeu a mão sem olhar e alcançou uma sineta no canto da escrivaninha.

— Entendo. Muito bem, Herr Naumchik, amanhã à mesma hora, de acordo?

— Sim, Herr Doktor.

A enfermeira entrou, segurando a porta aberta. O rapaz levantou-se documente e saiu.

— O doutor disse que você pode dormir sem os fios esta noite — falou a enfermeira asperamente, quando voltaram ao quarto. Respirando fortemente pelo nariz, ficou junto dele e começou a retirar as ataduras elásticas. — Não se torça — disse.

— Está doendo.

— Bobagem, é só um instante. Pronto. — Enrolou as ataduras, amarrou os

fios em torno delas e virou-se para sair. — Agora deite-se e descanse.

— Mas, enfermeira, por que tenho de ficar aqui? Estou doente? — perguntou o rapaz.

Ela voltou-se e olhou-o rapidamente.

— É claro que está doente. Mas está melhorando muito. Agora descanse.

E gingou para fora.

Muito tempo depois chegou o jantar e também pílulas para tomar. Quando acordou, havia amanhecido novamente.

— Boas notícias! — gritou a enfermeira, entrando para ajeitar os travesseiros. — Você tem uma visita hoje.

— Tenho? — perguntou o rapaz.

O coração dele começou a bater mais depressa. Não conseguia imaginar quem poderia ser. Alguém do Zoológico?

— Uma *senhorita* — disse a enfermeira maliciosamente.

— Como se chama? Não conheço nenhuma senhorita.

— Há tempo para tudo. Tome seu café agora, depois o barbeiro virá aprontá-lo e então poderá ver sua amiga.

Saiu. O rapaz esfregou a mão na penugem que crescia em seu queixo e faces. Sabia o que era barbear-se, mas não como era feito. Devia ser bom barbear-se.

O barbeiro chegou depois do café. Era um homem baixo e moreno vestido de branco, que ligou um aparelho zumbidor na parede e começou a passá-lo nas costeletas do rapaz com expressão de enfado. A princípio repuxava e doía, mas logo sentiu-se melhor e finalmente os pêlos desapareceram todos. Sua pele parou de cocar e ficou deliciosamente suave ao toque.

Esperou com impaciência. Um ajudante entrou e deu-lhe um pente. Penteou várias vezes o cabelo diante do espelho, até achar que estava bem.

Então teve de esperar mais. Por fim a enfermeira entrou novamente, examinou-o com ar crítico e disse:

— Muito bem! Siga-me!

Levou-o para uma pequena sala com janelas, quase vazia e clara, com cadeiras estofadas e revistas numa mesinha. Havia nela uma mulher vestida de azul. Um homem de roupa branca estava de pé um pouco atrás dela. Olhando de um para outro, o rapaz reconheceu o Herr Doktor Boeh-er quase imediatamente, mas só percebeu quem era a mulher quando esta deu um passo à frente. Era a mulher da loja, a que o esbofeteara.

— Oh, meu pobre Martin, que aconteceu com você? — lamentou-se ela, estendendo os braços.

O rapaz recuou, nervoso.

— Disseram que estou doente — murmurou, olhando-a de perto.

— Reconhece então seu jovem amigo, Frau Schorr? — interrogou o médico amavelmente.

— Ele não se lembra de mim — respondeu a mulher com voz firme. — Mas é Martin, claro que é Martin.

— E a senhora é...

A mulher mordeu os lábios.

— Irmã dele. Será que poderei levá-lo comigo, Herr Doktor? Que acha?

— Isso depende de muitas coisas, Frau Schorr — respondeu o médico, severamente. — Venha ao meu escritório quando terminar e discutiremos detalhadamente.

— Sim, vou já — respondeu. Voltou-se para o rapaz. — Martin, você gostaria de ir comigo?

Ele hesitou. Era verdade que ela não parecia tão entusiasmada como antes, mas quem sabe quando estaria disposta outra vez?

— Ir embora daqui? — insistiu ela. O rapaz resolveu-se.

— Sim, por favor, gostaria.

Ela sorriu para ele e virou-se para o médico.

— Muito bem, Herr Doktor, já estou à sua disposição. Até breve, Martin...

Saíram ambos. A enfermeira entrou logo para levá-lo de volta ao seu quarto.

Então, embora o rapaz esperasse com ansiedade, nada aconteceu a não ser o almoço. Depois que a refeição terminou, esperou ainda, começando a irritar-se, mas o tempo passou e ninguém veio.

O atendente trouxe o jantar. Começou a ficar assustado. E se alguma coisa estivesse errada e a mulher não voltasse mais?

A enfermeira não respondia suas perguntas, mas ficava repetindo coisas idiotas como:

— Espere e verá. Não seja tão impaciente. Por que está com tanta pressa?

Deu-lhe pílulas para tomar, insistindo em ligar outra vez os fios. Quando acordou era dia novamente.

— Boas novas! — gritou a enfermeira alegremente, entrando no quarto. — Vão dispensá-lo hoje!

— Vão mesmo? — perguntou o rapaz, ansioso. Tentou pular da cama, mas foi impedido. — Que o diabo os carregue! — gritou, furioso com os fios. — Enfermeira, quero minhas roupas!

— Que gênio! Que gênio! — disse ela, erguendo os braços e fingindo desânimo. — Não pode esperar até depois do café? Que impaciência!

Desligou os fios e retirou-os da cama.

— A pressa é inimiga da perfeição — continuou ela. — Vamos, lave-se.

Tudo a seu tempo.

Saiu apressada.

O rapaz se lavou e penteou o cabelo novamente. Era duro ficar sentado esperando. O café veio e ele comeu um pouco, pensando: "Agora ela deve estar chegando".

Mas se passaram mais algumas horas da mesma maneira infindável de antes. Que teria saído errado? Plantou-se na soleira da porta, esperando a enfermeira. Ela finalmente apareceu.

Segurou a mão dela.

— Enfermeira, quando vão me levar daqui?

— Logo, logo — respondeu, passando por ele. — Vá pentear seu cabelo. Não se preocupe. Não vai demorar muito.

— Mas, você disse que seria hoje de manhã! — gritou o rapaz.

Não adiantou. Ela se fora.

Depois de ter ficado sentado durante muito tempo olhando perdidamente para o chão, um atendente entrou.

— Seu cabelo está um *pavor* — disse.

O atendente tinha o cabelo cuidadosamente ondulado, brilhando de óleo.

— Use o meu pente, tome — disse.

— Quando vão me deixar sair daqui?

— Não sei. Breve — disse o atendente com indiferença e afastou-se.

Chegou a hora do almoço. Agora o rapaz compreendeu que tudo não passava de uma brincadeira cruel. Ficou deitado na cama, sem tocar nos alimentos.

Ouviu baterem na porta. O ajudante entrou, empurrando um carrinho de metal com algumas roupas penduradas. Olhando incredulamente, o jovem reconheceu as calças e o sobretudo que usava antes de entrar ali. O casaco estava rasgado do lado e a manga manchada com uma massa grossa fedorenta.

— Vista isto — disse o atendente. — Ordens. Retirou-se.

O rapaz vestiu-se desajeitadamente. O coração batia acelerado e tinha dificuldade em descobrir o lado certo das coisas. Conseguiu finalmente se vestir e penteou o cabelo com cuidado mais uma vez.

Então esperou. Passos iam e vinham apressadamente no corredor. Pessoas de blusas brancas passavam e tornavam a passar. Uma campainha soou e um menino de camisolão púrpura passou carregando uma vela num recipiente de vidro, seguido por um homem de roupa escura, cabeça baixa, murmurando alguma coisa para si mesmo. A campainha ecoou na distância.

Ouviu uma gargalhada em algum lugar não muito longe dali.

— Bem, você sabe o que *eu* tive de dizer a ele! — exclamou uma vigorosa voz de homem.

Então, duas vozes começaram a falar ao mesmo tempo, em tom baixo, e o jovem não conseguiu entender mais nada.

Passos se aproximaram novamente da porta. Uma mulher entrou.

X

A PRINCÍPIO NÃO PERCEBEU que era Frau Schorr. Estava mais formalmente vestida que no dia anterior, com uma exagerada saia rodada, que lhe ocultava as formas do corpo. Estava pálida, nervosa, e não o encarou.

— Martin, eles prometeram dar-lhe alta às nove e trinta desta manhã — foi dizendo — e agora são quase...

— Madame Schorr — interrompeu o atendente, pondo a cabeça na porta, — estão pedindo que desça até o escritório imediatamente.

— Oh! meu Deus — disse a mulher e, virando-se, foi embora outra vez.

O rapaz esperou. Por fim Frau Schorr entrou, andando apressadamente. Desta vez parecia exuberante e enérgica.

— Venha depressa — falou, pegando-lhe o braço — antes que eles mudem de idéia.

— Posso ir? — perguntou ele.

— Sim, está tudo acertado. Depressa!

Ela levou-o para o corredor branco, passando pelas letras piscantes da parede. Havia vasos com plantas em cada interseção de corredores: sempre a mesma planta, com brilhantes folhas pontiagudas.

Entraram num elevador veloz, idêntico ao que o rapaz vira na loja. Abriu-se para eles, estalou fechando e com uma queda atordoante estavam sendo arremessados para baixo. Outra queda na direção contrária, um estalo e se viram parados em um grande vestíbulo de ladrilhos cinzentos, com enormes janelas de vidro claro, através das quais o rapaz pôde ver a torre central da Flugbahn, brilhando à luz do sol contra o céu de um azul puro.

— Depressa! — disse a mulher, levando-o para outro elevador.

Este era em espiral. Caíram por um tubo de vidro, passaram a princípio por paredes escuras e depois impetuosamente para a luz do dia.

O que acontecera com o edifício? O jovem estendeu o pescoço e viu o titânico bloco de alvenaria desaparecer acima de sua cabeça. Tinham emergido do fundo do hospital, que era sustentado no espaço por pernas de cimento. Ao redor, um viçoso gramado verde e jardins floridos. Apenas outro edifício podia ser visto à distância: um único bloco despretensiosamente entalhado em pedra rosada, sem janelas ou entradas visíveis. Além, os tetos de alguns prédios se erguiam acima do topo das árvores.

O elevador mergulhou no solo sem parar e um minuto depois estavam num túnel subterrâneo branco, fracamente iluminado. Ao deixarem o elevador, um carro oval aproximou-se sobre duas grossas rodas. Parou e o teto transparente girou, abrindo-se. Não tinha motorista.

O rapaz encolheu-se, mas Frau Schorr insistiu para que entrasse. Sentaram-se nas almofadas fofas. O teto hesitou, desceu lentamente e fechou-se com um estalo. Frau Schorr inclinou-se para a frente.

— Leve-nos a saída da Fiedler Platz, por favor. Depois de uma pausa, uma voz mecânica falou pela grade à frente deles:

— São dois marcos e dez, por favor.

A mulher procurou na bolsa, achou uma nota e colocou-a na fenda junto à grade.

— Obrigado — disse a voz.

Algumas moedas tilintaram num recipiente de metal. A mulher recolheu-as cuidadosamente e guardou-as, enquanto o carro se punha em movimento.

Não pareciam estar andando em grande velocidade, mas o rapaz sentiu-se espremido contra as almofadas e as luzes brancas do túnel piscavam com atordoante rapidez.

Outros carros eram visíveis atrás e na frente. O túnel bifurcou-se. O ramal à esquerda descia e o a direita subia. O carro deles dobrou à esquerda, sem perder velocidade. Numa segunda bifurcação, viraram à direita, tornando a subir.

O carro deslizou para uma parada ao lado de um elevador idêntico ao que haviam tomado quando saíram do hospital. O teto se abriu outra vez.

Meio atordoado pela velocidade excessiva, o rapaz seguiu a mulher até o elevador. Quando o carro subiu pelo tubo, outro carro, com dois homens e uma criança, passou girando para baixo na contra-espiral. O rapaz sentiu o estômago embrulhado ao vê-los e fechou os olhos.

Mais uma vez se encontravam na superfície. A rua estava fria e cheia de sombras azuladas, mas acima de suas cabeças o sol ainda aquecia as fachadas. Pegando-lhe o braço novamente, a mulher levou o rapaz pela calçada vazia até uma das entradas, na qual ele viu o número "109" em letras prateadas.

Ela parou no vestíbulo, levando a mão enluvada à boca.

— Você tem a chave? — indagou.

— Chave? — O rapaz explorou os bolsos, tirando uma chave presa a um aro dourado. — É esta?

A mulher apanhou-a com alívio.

— Sim, tenho certeza. Venha.

Entraram em outro elevador, desta vez um vertical comum, e a mulher falou

junto à grade:

— Três.

Saltaram num estreito corredor atapetado de bege e verde. Frau Schorr dirigiu-se diretamente para a porta número 3 C, abrindo-a com a chave.

Dentro, foram envolvidos por uma meia-luz esverdeada.

O quarto era pequeno, com uma cama estreita, uma mesa com material para fazer café e uma máquina de escrever sobre uma escrivaninha. Não havia pó, mas o ar estava cheirando a mofo.

A mulher foi até a janela, correu as cortinas e deixou entrar o sol. Apertou um botão no painel de comando sobre a cama e imediatamente um ar fresco começou a sussurrar pela sala.

— Bem, aqui está você, afinal! — exclamou alegremente a mulher. — No seu quartinho... — fez uma pausa. — Mas, você não se lembra disso também?

O rapaz estava olhando em volta. Nunca vira aquele quarto antes e não se importava muito.

— Não há um aparelho de televisão aqui? — perguntou.

A mulher observou-o um momento, depois foi até *o* painel de comando e apertou outro botão. Um quadro na parede abriu-se e dobrou-se para trás, deixando ver a tela de um aparelho de TV que imediatamente começou a funcionar. O rosto sorridente de um homem pulou para eles, gigantesco, voraz, enquanto a gargalhada saía reboante da parede. Então, o som morreu e o rosto de boca aberta encolheu e desapareceu, quando a mulher mexeu novamente nos comandos.

As duas metades do quadro pularam, bateram e voltaram a se juntar.

— Que foi? — indagou a mulher.

— Eu não sabia o que ia acontecer — respondeu o rapaz, estremecendo.

Ela encarou-o pensativamente.

— Entendo — colocou as pontas dos dedos enluvados sobre os lábios. — Martin, você sabe que este é o seu quarto. Não faz você se recordar de nada? Achei que talvez quando você o visse... mas não. Acho melhor você não ficar aqui, Martin. Venha, ajude-me.

Foi vivamente até a parede oposta, fez deslizar um. painel e apanhou duas malas. Abriu-as sobre a cama, voltou a atravessar o quarto, puxou uma gaveta na parede e separou uma pilha de roupas.

— Tome isto aqui — Atirou as roupas nos braços dele. — Ponha tudo sobre a cama, que eu arrumo as malas depois.

— Mas onde vamos? — perguntou ele, carregando,, obedientemente, seu fardo através do quarto.

— Para o meu apartamento — disse ela.

Apanhou as roupas, dobrou-as cuidadosamente e começou a metê-las ao comprido nas duas malas.

— Vá e apanhe mais.

O rapaz voltou e abriu outra gaveta abaixo da primeira. Só havia meias nela. Levou-as obedientemente para a cama.

— E se Frau Biefelder não gostar disto, que sufoque! — disse a mulher, colocando as camisas na mala, com movimentos bruscos e zangados.

Sem entender, o rapaz fazia o que ela mandava. Todas as roupas, inclusive dois conjuntos de capas e sobretudo, foram parar na grande mala. A menor, chata e estreita, foi enchida com os papéis da escrivaninha. Frau Schorr apanhou, então, as duas malas e o rapaz carregou a máquina dentro de sua própria maleta. Desceram outra vez pelo elevador, saíram para a rua, entraram em outro elevador e tomaram um táxi igual ao que os trouxera até ali.

Desta vez, chegaram a uma rua mais movimentada. Carregando as malas, atravessaram-na, passando por um grupo de garotas que passeavam, por um rapaz alto com uma monocicleta e por um vendedor de flores.

Havia lojas de cada lado com interessantes objetos expostos nas vitrines, porém Frau Schorr não o deixou parar. Dobraram a primeira esquina à esquerda e entraram num prédio com fachada de pedras azuis. Uma velha senhora de cabelos brancos, com o rosto cheio de rugas, estava sentada na entrada.

— Boa tarde, Frau Biefelder — disse Frau Schorr cerimoniosamente.

A mulher não respondeu, mas olhou-os com os olhos minúsculos e orlados de vermelho.

— É até bom para ela levar um susto de vez em quando — murmurou Frau Schorr, quando se meteram no elevador.

Parecia angustiada. O rapaz gostaria de poder ajudá-la, porém não sabia qual era o problema. Assim, nada disse.

Em cima, o vestíbulo era pequeno, com apenas duas portas laqueadas de vermelho.

— Chegamos, enfim! — disse a mulher animadamente, abrindo a primeira.

Entraram numa sala clara e confortável, com tapetes e estofos de cores brilhantes. Ao entrarem, uma gatinha amarela pulou do banco sob a janela e foi na direção deles, com os olhinhos azul-claros brilhando no focinho inescrutável.

O rapaz olhou-a surpreso. Nunca antes vira uma gata doméstica, exceto em fotografias. Só aqueles animais enormes do Zoológico e assim mesmo de uma certa distância.

— É bravo? — perguntou.

— Maggie? — indagou a mulher, confusa. — Você quer dizer o quê?

Parou para pegar a gata, que olhava o rapaz com o lombo arqueado e miando

baixinho. Quando a mulher a ergueu, a gata ficou pendurada na mão dela como uma pele. Depois retorceu-se e pulou para o chão.

O miado cresceu. A gata estava toda arrepiada.

— Oh! querida! — exclamou a mulher. — Maggie, você não lembra de Martin? — Voltou-se para ele, desconcertada. — Ela está aborrecida. Sente-se, querido, tudo vai dar certo. Tire o sobretudo e descanse um pouco. Você terá café e sanduíches num instante.

A gata avançou com firmeza, mas a mulher empurrou-a com o pé. Com um guincho de raiva, o animal foi enroscar-se novamente no banco da janela. Seus olhos azuis se fecharam, mas a cada vez que o rapaz fazia um movimento, arregalavam-se e sua boca abria-se num sorriso de dentes afiados.

— Não consigo imaginar o que há com ela — disse Frau Schorr, do outro quarto. — É uma criatura muito afetuosa e sempre gostou de você, Martin.

Querendo olhar um quadro na parede oposta, o rapaz deu um ou dois passos na direção dele, vigiando a gata com o canto do olho.

O animal devolveu-lhe o olhar, fazendo baixinho um ruído sibilante, mas não se moveu. Encorajado, o rapaz atravessou a sala e olhou para o quadro de perto, mas não conseguiu entender o que representava.

Voltou-se, perplexo, exatamente no instante em que algo roliço e branco-sujo apareceu na porta. A coisa fitou-o com os olhinhos vermelhos e chiou. A saliva escorria dos lábios da sua imensa boca aberta e duas presas descoloridas surgiram na mandíbula inferior. Encarou o rapaz por um momento com espanto. Depois, o pêlo branco-acinzentado das suas costas se eriçou e o animal rosnou ameaçadoramente. O rapaz levantou a mão. O animal pôs-se a latir, pulando na soleira, com olhos esbugalhados e congestionados de louco.

O rapaz recuou o mais que pôde.

— Churchill! — gritou a mulher na cozinha. O cão voltou a cabeça na direção da voz mas continuou a latir.

— Churchill! — gritou outra vez e rapidamente entrou na sala, enxugando as mãos no avental. — Que vergonha! — disse, olhando para o rapaz. — Churchill, que houve com você?

O latido continuou.

— Então toma! — disse a mulher, batendo com a palma da mão no focinho do animal enfurecido.

O animal soluçou, balançou a cabeça e fixou-a com uma expressão de surpresa. Latiu mais uma vez. A mulher tornou a bater-lhe, mas desta vez mais gentilmente.

— Não, Churchill... que vergonha! Este é Martin, não lembra? Ele havia

esquecido você — disse ela, se desculpando por cima do ombro. — Vamos, Churchill, volte para seu tapete. Vá, seu cachorro mau!

Empurrou o cão pela porta. O bicho recuou com firmeza e depois se voltou relutantemente e desapareceu, rosnando e farejando. Ouviu-se um último latido no compartimento ao lado.

— Oh, querido — disse a mulher. — Sinto muito, Martin. Com licença um instante... o café.

Ela voltou para a cozinha e o rapaz, ligeiramente enervado, começou a andar de um lado para o outro entre as estantes baixas, lendo os títulos dos livros.

No canto mais afastado da sala, viu uma frágil gaiola presa a um suporte de cobre brilhante. Uma toalha bege a cobria. Curioso, suspendeu a ponta da toalha e olhou para dentro. Na obscuridade, um passarinho de plumas verdes e violetas estava empoleirado numa miniatura de trapézio. Seu olho, dourado como uma cabeça de alfinete, piscou para o rapaz. A criatura disse:

— *Weep!*

O rapaz baixou novamente a coberta. "Exatamente como no Zoológico", pensou.

A mulher voltou alvoroçada, com uma bandeja nas mãos. Nela havia sanduíches e café. Colocou a bandeja na mesa defronte do sofá.

— Agora venha comer, Martin, você deve estar faminto.

Ela fê-lo sentar-se no sofá e enquanto ele obedientemente comia os sanduíches e bebia o café, sentou-se à sua frente, na poltrona estofada, com as mãos crispadas nos braços, sorrindo levemente ao vê-lo comer. Seu rosto estava corado pelo esforço.

Algumas mechas do cabelo escuro escapavam do penteado, caindo-lhe sobre a testa.

— Isso, coma, faz bem — disse. — Gostaria de ouvir música, Martin?

O rapaz concordou com a boca cheia. A mulher levantou-se, dirigiu-se para um aparelho a um canto e apertou alguns botões. Logo depois o aparelho começou a produzir música, lenta e suave, tocada por uma orquestra com muitos violinos. O rapaz ouvia com prazer, mastigando seu sanduíche.

A mulher suspirou e depois sorriu.

— Não, você não se lembra, não é? — perguntou.

— Lembrar o quê?

— A música. Nós costumávamos freqüentemente tocá-la... não importa.

Foi até o aparelho e mexeu nele. A música parou.

— Mas é mesmo verdade, então, que você não se lembra de nada?

— Acho que me lembro — disse o rapaz, mentindo cautelosamente. — Você é minha irmã...

— Não! — retrucou a mulher, com veemência. — Isso não é verdade. Você não se lembra.

Sua boca se comprimiu e seus olhos se fecharam.

— Mas então por que disse ao médico que era minha irmã? — perguntou o rapaz, perplexo.

— Porque eu precisava ser membro da sua família ou não me teriam deixado tirá-lo de lá.

O rapaz engoliu, pensando naquilo. Pôs o sanduíche de lado.

— Mas, se você não é minha irmã...

— Sim?

— Então quem é você?

O rosto da mulher se ruborizou e ela desviou o olhar.

— Não interessa, Martin... apenas amigos. Somos apenas amigos.

Levantou-se e ficou de pé um momento.

— Comeu bastante, Martin? Quer bolo? Não? Outra xícara de café? ... Bem, então deixe-me ver: gostaria de jogar uma partida de xadrez? Gostaria?

Virou-se para o armário atrás dela, tirou uma mesinha de armar com um tabuleiro de xadrez incrustado e uma caixa de peças.

— Não sei se ainda sou bom — disse o rapaz, olhando ansioso esses preparativos. — Nunca joguei de verdade com ninguém. Só resolvia os problemas nos jornais de Hamburgo...

A mulher estava olhando para ele de maneira estranha, com a mão pousada sobre a caixa de peças.

— Nos jornais de Hamburgo? — repetiu.

— Eu... quero dizer... — falou o rapaz, percebendo que tinha feito uma besteira.

— Mas isso onde? Na loja? — indagou ela.

— Na loja, sim — disse o rapaz aliviado. — Sabe, encontrei alguns jornais lá em cima... onde eu dormia... e para passar o tempo...

— Oh, claro. Entendo. — Ela acabou de colocar as peças no tabuleiro. — Mas é estranho que os jornais fossem de Hamburgo.

— Sim, muito estranho, não?

— Bem.

Ela pegou duas peças, uma de cada cor, com as duas mãos. Levou as mãos às costas, e apresentou-lhe os punhos fechados:

— Escolha.

O rapaz tocou-lhe a mão esquerda. Ela abriu-a, mostrando um pião branco.

— Que sorte — disse alegremente, empurrando as peças brancas na direção dele. — Passe-me aqueles cigarros, sim, Martin?

Ele seguiu o olhar da mulher. Não havia nada sobre a mesinha baixa ao lado dele, além de um cinzeiro e uma caixa esmaltada. Correu a tampa: correto, havia cigarros dentro.

Ela apanhou um, acendeu-o com o minúsculo isqueiro de quartzo rosado e jogou a cabeça para trás, para expelir uma longa baforada. Com a mão esquerda, colocava distraída as peças pretas nos lugares.

— Não quer um? — perguntou.

O rapaz olhou duvidoso para os cilindros brancos. Nunca havia tentado fumar um cigarro, mas era, sem dúvida, uma das coisas que precisava aprender.

Levou um desajeitadamente aos lábios, retirou-o novamente, olhou-o, colocou-o outra vez na boca e tocou a outra extremidade com o isqueiro. Deu uma tragada cautelosamente. O cigarro se inflamou. Uma fumaça fria e amarga encheu sua boca. Antes de perceber o que estava acontecendo, enviou certa quantidade dela aos pulmões, o que achou espantosamente bom. Deu outra tragada. Constatou com grande satisfação, que o fumo era, de certa maneira, um apaziguador dos constantes sofrimentos que vinha sentindo o tempo todo, desde que saíra do Zôo.

— Como é gostoso! — exclamou, olhando o cilindro incandescente.

Os olhos da mulher encheram-se de lágrimas. Inclinou-se para a frente e encostou seu rosto no dele. Envolveu-o num abraço, convulsivamente.

— Oh, querido, você havia esquecido isto também? — disse, chorando.

XI

O BÍPEDE ACORDOU. O quarto estava inundado pela transparente e incolor luz da manhã. Saiu da cama, devagar, estalando as mandíbulas. Que dia era? Não conseguia se lembrar. Mas, afinal, que importância tinha?

Podia ouvir Emma, no escritório ao lado, já batendo na ortomáquina. O bípede bebeu um copo d'água e olhou para a sala da frente — não havia ninguém na grade, o Zôo não abria tão cedo — então foi para a outra sala e sentou-se na sua escrivaninha.

A cesta estava cheia de trabalho que não terminara na véspera, mas eram só impressos contábeis. Havia muito não lhe davam outra coisa para datilografar. Pegou a folha de cima e tornou a pô-la no lugar, sem mesmo tentar lê-la: era trabalho demais.

A fêmea disse qualquer coisa em voz baixa. Surpreso ao vê-la falar, não ouviu as palavras.

— O que?

Ela repetiu, sem se interromper ou levantar os olhos do trabalho:

— Você acha que é a única pessoa infeliz? Eu não acho. O bípede olhou embasbacado para ela.

— Que quer dizer com isso?

— Outros também têm uma vida difícil.

Retirou a folha habilmente da máquina e juntou-a ao monte ao lado dela. Colocou outra folha, ajustou-a e começou a datilografar novamente.

O bípede sentiu-se vagamente insultado. Rosnou.

— Que sabe você a respeito?

Antes que ela pudesse responder, a porta externa bateu. Emma parou de trabalhar. Viraram-se ambos e viram Otto entrar com seu carrinho.

— Café — disse o homem, grosseiro — Peguem, comam e não me façam perder tempo.

Atirou uma cesta de trabalho na escrivaninha do bípede e outra na de Emma.

Piscando de raiva, o bípede apanhou seu prato coberto e levou-o para o quarto.

Que queria aquela criatura dizer? Quem era ela para lhe falar daquela maneira?

Sua raiva cresceu. Mal pôde comer. Deixou de lado o prato pela metade e voltou ao escritório. Emma não estava lá.

Andou sem objetivo por algum tempo, chutando os ladrilhos cinzentos. Ali estava a marca quase invisível que Grück traçara com giz através da sala. Que ironia para ele! Fizera-o para proteger Emma contra ele, como se fosse uma espécie de animal, quando na realidade era justamente o contrário.

Escutou um barulho e voltou-se para ver a fêmea saindo do quarto. Ela parou. Suas mãos cobriram o calombo da testa.

— Olhe aqui, Emma — começou o bípede, um tanto indeciso.

— Você está no meu lado da sala — pipilou ela.

— Ora, esqueça isso! Que importância tem agora? — O bípede avançou um passo na direção dela, ficando mais excitado. — Veja bem, Emma, só porque você passou toda a sua vida num Zoológico, suponho que você acha...

Ela murmurou algo e recuou para trás da sua escrivaninha.

— Que foi? — perguntou o bípede, irritado. — Fale alto.

— Eu disse que não passei toda a minha vida num Zôo. A fêmea colocou os auriculares, pôs o papel na máquina e começou a bater.

— Bem, talvez não neste Zoológico, mas você nasceu em algum Zoológico, não?

Emma ergueu os olhos.

— Nasci no Planeta Brecht. Eles chegaram, me pegaram e me trouxeram para cá quando eu era criança.

Recomeçou a datilografar.

O bípede sentiu que fizera alguma coisa errada.

— Bem, é claro que tudo isso é muito ruim, etc, mas não percebe a diferença? — Começou a falar com mais veemência, entusiasmando-se pelo assunto. — Oh, meu Deus, eu pensava que era bastante evidente. De um lado está você, um animal que passou a maior parte da vida num Zôo ou noutro. Já está acostumada, vive bem assim. Do outro eu, um homem encerrado no corpo de um animal, mantido preso numa jaula fedorenta um dia após outro!

Enquanto falava, a fêmea parou de trabalhar e estava agora quieta, olhando para os três dedos da mão sobre o teclado.

Passado um momento, levantou-se de sua cadeira e passou por ele. Seus olhos estavam fechados. O bípede viu que sua garganta se agitava convulsivamente.

— Oh, não, espere um instante — disse ele, chocado. Ela continuou a andar. Achando uma mesa em seu caminho, rodeou-a, tateando, com os olhos ainda fechados.

— Oh, Emma — disse o bípede — não quis ferir seus sentimentos. De fato,

eu exagerei. Não quis dizer que a jaula está realmente fedendo. Foi apenas um modo de me exprimir.

A fêmea desapareceu no quarto dela. Irritado novamente, o bípede seguiu-a até a porta.

— Saia, Emma! — gritou. — Já não lhe pedi desculpas? Emma não respondeu. Embora o bípede permanecesse mal-humorado durante horas no escritório, ela não saiu durante toda a manhã.

— Mas diga-me — perguntou Neumann, na hora do almoço, sob as luzes coloridas e móveis da rotunda — com toda a sinceridade, meu caro Grück, qual é a verdade nesta história toda? Você se saiu tão habilmente, que ainda estou confuso. O bípede é, realmente, esse Herr Martin Naumchik ou não?

Herr Doktor Grück deixou a faca e o garfo. Seus olhos ficaram sérios por trás dos óculos sem aros.

— Meu caro Neumann — disse lentamente — que importância tem isso? Em qualquer dos casos, o resultado é exatamente o mesmo: continuamos, como antes, com dois bípedes. Um macho e uma fêmea.

— Mas e se o macho era um ser humano antes?

— Mas é um bípede *agora*. — O bom doutor levou à boca um pedaço de salsicha de fígado e mastigou vigorosamente. — Se eu tive algum mérito nesta questão, senhores, o que *é* verdade, permitam-me dizer que eu devo em parte meu sucesso à excelente cooperação da minha equipe...

— Muito modesto — murmurou Neumann.

— De modo algum! — exclamou o Dr. Grück alegremente. — Mas se, e eu dou ênfase a este se, me dou algum crédito, é precisamente porque eu sozinho percebi um pequeno fato desde o início. Quem ou o que o nosso Fritz foi, antes, não tem a menor conseqüência. Se fôssemos acreditar nos hindus, o nosso Wenzl pode ter sido um besouro em outra encarnação.

Grück fez uma pausa para deixar o riso acalmar.

— Mas isto não faz diferença. Besouro ou não, neste momento ele é Wenzl. Nosso Wenzl compreende isso, tenho a certeza. Mas quanto ao nosso Fritz, não entendeu isso até agora. Mas quando entender, acreditem-me, vocês irão ver um animal mais saudável e feliz.

Um guarda jovem e desajeitado apareceu ao lado dele, estendendo um pacote. Grück voltou-se, aborrecido.

— Sim? O que é isto?

— Desculpe, Herr Doktor — disse o rapaz, enrubescendo e gaguejando, mas Freda, ou seja, sua ilustre secretária, pediu-me para entregar-lhe isto diretamente. Disse-me que o senhor quereria ver isto logo.

Grück recebeu o embrulho com um cômico sacudir de ombros e olhou em volta para os companheiros como a dizer: "Vejam como é a minha vida!". Virou o volume uma ou duas vezes, examinando as inscrições.

Imediatamente denotou um vivo interesse.

— Pela nave de Xi Bootes Alpha! De Purser Bang! Com licença, senhores, isto é mesmo muito importante.

Começou a rasgar o invólucro com impaciência. Dentro, havia um maço de papéis. Grück examinou a primeira folha com atenção.

— Sim, *é* o relatório do grupo de pesquisa do Planeta Brecht. Agora iremos descobrir alguma coisa. Virou uma página e depois outra. — Eles dissecaram três bípedes, um macho e duas fêmeas...

Ficou lendo em silêncio. Um momento depois seu queixo caiu de surpresa. Ergueu os olhos para as fisionomias curiosas ao redor da mesa.

— Mas... aqui diz que os machos eram fêmeas e as fêmeas eram machos! — Grück franziu o cenho. — Mas, é impossível! — murmurou.

— O que foi que disse? — indagou Neumann. — As fêmeas eram machos e os machos fêmeas? Isso não faz sentido, Herr Doktor. Seriam eles hermafroditas? Então por que não dizem?

— Não... não... — respondeu Grück, distraído, continuando a ler. — Meus Deus, cometemos um erro grave! Vejam só o que diz aqui! — levantou uma folha e apontou um dos parágrafos, com o grosso dedo trêmulo.

Neumann apanhou o papel, colocou-o sob a luz, e leu devagar:

— "As glândulas inguinais, consideradas, a princípio, gônadas masculinas, não apresentaram conexão com o sistema reprodutivo e sua função permanece ignorada. Levantaram a hipótese de que seriam apenas órgãos de exibição, análogos aos esporões e cristas dos gaios terrestres. No entanto, deve-se acentuar novamente que o portador desses órgãos é a fêmea e não o macho da espécie. É ela quem carrega o feto, em um saco placentário, e o dá à luz. A fecundação, porém, é feita por um método bastante incomum. Os gametas masculinos são carregados no órgão vermelho-púrpura que trazem na fronte e aparecem em forma desenvolvida só no macho adulto. Durante o cio, a fêmea..." Grück, ouça isto...

Fritz e Emma estavam sentados lado a lado no catre do quarto interno dela: Emma, tensa, com as mãos apertadas sobre o calombo, o bípede inclinado para ela, com o braço ao redor de seu corpo, falando seriamente ao seu ouvido.

— Você sabe, Emma, que eu não queria fazer-lhe mal. Você me acredita, não?

— Não é isso — respondeu ela, com voz abafada. — É a maneira como todos me tratam: como se eu fosse apenas um animal. Eles dizem que eu não sou

humana e por isso acham que é direito manter-me numa jaula durante toda a vida. — Ergueu os olhos. — Mas o que é ser-se humano? Eu penso, tenho sentimentos, falo. Até bato as cartas para eles e ainda não é bastante. — Seu corpo delgado tremia. — É horrível ouvi-los falar a meu respeito como se eu fosse uma criatura que hão fala ou ouve. Mas, quando *você*...

— Emma, por favor, não — pediu o bípede, tomado de ternura e remorso. — Claro que você tem razão: você é humana *como* qualquer um deles. Que importa se você tem uma aparência diferente? É a mente que está aí dentro, a alma que conta, não é? Por que eles não entendem?

Emma voltou os olhos para ele, outra vez.

— Você acha mesmo...

— É claro — assentiu o bípede, apertando-a com força. Novas e ardentes emoções tomavam conta dele. — Algum dia terão de ver isso, Emma. Nós os faremos ouvir, você verá. Vamos, Emma. Tudo vai acabar bem. Somos amigos agora, hem?

Emma fitou-o novamente com timidez. Seu corpo parou de tremer.

— Sim, Fritz — disse ela.

O bípede estreitou-a com mais força. Juntamente com a sensação de proteção que sentia, havia uma alegria feroz, um senso de justiça. Por alguns momentos, não se falaram.

— Emma...

— Hem?

— Somos realmente amigos, agora? Você não tem mais medo de mim?

— Não, Fritz, não tenho mais.

— Então, por que continua a pôr as mãos sobre o calombo? Não é incômodo? Não confia em mim?

Ela abanou a cabeça.

— Não sei por que... é que... É claro que confio em *você*, Fritz.

— Então...

Após um momento de hesitação, ela obedientemente pôs as mãos no colo. Seu calombo era grande, vermelho-púrpura e tinha um leve aroma de especiaria.

— Não é melhor, agora? Aconteceu alguma coisa horrível porque você o descobriu?

— Não, Fritz — concordou ela. — Encostou o focinho no ombro dele. — Sinto-me muito melhor agora.

— Eu também, Emma. Oh, eu também.

Explodindo de emoção, o bípede inclinou mais a cabeça. E, com uma instintiva destreza, que apanhou ambos de surpresa, ele mordeu o calombo dela.

XII

O RAPAZ estava flutuando, era todo sensações. Farfalhar gigantesco de tafetá com cheiro de canela, infinitamente desenrolado. O ciciar e o ondular de cetins quando os dois corpos se estreitavam vigorosamente, os lábios se procurando ... pressão, um sentimento de doçura (Gemidos em torno dele na sala).

Lábios se separando para tomar fôlego, rosto branco como a neve desmaiando no ombro acetinado, um sinal de beleza brilhando no rosto. Sua peruca abundante, mais branca que a pele, sombreava o rosto dela, doce e tristemente :

"Para sempre?"

"Para sempre!", num barítono triunfante.

"Oh, *Stephen*..." Os dois corpos recuaram pesadamente como se rolassem para longe. O rosto dela se virou para ele.

Ele:

"O que foi?"

Ela:

"Veja!"

Seus corpos dançaram no espaço como orbes celestes, todo rendas e luzes, para revelar a longa perspectiva azul da sala ciclópica. Embaixo, tão enorme e também tão distante, o homem moreno, num vermelho suado, de barba negra, pontuda e luzidia e fogosos olhos negros disse, com voz untuosa:

"Então, meus jovens amantes, encontramo-nos novamente?"

Flutuando no vácuo, o rapaz suspirava, variava (tinha entrado ali).

Palavras ásperas ecoaram por toda a enorme sala: a mulher encolheu-se, ofegante. Veja a mão do homem agarrar o punho da espada, veja a criminosa lâmina relampejar.

(Suspiros)

Agora a luta de titãs: choque de lâmina contra lâmina, faíscas, golpes de espadas no ar. Uma mesa voou com um barulho de fim do mundo. Uma vela, cortada em duas, caiu ao chão em chamas. Um jarro explodiu em centenas de pedaços rodopiantes.

"Ha!"

A mão do homem pálido caiu sobre o ombro do outro: o sangue jorrou entre

seus dedos. Agora as lâminas estavam retinindo novamente. Veja o sorriso do rosto pálido desaparecer por cima do ombro do homem moreno. Um rodopiante entrelaçamento de espadas: então a espada do homem pálido arremeteu, surgindo gigantesca (e o facho de luz da esquerda, que avisava ao rapaz para deixar os braços em paz, mas desta vez, corajoso, persistiu). Oh! Uma brilhante punhalada de dor no coração. Deus do céu...

Fraco, meio desmaiado na cadeira, coração acelerado, era *ele* quem agonizava... viu a sala escurecer-se lentamente, viu o teto girar sobre sua cabeça... viu, vagamente, as duas enormes figuras caírem uma nos braços da outra. Depois, escuridão.

As luzes se acenderam, banhando os dois felizes amantes. Uma música alegre encheu o ar à medida em que os rostos tornaram-se absurdamente grandes e saíram do foco, até restar apenas o definhante aspecto de um sorriso.

FIM.

O mundo sumiu, deixando uma luminescência esverdeada. O rapaz tomou consciência do seu próprio corpo, grampeado na poltrona estofada.

Ao seu redor, na grande cúpula, outras pessoas começaram a se mover.

Suas nádegas estavam dormentes e sua cabeça doía. Lutou para ficar de pé. Era difícil tornar a se acostumar ao silêncio e ao reduzido tamanho das coisas.

Cambaleante, atordoado, saiu para a morna claridade da tarde. Passou pela confeitaria, com seu enorme e cheiroso estéreo-pão, permanentemente balançando sobre a porta. Três homens morenos, com chapeuzinhos brancos engraçados e calças brancas folgadas, caminharam para ele, todos falando ao mesmo tempo uma língua estranha.

Um gato atravessou a praça, perseguido por algo pequeno e verde, com muitas pernas curtas. O sol aquecia as pedras da calçada. Ondas de calor flutuavam no ar.

Na esquina seguinte, uma multidão se aglomerava em torno de um homenzinho de verde e uma criatura gigantesca, com um peito como um barril, coberta de plumas rosadas, que o homenzinho trazia presa por uma correia. Moedas tilintaram num pote. Estimulada pelo dono, a enorme criatura executou uma pseudodança desajeitada. Seu rosto era metade humano, metade água-viva, retardado e inexpressivo.

— Obrigado, cavalheiro, obrigado, senhora — dizia o homenzinho, tirando o chapéu. *Tlim.* — Obrigado, senhor.

O rapaz continuou seu caminho. Afinal de contas, no cinema vêem-se monstros maiores que aquele.

Parou na banca de jornais, no fim da praça, e comprou o *Berliner Zeitung* e o *Hamburger Tageblatt*, metendo os jornais dobrados debaixo do braço. A banca

seguinte era de frutas. O rapaz passava por ali quase todos os dias e às vezes comprava bananas ou laranjas. Mas hoje era diferente. No meio da banca viu um amontoado de ovóides verde-amarelados, maiores que peras, com uma tabuleta: "Especiais! Recentemente chegadas do Planeta Brecht. Raras! Experimente!". O preço era um marco e dez.

A boca do rapaz ficou seca de excitação. Do Planeta Brecht! Remexeu no bolso. Tinha exatamente o suficiente.

O empregado cansado recebeu o dinheiro e deu-lhe uma das frutas esverdeadas. O rapaz a segurou com cuidado enquanto caminhava. Era pesada, quente e suave ao toque.

Uma frase perdida do livro voltou-lhe à memória: "Certos frutos esverdeados, que os bípedes comem com avidez..." Nunca, antes, se sentira tão próximo do seu planeta de origem. Parecera-lhe sempre um tanto irreal, algo que se lia nos livros. Agora, pela primeira vez, sentiu que aquele lugar existia realmente, que era feito com pedras de verdade e sujeira e tinha árvores verdadeiras que produziam frutos verdadeiros.

Percebendo Frau Biefelder no vestíbulo do prédio, com seus olhinhos avermelhados, atentos e suspeitos como sempre, o rapaz instintivamente meteu o pesado fruto no bolso, continuando a segurá-lo.

— Boa tarde, Frau Biefelder — disse delicadamente, caminhando para o elevador.

A velha não respondeu.

O rapaz parou o elevador em todos os andares, como de costume, examinando cuidadosamente as portas vermelhas fechadas. A de Júlia permanecia entreaberta, mas em vez de parar, continuou a subir. Quarto andar, quinto, sexto. Saiu, subiu a pequena escada até o terraço.

Berlim se espalhava à frente dele na pálida luz do outono. Os cabos curvos do Flugbahn brilhavam contra o azul. Lá embaixo, erguendo-se entre os tetos baixos dos edifícios, destacava-se a abóbada dourada do Konzertgebaude.

Uma brisa fria começou a soprar forte pelo terraço, fazendo as folhas dos jornais se agitarem sob seu braço! O rapaz segurou-os com dificuldade com apenas uma das mãos, pois não queria largar o fruto quente. Alguns metros adiante, um ventilador girava rapidamente sob sua cobertura escura. O rapaz teve sua atenção voltada para um avião, que zumbia no horizonte azul-cinzento. Farejou o ar com interesse, óleo diesel, ozona, cimento fresco.

Uma grande borboleta ou mariposa estava pousada no parapeito, agitando fracamente as asas azuis e vermelhas. O rapaz examinou-a curiosamente. Não parecia capaz de voar. Quando a tocou com o dedo, ela apenas fez um movimento espasmódico com as asas.

Algo pousou com um ruído surdo atrás dele. Voltou-se e viu outra borboleta, idêntica à primeira. Ficou agitando as asas um momento, com os mesmos movimentos febris. De repente, o rapaz percebeu que o ar estava cheio delas: minúsculas formas escuras, descendo, pousando nos telhados ao redor. Havia meia dúzia aos seus pés e depois duas vezes mais. Uma bateu-lhe suavemente no pescoço antes de cair no terraço.

Aborrecido, o rapaz virou-se para sair. Mas embora escolhesse cuidadosamente o caminho, não pôde deixar de esmagar sob os pés inúmeros daqueles corpos frágeis.

Desceu novamente ao terceiro andar e abriu a porta com cautela. Júlia a deixava agora sempre destrancada, porque ele havia tido muitos problemas com as chaves. No interior, tudo estava quieto.

Maggie, a gata, saudou-o ao entrar, com um miado queixoso. O rapaz caiu de quatro para esfregar seu nariz no dela. O nariz da gata estava frio e seco. Esfregou o focinho contra o dele, arqueando o lombo e sacudindo o rabo.

Pouco depois, houve um barulho no quarto e Churchill saiu com ar perigoso. Quando viu que era só o rapaz, o clarão de fúria abandonou seus olhos. Gingou, farejou e lambeu o rosto do rapaz com a língua fedorenta.

O rapaz se levantou e limpou o rosto com um pano.

— Martin? — chamou uma voz sonolenta de dentro do quarto.

O rapaz chegou até o corredor e espiou pela porta. Júlia olhava-o sonolentamente da cama. — Que horas são? O rapaz olhou o relógio de pulso.

— Quase três horas. Está se sentindo melhor, Júlia?

— Sim, acho que sim. Você poderia me trazer um copo d'água?

— Pois não, querida Júlia.

O rapaz foi à cozinha e encheu um copo.

Sentou-se à beira da cama, vendo-a beber, com uma sensação um tanto esquisita. Era a primeira vez que ela o convidava a entrar no quarto. Uma vez aconteceu-lhe olhar para dentro quando ela estava se despindo e vira seus seios nus, que o interessaram muito, mas sentiu-se tão esquisito que fugiu do apartamento. Agora podia perceber-lhe as formas arredondadas sob a fina camisola branca e cheio de curiosidade tocou num. Era suave e balançante, mas tinha uma protuberância dura de outra cor no meio.

— Oh! — disse ela, espantada. Sua mão afastou a dele.

— Machuquei-a?

— Não... não, está bem, Martin. Pode tocar, se você gosta.

Ela largou o copo e tomou-lhe ambas as mãos, levando-as aos seios.

— Querido Martin — disse ela.

Ele viu que os olhos dela brilhavam de lágrimas.

— Querida Júlia.

Inclinou-se e beijou-a. Para uma primeira tentativa, ' até que não foi mal. Os narizes ficaram um ao lado do outro e ele sempre pensava que seria muito difícil.

A mulher começou a ofegar. Depois de um momento, envolveu-o com os braços e apertou-o. O beijo continuou e, passado algum tempo, outras coisas interessantes começaram a acontecer.

Quando tudo terminou, o rapaz estendeu-se de costas na cama, exausto e espantado. Júlia sentou-se, escovando o cabelo e falando baixinho para si mesma.

Subitamente a luz da porta brilhou. Entreolharam-se.

— Oh, querido, quem será?

— Vou ver.

— Querido! — disse a mulher, segurando a mão dele para impedi-lo, meio chorando, meio rindo. — Vista as roupas primeiro.

— Oh!

O rapaz beijou-a ainda uma vez porque ela estava tão corada e contente e depois vestiu-se. A luz da porta brilhou repetidamente.

— Está bem, já vou, já vou — murmurou.

No corredor, um homem de meia estatura, vestido com um sobretudo de verão cinza-escuro, fumava um charuto.

— Então, Naumchik? — disse sorrindo.

— Sim? — perguntou o rapaz, indeciso.

— Não me conhece? Tassen, da *Freie Presse*... lembra?

— Não. Herr Tassen? O que deseja?

— Estava passando — falou Tassen, olhando com olhos perspicazes e amáveis. — Então é aqui que você se esconde? Incomoda-se se eu entrar um momento?

— Bem... acho que não.

O rapaz recuou, indeciso, e o homem seguiu-o, examinando o apartamento com interesse.

Houve um berro no quarto e depois o barulho de garras arranhando a porta fechada, seguidos da voz abafada de Júlia:

— Pare, Churchill! Cão danado!

Tassen ergueu uma sobrancelha na direção dos sons, mas não fez comentário.

— Bem, é um lugar confortável, Naumchik. Não vou tomar-lhe muito tempo. Posso sentar?

— Faça o favor.

— Viu Zellini ultimamente?

— Como?

Tassen franziu a sobrancelha, batendo o charuto na cinzeiro.

— Você voltou finalmente a Paris depois que?... Tornou a erguer a sobrancelha.

— A Paris? — perguntou o rapaz confuso. — Não.

— Suponho que saiba que eles amarraram um foguete em você, não?

— Perdão!

— Despediram você... Mandaram-no embora.

— Oh. Não, não sabia.

Tassen tragou o charuto, encarando o rapaz. Após um momento, indagou:

— Afinal, o que aconteceu com você, Naumchik? Num momento, até onde pude saber, você era um perfeito jornalista jovem, até que aconteceu toda aquela história do bípede e você começou a se balançar nos tetos da Elektra. Espero que agora você esteja bem.

— Oh, sim, perfeitamente.

— Bem?

— Bem?

Tassen pareceu perplexo e ligeiramente aborrecido.

— Claro, se você não quer me contar...

— Mas eu não me lembro.

— Oh? — Tassen piscou. — Do que não se lembra?

— De nada... antes da Elektra.

— Entendo. Então é isso. Você não tem como me contar sua ligação com aquele bípede, não?

— Não.

— Está bem. Bem, de qualquer modo, Naumchik, é bom saber que está tudo certo com você. Acho que não tem feito nenhum trabalho jornalístico nos últimos tempos?

— Não.

— Quer fazer?

— Não pensei nisso — disse o rapaz.

— Provavelmente não será tão fácil para você conseguir trabalho nos jornais de Berlim depois desse escândalo — disse Tassen. — Mas você arranjará algum serviço temporário, com certeza. Um material sobre sua experiência na Elektra, por que *não?* — Levantou-se e tirou um cartão do bolso do sobretudo. — Aqui está o meu endereço. Se precisar de ajuda...

E se despediu com um alegre adeus.

No dia seguinte, o rapaz lembrou-se da fruta do Planeta Brecht e resolveu abri-la antes que se estragasse. A casca verde-amarelada era bastante fina e dentro havia uma polpa amarela, de ar um tanto doentio. Júlia comeu um pedaço

e disse que era interessante. O rapaz, entretanto, deu uma mordida e cuspiu logo: a polpa estava mole e desagradável, com um claro sabor de ranço. O desapontamento foi tão grande que ele se lamentou durante dias.

A onda de mudança, expandindo-se dos seus dois locais, afastou-se lentamente da Terra. Ocorreram algumas transformações finais.

Vates romanos dos tempos de Júlio César, estudando as entranhas de algumas aves para fazer vaticínios, encontraram massas de piche fedorento e profetizaram um desastre. Uma chuva de palha sangrenta causou uma rápida sensação na agradável cidade de Kikumeru, círculo polar antártico, no ano de 3019. Uma inscrição apareceu na parede de um palácio na Babilônia, com palavras que nenhum homem conseguiu ler. Uma súbita queda de temperatura congelou mamutes num planalto da Sibéria...

A mudança havia derivado na direção de Vega, onde cefalópodes inteligentes do terceiro planeta daquela estrela ficaram intrigados com ela milhões de anos antes e depois. Na Terra, os poucos que tinham reparado naquelas coisas estranhas decidiram havia muito a conservar as bocas fechadas.

O bom tempo permaneceu até outubro. Depois tornou-se frio e tempestuoso, com neve e ocasionais quedas de granizo. Numa tarde, em fins de novembro, o rapaz entrou no bar do Clube dos Correspondentes. Parou por um momento, sacudindo a neve derretida do chapéu. O longo bar de mogno estava meio deserto. As luzes cobertas do bar se refletiam nos espelhos, e as pequenas lâmpadas verdes do telefone brilhavam no bar.

Emile, o garçom, um saxão de rosto vermelho, ergueu a sobrancelha, saudando o rapaz quando este se aproximou.

— Boa noite, Herr Naumchik. Não o vemos há algum tempo.

— Não. Estive na Vestfália, Emile. Dê-me um Long John duplo.

— Sim, senhor.

Emile estendeu o braço para trás e apanhou a garrafa. Encheu um copo quase até a borda. Inclinou-se para informar:

— Houve um chamado para o senhor mais cedo, Herr Naumchik. Uma senhora.

— Oh! Deixou o nome?

— Não senhor. Se telefonar outra vez, devo dizer que está aqui?

O rapaz ficou pensando.

— Pode ser vantajoso. Quem seria? Nina? Olga? Que tipo de mulher era, Emile? — perguntou, mas o troncudo garçom já se afastara e atendia a outro freguês.

— Alô, Naumchik, quando chegou?

Um homem alto, usando um paletó de xadrez e um chapéu à moda do Tirol, encostou-se ao lado dele no bar. Falava com um forte acento inglês. Trazia preso por uma correia curta um galgo de pêlo sedoso e olhos melancólicos. O cachorro esfregou o nariz frio na palma da mão do rapaz.

— Oh, alô Potter — O rapaz acariciou distraído o focinho do cão. — Cheguei esta manhã. Deite, Bruno. Deveria ter chegado ontem às duas da madrugada, mas tivemos de sobrevoar Templehof durante cinco horas.

— Tempo horrível — disse Potter. — Tem algo a ver com essa história de regeneração?

— Não, é uma nevasca. Mas consegui mandar duas colunas antes. Você me parece bem. Ouvi dizer que quebrou um braço em Riga.

— Não, foi Merle — explicou o homem, apontando com o queixo para uma mesa no canto, onde uma mulher loura estava sentada com o braço na tipóia.

Ela ergueu o copo e sorriu.

— Oh, que pena — disse o rapaz, acenando em resposta.

— Não tem importância. Faz com que ela fique mais tratável. Algumas vezes desejo que todas as mulheres quebrem os braços, as pernas ou algo semelhante.

Um rapaz jovem, vestido de preto, transpirando, chegou e agarrou o inglês pelo braço.

— Olhe, Potter, você sabe onde posso encontrar Johnny Ybarra?

— Não, não tenho idéia... Já tentou procurar nos bordéis?

— Todos eles? — perguntou o homem suado, desesperadamente, por cima do ombro, afastando-se. — Alô, Naumchik — acrescentou antes de desaparecer.

Emile, que tinha estado falando no telefone coberto, no fundo do bar, levantou a cabeça e ergueu as sobrancelhas. O rapaz fez um movimento assentindo. Emile apertou a tecla e o aparelho defronte do rapaz iluminou-se.

— Com licença, Donald. Alô... oh, é você, Júlia? O rosto miúdo na tela olhou para ele com um sorriso.

— Que sorte encontrá-lo, Martin! Pensei que não estivesse aí... pode vir jantar?

— Deixe-me pensar. Sim... não, me atrapalhei, tenho um jantar com Schenk. Sinto muito, Júlia, esqueci.

— É uma pena. Adoraria vê-lo, Martin. Olhou-o esperançosa.

— Eu também. Talvez possamos encontrar-nos amanhã, para tomar algo...

O rapaz refletiu que, embora Júlia estivesse um pouco velha para ele, e não tivesse intenção de recomeçar tudo outra vez, ainda se lembrava dos momentos agradáveis, naquele pequeno apartamento da Heinrichstrasse, onde havia escrito sua primeira reportagem na máquina portátil de Júlia: *Eu fui o enigma escalante da Elektra,* por Martin Naumchik. Como tinham ficado ambos orgulhosos

quando viram impresso no jornal! Tudo agora era diferente...

— Como está Churchill?

— Tive que dá-lo, Martin. Estava se tornando muito rabujento. Mordeu um amigo meu.

— Que pena! Mas você ainda tem Maggie?

— Sim, Maggie está bem.

No bar, três homens com capas de plástico jogavam moedas numa taça diante da estereofoto de uma jovem bávara gorducha, vestida de camponesa. Sempre que uma moeda entrava no orifício, a mulher rodopiava devagar e levantava a saia, mostrando o traseiro nu. Cada vez que isso acontecia, os três homens desatavam a rir com voz rouca.

Potter tocou-lhe no ombro e murmurou:

— Até a vista.

O rapaz voltou-se, acenando.

— Bem, Martin, telefone-me quando puder.

— Sim, telefonarei. Amanhã, talvez à tarde. Você ainda está no Ministério?

— Ainda estou.

— ótimo. Telefonarei. Até a vista.

A patética figura desapareceu da tela do telefone. Com uma ponta de remorso e um suspiro de alívio, o rapaz recolocou o fone.

Um jovem gordo, vestido com um paletó marrom, tomou o lugar de Potter no bar. Tinha o bigode curto e desleixado e olhos azuis protuberantes, parecendo ao mesmo tempo inocente e dissoluto.

— Alô, Naumchik, como eles estão pendurados?

— Alô, Wallenstein. Um alto outro baixo, como sempre.

— E o terceiro?

O rapaz gordo acenou para o garçom.

— Emile, um Black Wednesday. Escute, Naumchik, você pode ser exatamente o homem que eu preciso. Você conhece Kohler, o sujeito responsável pela cadeia de semanários para o interior?

— Sim, e daí?

— Bem, é ridículo: devo-lhe um favor e prometi cobrir toda a estória do Zôo para ele, amanhã. Esse trabalho tem de ser feito, mas a UPI me propôs uma coisa interessante em Oslo. Dois meses, com tudo pago e estadia nos melhores hotéis. Mas devo confessar: tenho de partir de manhã ou perco a coisa. Você não vai se importar, não é mesmo, Naumchik? Este trabalho só irá tomar-lhe meia hora. Poderei até dar-lhe um pouco mais do meu próprio bolso.

— Um minuto, não estou entendendo uma palavra do que disse. Que história do Zôo?

— Oh, um dos bípedes acaba de dar à luz e Kohler deseja uma reportagem completa para os leitores do interior. Que me diz?

— Bem, suponho que não há razão... — começou o rapaz, parando subitamente.

Que sensação curiosa! Do fundo de sua memória, veio-lhe a imagem de um animal de duas pernas arranhando a parede de vidro de uma jaula, enquanto ele, do lado de fora, no ar frio, olhava maravilhado para suas rosadas mãos de cinco dedos. Que estranho! Era a primeira vez em meses que ele pensava naquilo.

— Então, concorda?

— Não. Pensando melhor, não acredito que seja aconselhável — disse o rapaz.

— Aconselhável? O que quer dizer? Ora, vamos, velhinho, vou acrescentar dez aos vinte de Kohler... e então?

Naumchik esvaziou o copo rapidamente, colocando-o no balcão.

— Não, sinto muito — disse. — Lembrei-me agora que devo estar amanhã num lugar. — Bateu nas costas do jovem gorducho. — Mas, você encontrará outra pessoa, tenho certeza. Até breve, Wallenstein.

O homem olhou-o com cara feia.

— Está bem, já que você quer ser um salafrário.

— Quero — concordou Naumchik, jovialmente — Não somos todos? Mantenha-se limpo, meu velho.

E saiu assoviando. No limiar da porta, parou e respirou fundo. A neve cessara. As estrelas tinham um brilho de cristal sobre os telhados.